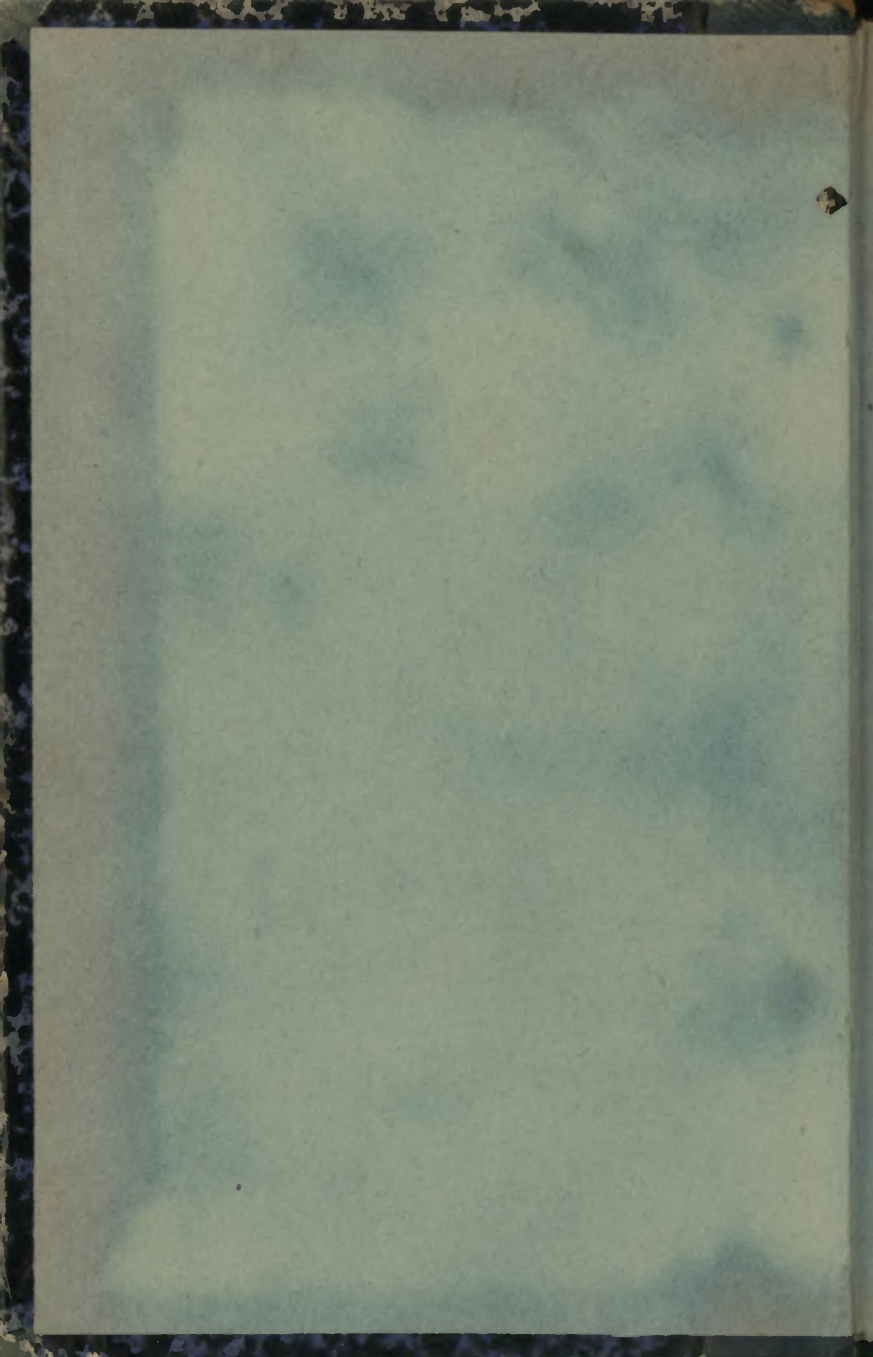


57.



ANTONIO GRANJO

A GRANDE AVENTURA

(SCENAS DA GUERRA)

PER ORDEN PALCOS



LEBROA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GABRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

H. G.
H. G.

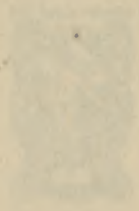
15667

ANTONIO BRUNO

A GRANDE AVENTURA

ESCRITAS DA GUERRA

A Grande Aventura



EDITORA
LIVRARIA
S. PAULO
S. PAULO

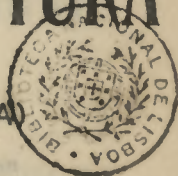
A Grande Avenida

DEP. LEG.

ANTONIO GRANJO

A GRANDE AVENTURA

(SCENAS DA GUERRA)



N. 76685

PER ORDEM PVLGENS



LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 - RUA GARRETT - 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES



Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 17 de Março de 1911.

Handwritten signature
25-11-23

Ao 1.º Batalhão de infantaria 19

Parti de Chaves, com o 1.º Batalhão de infantaria 19, na noite de 20 para 21 de maio de 1917, com destino a Lisboa, onde embarquei, em direção a Brest, no dia 27 do mesmo mez. Cheguei a Brest no dia 1 de junho, desembarcando no dia seguinte para tomar imediatamente o comboio militar que me levou ao acampamento de Etaples. No dia 9 do mesmo mez recebia guia, com outros officaes e alguns sargentos e graduados, para me apresentar no Q. G. do C. E. P., deixando o batalhão acampado.

O batalhão do 19 constituía uma unidade de deposito. Cada um seguiu para seu lado, conforme o exigiam as conveniencias do serviço e as necessidades da campanha.

O 19 foi, porém, de todos os batalhões da Flandres, aquele que contribuiu com um maior contingente de heroismo. Ás nossas mais belas paginas da guerra está ligado

imperecivelmente algum nome do 1.º Batalhão de infantaria 19.

A primeira vitoria sobre os alemães, em Neuve-Chapelle, foi obtida pelo alferes do 19, Antonio Teixeira, miliciano, que conseguiu repelir com o seu pelotão duas companhias alemãs, fazendo alguns prisioneiros, e por esse feito foi promovido por distinção a tenente (aos 18 anos!) e condecorado com a Cruz de Guerra e a *Military Cross*.

O unico golpe ofensivo vibrado ao inimigo foi o *raid* comandado pelo capitão Ribeiro de Carvalho, do 19. Foi por isso (aos 28 anos!) promovido a major e condecorado com a Cruz de Guerra, a *Military Cross* e a Torre e Espada.

Na ofensiva alemã de abril, os cento e tantos soldados do 19 encorporados no 15 por tal forma se houveram que foram todos louvados individualmente.

O Capitão Bento Roma, o maior portuguez do nosso tempo, o novo Duarte Pacheco que em Lacouture restabeleceu a nossa tradição heroica e legendaria, fôra transferido do 19 nas vespas de partir para França e no 19 fez a sua carreira.

É por isso que as minhas primeiras palavras são para o meu glorioso batalhão. Se o destino lhe foi descaroavel, se a Historia nem

sequer o encontrará como uma unidade combatente e precisará de ir buscar aos outros batalhões a noticia dos feitos dos seus officiaes e soldados, que ao menos fique esse glorioso numero 19, que desde o Bussaco vem illustrando os nossos fastos militares, na primeira pagina deste livro de recordações.

É possível que alguns olhos caíam sobre estas linhas. Desejaria que no coração do portuguez que as lesse, esse numero 19 ficasse gritando e ardendo como a propria voz da Patria.

Ao 1.º Batalhão de infantaria 22

Apreei-me do comboio militar na base do sector portuguez, em Aire-sur-la-Lys, a 11 do referido mez de junho. Tive ordem para me apresentar na 1.ª Brigada, a fim de receber destino. Um caminhão conduziu-me no dia seguinte ao quartel general da Brigada. Fui colocado no Batalhão do 22, que estava guardando o sub-sector esquerdo do sector da *Ferme du Bois*. Dormi neste mesmo dia, 12, no comando do Batalhão. Tomei conta do meu pelotão, o 3.º da segunda companhia, em 13, ás 15 horas.

Neste batalhão fiz a minha campanha nas trincheiras até passar à reserva, em 30 de outubro, em virtude da idade e em obediencia à lei, e ser nomeado defensor do Tribunal de Guerra que funcionava na frente, junto do quartel general do corpo. Tinha cumprido o meu dever. A situação comoda e livre de perigo que disfrutava não estava nos meus propositos. Regressei a Portugal,

tendo chegado a minha casa justamente na noite de Natal.

As impressões que me ficaram, e a que eu procurei dar a forma simples e desataviada de pequenas narrativas, sem pretensões a grande descriptivo, tinham que ser dedicadas, porque lhe são devidas, a esse firme batalhão do 22.

Os momentos inolvidaveis das trincheiras, a lembrança dessa camaradagem em face da morte, vivem nos meus olhos como a propria luz do dia. Dentro do meu ser, até que se dissolva entre os estertores da ultima agonia, as caras energicas desses soldados apresentar-se-me hão sempre na memoria como as imagens de um retabulo sagrado.

Algumas vezes os animei, nas horas de combate, com as palavras que me ditava a paixão patriotica de que fiz sempre a razão dos meus actos. O que vou escrever para esses homens do povo, cuja valentia e cuja alegria conseguiram suprir as deficiencias da organização, as faltas dos dirigentes e a pouca fé dos chefes, é como se lh'o dissesse ainda em face do inimigo.

A Patria precisa cada vez mais dos seus filhos. Para resgatar os erros passados e remediar os males presentes, é preciso que o mesmo espirito de sacrificio com que os nos-

os soldados guardaram e defenderam da furia alemã a linha que lhes foi confiada, se nos comunique a todos. Só assim poderemos encarar com certa tranquilidade o futuro.

Batalhão do 22, mocidade de Portugal, como em face do inimigo, a Patria comanda:

— Olhar frente!

A grande aventura

No imenso acampamento, onde formigavam 150.000 homens, foi destituado ao meu batalhão um pequeno quadrado sobre um montículo de areia, do qual se disfrutava um vasto panorama. Pela encosta abaixo, as tendas de campauha alinhavam-se pelos largos arruamentos ou ordenavam-se em xadrez em longos quadriláteros. As barracas das messes, das igrejas, dos cinematografos, dos postos de socorros, com as paredes sujas da poeira e do ar salino, negrejavam entre a brancura das tendas; e os edificios das cantinas, aqui e além, avultavam como obras em começo de uma grande cidade em construção.

Para a direita, na parte da duna revestida de pinheiral, limitando com o nosso, mas vendo-se apenas entre os pinheiros as primeiras barracas, ficava o acampamento dos australianos. Tinha já havido alguns conflitos entre os nossos soldados dos primeiros

batalhões desembarcados e esses enormes homens do Pacifico, pagos principescamente e que enchiam as terras por onde passavam das suas libras esterlinas, dos seus olhos azuis e ingenuos de grandes animaes e dos seus chapéus semelhantes aos das nossas tropas coloniaes. Os nossos tinham liquidado esses conflitos à facada; e como se chegara a pegar nas espingardas de ambos os lados, tinham-se extremado os dois campos com solidas defesas d'arame farpado, tinha-se prohibido a entrada duns no acampamento dos outros e tinha-se regulamentado até o itinerario dos que estavam de folga e queriam ir dar uma vista d'olhos a Etaples, a Paris-Plage ou aos hospitaes.

Para o poente, o céu coloria-se das tintas das marinhas dos paizes do norte. Viam-se as pontas dos mastros das embarcações que se baloiçavam negligentemente no pequeno porto. Quando o sol cahia e tocava a linha do horisonte, o céu apagava-se quasi logo em sombra, envolvendo o acampamento numa penumbra funebre.

Para o sul, até à praia elegante cujos *chateaux* mal se adivinhavam, estendia-se uma massa florestal sobre a qual voavam bandadas de corvos. No sopé da colina arenosa, á borda do pequeno rio, perpendicularmente á

linha ferrea, acachapava-se a pequena cidade de Etaples.

Nessa manhã de junho o sol espontara, entre nuvens de rebordos recortados, dando a perfeita idéa de uma rosa de luz. Tinha-me erguido, com os ossos moídos da tarimba, logo ao alvorecer. Ao ar livre, com duas mantas por cima, dormiam dois inglezes. Na ravina, onde estava acampado o batalhão do 6, ouviram-se rufos de tambores. O 6 marchava para o campo de instrução.

Encontrei levantadas as tendas do batalhão inglez que acampava ao nosso lado, para o nascente, onde começavam os campos de trigo. As cotovias cantavam. Os raios do sol arrancavam da areia fugitivos reflexos metallicos e faziam reverberar as goticulas de orvalho que se suspendiam das hastes tenras dos trigaes.

Na sua prisão — quatro palmos de terra cercados de arame farpado com uma tenda ao meio — um soldado inglez contemplava indiferentemente o acampamento, que se enchia de ruidos de passos, de toques de clarins e de vozes de comando.

Num terreno de parada formava uma companhia ingleza. Ia embarcar para a frente. Uma charanga, na larga rua desenhada com fiadas de pedras de cal, esperava que a com-

panhia encetasse a marcha. Os officiaes chegaram, tomaram os seus logares. As caras duras dos soldados, voltadas para o sol nascente, tinham um ar de desafio. O desfile começou. As notas do *Typerary* vibraram no ar translucido da manhã, logo que o primeiro pelotão, com o official à frente, a espingarda suspensa horizontalmente pelo fuste, na altura da culatra, avançou os primeiros passos. O sol dardejáva sobre os capacetes e os metaes dos equipamentos. As mascaras e os capuzes bamboleavam nos flancos. Os outros pelotões partiram. Atraz, o capitão, segurando tambem a sua espingarda, com as tres ordenanças, marchava de olhos no chão.

Quando as últimas filas sahiram da parada, viram-se passar as primeiras a meio da encosta e ouviu-se uma musica escoceza tocar uma canção regional. A gaita de foles ria estridulamente acima do barulho das pesadas botas inglezas batendo surdamente a areia.

Fiquei pensando no destino desses homens que marchavam para a morte a passo chronometrico. As musicas calaram-se. Ouviu-se o apito duma locomotiva.

Um grupo de escocezes, as pernas musculosas ao léo, as saias curtas em volta dos quadris, as fitas dos gôrros pendentes sobre a nuca, passou numa algaraviada alegre. Sen-

tia-se o rouquejar dos motores dos automoveis que passavam para os hospitaes, instalados entre o acampamento e o mar, à sombra das arvores seculares de um velho bosque.

Para onde iam esses homens? Sabiam apenas que embarcariam num comboio, na *New-Siding*, estação improvisada que servia o acampamento, em direção à frente, à procura do inimigo. Era lá que os esperava a morte.

Este pensamento fez com que me parecesse ver nos seus movimentos uma gravidade quasi religiosa. Dir-se-hia que se despediam da luz do sol. Ao mesino tempo, quando os seus olhos claros fitavam o horizonte, havia neles uma tal tranquilidade e uma tal confiança que dir-se-hia dirigirem-se apenas para nna agradavel empreza, rodeada de perigos, acumulada de obstaculos, cheia de imprevisto e de grandeza, da qual haviam de voltar em breve para gosarem longas e deliciosas horas de merecido repouso e de doce alegria. O olhar de um oficial que, ao passar, me fixou risonhamente, trouxe-me à lembrança o olhar de um inglez que um dia, no Caes da Alfandega, vi despedir-se dalguns amigos no momento de partir para a Zambesia numa digressão cinejetica.

O sol começava a aquecer, mas a briza

do mar temperava o dia, e uma grande vontade de viver, quasi a volupia de viver, parecia apoderar-se das criaturas e das coisas. Apeteceu-me um banho. Desci a rampa e disse ao soldado inglez encarregado do serviço que m'o preparasse. As cozinhas fumegavam. Uma leve bruma, como um tenue véo azulado, se elevava, em baixo, além da pequena cidade, dentre as ramarias espessas da floresta.

Entrei no pequeno quarto onde tinham acomodado a tina. Os inglezes têm o bom costume de forrar as paredes de todas as barracas, de todas as casas, onde um dia tiveram de passar algumas horas, de illustrações arrancadas às suas revistas. Por toda a parte, em todas as terras que corri, nas ruinas onde acantonei, nos abrigos onde dormi, nas proprias trincheiras, o humorismo inglez se ostentava em todas as suas facetas. Os meus olhos depararam com a figura de um rapaz, estampada a meia largura da pagina, tendo, por baixo, em grossos caracteres, as palavras «TO THE GREAT AVENTOROUS»; e a seguir, em tipo miudo, a noticia de que o socio do *Club Aeronautic*, de Londres, F. L. Smith G. Spichell, havia partido para a frente occidental no posto de tenente.

PARA A GRANDE AVENTURA! Eram as palavras

proprias. Os homens que eu tinha visto partir para a frente da batalha, erectos dentro das suas fardas kakis, firmes sobre as tacões ferrados das suas botas, lançando os seus braços para a frente como volantes acionados pela mesma força, tinham resolvido embarcar muito simplesmente para a grande aventura da guerra. Aventureiros da morte, achavam que a vida era excessivamente monotonica e que havia chegado o grande momento de se disputarem ao tédio. Iam gosar a vida em todo o seu esplendor. Só o perigo faz apetecivel a tranquillidade remançosa da nossa casa; só o canhão acorda nas sub-fundezas da nossa alma as virtudes maximas do sacrificio e as belezas supremas da coragem.

De certo modo todos aqueles que foram para a guerra, mobilisados ou voluntarios, iam possuidos do mesmo espirito de aventura.

A GRANDE AVENTURA!

Resolvi adotar estas palavras, no limiar deste livro, como uma legenda.

De Lisboa a Brest

O transporte em que meteram o meu batalhão havia sido antes utilizado na condução de gado da Australia para a Inglaterra. Num dos porões arranjaram com algumas tabuas de pinho uma meza de jantar, e, logo ao lado, separadas por um tabique aberto a dois terços de altura, fizeram umas tarimbas sobrepostas a que déram o titulo pomposo de beliches. Os liquidos que escorriam pelo soalho e o fartum das aglomerações humanas produziam vomitos.

O transporte levantou ferro á tardinha. Dos botes subiram os ultimos adeus, os lenços agitaram-se como um bater aflitivo de azas, e a casaria da cidade foi-se confundindo, para traz, na mesma mancha policromica.

Quando passei deante dos Jeronimos, compreendi o pensamento da geração que construiu o maravilhoso monumento. O transporte começava a ganhar um leve balanço; e ou fosse sonho da alma ou ilusão dos sentidos,

pareceu-me que a igreja e o convento adquiriam tambem um leve balanço e se apresentavam a navegar de conserva comnosco. Com as suas cordagens, com os seus nichos, com as suas ogivas, o monumento tomou aos meus olhos o aspeto de um grande navio, que lá em tempos remotos voltara da India, batido e lavrado pelas mãos piedosas e heroicas dos mareantes, e ali ficara encalhado, quando o braço luzo perdera o vigor, convertendo-se por um prodigio de lenda os marinheiros em santos de pedra e as velas em corucheos. E durante um minuto viveu dentro de mim o pensamento de que a alma da raça havia emfim despertado, e os mareantes, animando-se de nova vida, retezavam o cordame e soltavam as velas ao vento da gloria.

Lá iamos novamente á guerra, para paiz estranho, levando nas bocas das espingardas a febre heroica da raça. Era a velha alma de Portugal, que, errando pelas sombras da historia desde 1580, encontrava novamente o seu arcaboço e ia demandar, atravez os mares do norte, os seus novos destinos.

.....

Lenços acenavam das margens, das janelas, dos barcos. A Torre de Belem ficava a ré, já muito longe, como um grande lenço bordado de espuma. As gaiivotas acompanhavam o

navio, como mensageiras das derradeiras despedidas. A cidade desapareceu nas ultimas tonalidades do crepusculo.

Começou a escurecer. A Arrabida projectava-se sobre as ondas como uma tinta diliquiscente.

O meu transporte é o que abre a marcha. Debruço-me, da prôa, sobre o abismo. As vagas, ou ostentam o ventre duma fosforescencia azulada, roçando-se lubricamente pelo costado e uivando como lobas insatisfeitas, ou mal deixam aparecer á superficie uma escumalha livida, como sahida duma imensa boca putrida. Um farol abre sobre o mar uma estrada sanguinea.

Os torpedeiros, que bateram o largo, aproximam-se agora da frota. Um avança para a frente do meu transporte e distaucia-se até se perder na treva. Um outro forma no flanco. Os «bigodes» de espuma, que os torpedeiros rasgam atravez das ondas, dão a idéa de pequenas cascatas luminosas.

Não se ergue uma voz sobre o misterio do oceano; não palpita uma luz sobre o misterio da noite.

.....

Quando acordo, de madrugada, e venho para a coberta, vejo uma fita rosea no extremo horizonte. São ainda praias de

Portugal. E todo o dia os meus olhos são atraídos para essa linha d'areia dourada, que se prolonga desde o Minho até ao cabo de Finisterra. Atravessa-me a mente a mesma idéa que sempre me acode quando passo a fronteira do norte e verifico que a terra galega é a mesma terra nossa, que é o mesmo o doce sol que aquece uns e outros torrões, que é a mesma a agua fresca e clara que rega uns e outros vales, que por toda a parte, nas duas terras, sorri, canta, vôa a mesma alma — a mesma voz saudosa, a mesma humildade de raiz, o mesmo sonho de emigrantes, a mesma firmeza de lavradores.

.....

Nas proximidades do cabo Fiuisterra a vaga cresce e o balanço torna-se mais sensível. Entro de dia á companhia. A maior parte dos soldados enjoou. Alguns andam pela coberta, palidos, espantados, escorregando na agua salgada que salta sobre a amurada, agarrando-se desesperadamente ás cordas e aos ferros e levando de vez em quando as mãos convulsas á garganta. Outros deixaram-se ficar sobre as enxergas, de bruços, com a cara afogada na travesseira para que a vista dos detritos vomitados pelos que ficam ao lado lhes não provoque novas nauzeas.

Os torpedeiros afastam-se, explorando o

largo a toda a velocidade. A frota muda a disposição de marcha. O meu transporte passa para a retaguarda. O comandante e o imediato, do castelo da prôa, prescrutam com os binoculos os ultimos limites do horizonte.

Um marinheiro inglez, enrolando um cabre, trauteia uma canção e olha apreensivamente para os lados da terra. Vejo bastantes soldados na coberta com os cintos de salvação.

— Que é?

Um soldado do 20 explica que se espalhou o rumor de que os torpedeiros avistaram um submarino.

Os cintos de salvação não chegam para um terço dos soldados.

.....

Tratam-nos como tratariam cavalos. Desde que sahimos de Lisboa que não comemos senão batatas. A carne é pôdre, o bacalhau é intragavel, o vinho é uma mixordia ignobil.

Alguns officiaes reclamam. As reclamações não dão resultado. Uma vez, á meza, os protestos são um pouco mais altos e obrigam o comandante do 20, que é o mais antigo, a intervir.

Entre os soldados começa a notar-se uma certa indisciplina, um vago murmurio de

insubordinação. E' preciso atirar com alguns para os porões.

Por mim, tenho uma saude perfeita. As batatas bastam-me. O convívio com o mar encanta-me. As horas de vagabundagem, pelo tombadilho, altas horas da noite, ouvindo a respiração confusa das bocas que dormem, espreitando as silhuetas dos torpedeiros, examinando as volutas das vagas, seguindo o curso das estrelas, e deixando ir a alma, pela estrada de S. Tiago, até á risonha terra onde me ficou, em certa mão pequenina, o coração, enchem-me de uma deliciosa ancia o espirito, como o ar iodado me enche de uma força nova o sangue. Compreendo que o gosto de viajar é o mais perfeito desta vida.

.....
Amanhã, até ao meio dia, devemos ancorar no porto interior de Brest. Nesta ultima noite de bordo ninguem quer dormir. Os soldados apertaram os cintos e alguns aproximam-se das machinas para receber um pouco de calor.

O navio caminha silenciosamente atravez da noite opaca e densa, dentro da qual só se agita a vaga, encrespando a crina de uma lividez suja e batendo o costado num fragor surdo de catastrophe.

Para a direita, uma massa mais escura,

erguendo-se sobre o mar, denuncia a costa. As estrelas parecem vigiar-nos hostilmente.

Depois da meia noite, o frio, mais intenso, engaranha as mãos. Os ultimos soldados abandonam a coberta. Só as sombras imoveis dos artilheiros da marinha ingleza que guarnecem o canhão à pôpa se projetam sobre o fundo fosforescente.

Os meus passos soam como sobre um tumulto. Dir-se-hia que o navio é um enorme esquife, transportando uma carga de cada-veres.

Enterro os olhos na escuridão, para o lado da terra. Acaricia-me o primeiro halito da madrugada. Vejo brilhar na treva uma luz intermitente. São sinaes luminosos que vêm da terra? Dou uma volta e encontro um homem, junto da entrada dos camarotes dos officaes de bordo, com uma lanterna, correspondendo aos sinaes. O homem, logo que me vê, somc-se no corredor. É um espião? Esse segredo ficará sempre, suspenso entre o misterio do mar e o misterio do céu, como o uivo da vaga que passa e se perde na amplidão

.....
De manhã passam por entre os transportes e os torpedeiros, boiando, tabuas, pipas, cintos de salvação, destroços de um torpedeamto ou dum naufragio. Perdeu-se de vista

a terra. Noto que aproámos para o noroeste. Ao nascer do sol, os quatro transportes formam em diagonal, e, enquanto dois torpedeiros, à frente, se cingem quasi à frota, os outros dois, à retaguarda, afastam-se consideravelmente.

À pôpa, junto do canhão, trava-se longa conversa entre alguns soldados portuguezes e os artilheiros inglezes. Um destes, que tem os pulsos tatuados, ri a bandeiras despregadas das momices de um dos nossos que pretende fazer-lhe comprehender, por uma abundante e larga gesticulação, que está morto por se medir com o boche.

Aparece, já pela tarde, a primeira gaivota, depois surgem as calvas de alguns rochedos. Vem ter connosco um torpedeiro francez. E, enfim, deante de nós ostenta-se a primeira colina, com um pequeno santuario no cimo. Os soldados acumulam-se na amurada. Os olhos dos minhotos do 20 prendem-se à torre branca do pequeno santuario, e as capelas das suas terras, brancas como almas sem peccado, veem-lhes á imaginação, veem-lhes aos olhos, numa primeira onda de saudade

Do fundo das arribas que se apertam à entrada da bahia espreitam os canhões. Um balão cativo suspende-se sobre a cidade.

Ancorámos. A bordo do *Gloire* toca-se a *Portuguesa*. Sobre a bahia mansa, sem uma ruga, estendendo-se, entre as colinas, como uma imensa tela azul, o sol parece desfazer-se em pastas de luz. As colinas recortam-se com uma elegancia quasi feminina.

Uma voz rude, potente, dessas vozes que em Traz-os-Montes falam de cerro para cerro, vibrou na atmosfera translucida:

— Viva a França!

De Brest a Étapes

Não sei bem por que complicadas conveniências, aos officiaes que vão no meu transporte não é permitido ir a terra, Eugrinho os hombros.

Um dos meus camaradas comenta:

— *C'est la guerre...*

Desembarcamos no dia seguinte e formamos no caes, à espera que se organisem os comboios.

Debruçados de um muro alto, os habitantes olham com curiosidade estes novos soldados do Direito, que veem do extremo occidental, para tomarem o seu logar na linha de batalha.

Uma velhota vende laranjas de Sagunto, embrulhadas em reclamos da casa exportadora. Anda vestida de preto, e nos olhos azuis, magoados, tristes, parece viver a imagem de algum filho morto em combate.

— *Madame, des oranges...*

E procuro dar à voz uma entoação de enternecida simpathia.

A velhota fita-me e os seus olhos adquirem subitamente um tom duro e glacial.

Insisto:

—*Madame, des oranges...*

A mulhersinha volta as costas e afasta-se, numa grande atitude de dignidade ofendida.

Um dos soldados dirige-se-lhe:

—*Mademoiselle...*

E logo a velhota tira da cesta duas laranjas, oferecendo-as ao soldado, e arremessando-me um olhar fulminador.

É a primeira lição de coisas. Já sei que nesta boa terra franceza terei de considerar solteiras todas as mulheres que encontrar pelo caminho. Não se pode dizer que não haja nisso certa vantagem...

Os pelotões põem-se em marcha e formam em frente dos vagões que lhe são destinados. Faz-se a distribuição das rações. Verifica-se que não chegam para todos. *C'est la guerre...*

Não é possível aguentar na forma os soldados, cançados das vigílias da travessia, sentindo ainda as tonturas do enjôo, e exaustos das longas horas de formatura. Saltam às carruagens, atirando-se uns para cima dos outros, praguejando, insultando-se, empurrando-se, largando os equipamentos, disputan-

do-se as latas de conserva. É o rebanho humano.

Acondicionado o meu pelotão, espapaço-me numa carruagem de 1.^a; e é mergulhado numa deliciosa modorra, mal percebendo as vozes dos officiaes, as pragas surdas dos soldados, os apitos das machinas, que sinto rolar o comboio.

Toda a noite o comboio rola pela planicie sem fim. Como cabeleiras de sombra, as florestas ondeiam na noite, e os campos deslissam, intérminos, isóchronos, sem uma parede, sem uma ondulação, como nma imensa superficie tingida de negro.

Um capitão, que se sentou à minha esquerda, deixou pender a cabeça sobre o meu hombro. Um aspirante miliciano, defronte de mim, encostou-se para traz e dorme tranquilamente. Uma pequena sombra, projetada pela esquina duma mala da ordem, e que vae mal segura na rêde, põe-lhe na face um laivo de mau agoiro.

De vez em quando o comboio pára numa estação, vê-se o kepi de um official francez assomar á portinhola, e continua-se rolando na noite.

Numa carruagem proxima canta-se o fado. As notas penetram na treva como soluços. A voz eleva-se, primeiro gradualmente, pastosa, cheia, quasi vertendo sangue, como um

coração que uns braços aflitos fossem levantando para o céu; depois a voz baixa, devagarinho, suspendendo-se, pairando, como uma lagrima que se fosse despejando dos olhos duma estrela. Certos soluços parecem quasi gritos, como se estivessem decepando um collo; certos queixumes mais parecem os suspiros de uma alma arrancada a um corpo moribundo. A noite possue-se de maior tristeza, a paizagem carrega-se de maior negrura e a alma abandona-se-nos mais á fatalidade do destino.

Ouve-se uma voz, a uma portinhola visinha, cortando uma conversa :

— Seja o que Deus quizer !

Quando aparece o dia, tudo quer ver a terra estranha, pela qual se vae combater. A planicie estende-se até á linha do horizonte. Aqui e ali manchas florestaes; interminavelmente, verdes pradarias, onde pastam vacas leiteiras; campos de trigo, onde a lingua dourada de um sol ainda convalescente lambe gulosamente as hastes, espalhando a sua baba luminosa pelos regos d'agua.

Um soldado meu conhecido, de Barroso, passa junto da minha carruagem e despede-me o estribilho regional :

— O' meu alferes, isto p'r'aqui é que são terras !

Não se vê ninguém a trabalhar. A Terra é que oferece os seus opimos frutos ao homem. Esta gente deve viver quasi sem esforço. A agua corre por todos os lados, como sangue alegre e vivo e as sementeiras gradam por si, como nos nossos campos gradam as urzes e as estevas.

Pobre lavador de Traz-os-Montes, rasgando a enxadão os seios da encosta para poder comer um bocado de pão, remexendo de sol a sol, todo o santo dia, as entranhas do apertado vale para poder comer umas batatas á ceia! Pobre lavrador do Douro, transportando ás costas a terra que ha-de encher os interticios dos rochedos, onde os braços da videira se enrosquem, para que o sol taste os bagos loiros das uvas! Pobre lavrador minhoto, aproveitando as arvores para enforcar as videiras, e sachando o campo com a mesma devoção com que reza o padre nosso para se assegurar uma brôa de milho!

Como é que se não ha-de ter criado nesta terra uma grande civilisação, se a vida parece tão facil que basta viver-a?

Soam-nos aos ouvidos, durante o dia, nomes conhecidos de cidades, de rios, de regiões. Amolecidos, enfartados da viagem, mortos por chegar ao fim, tudo passa diante dos nossos olhos como um vago cosmorama.

Não sabemos ainda para onde vamos. Em Lisboa, baldearam-nos do comboio para o transporte, como a uma carneirada; em Brest meteram-nos nos vagões como uma teoria de escravos. Começam a buzinar-nos aos ouvidos com as necessidades estrategicas e o perigo da espionagem.

Pelo fim da tarde, o comboio estaca deante de uns barracões de madeira. Ouve-se falar portuguez. Trepá á carruagem um official de infantaria 6 e anuncia:

— E' aqui!

Equipamo-nos. Apeamos. Um grupo de officiaes inglezes observa-nos. Uns prisioneiros alemães que trabalham na construção de uma nova via suspendem as picaretas e enviezam os olhares para estes novos inimigos.

Quando começamos a subir para o acampamento, em coluna de marcha, com uma banda á frente, um aeroplano paira por cima de nós, como um grande abutre de azas abertas, espionando a preza.

Um dia fóra do acampamento

Saimos, eu e o meu companheiro de tenda, logo de manhã, do acampamento, na disposição de visitarmos a pequena cidade situada no sopé da colina e a linda praia que se projecta no horizonte azulino do mar, além da massa verde da floresta, como uma visão de encantamento.

Detivemo-nos um pouco junto duma barraca onde se celebrava o culto protestante e donde vinham os compassos solenes de um cantico religioso; e, mais adiante, junto duma messe de sargentos, donde vinham as notas alacres dum «cake-walk», atacado num piano pelas mãos dexteras dalgum «cow-boy» do Canadá.

O «tramway», esperava. Era uma carripana digna de entrar para um museu archeologico, e que, á falta duma mão misericordiosa que a levasse para os Invalidos, ia fazendo tristemente o transito de passageiros entre as duas cidades.

Um cabo português fazia a policia, exigindo as licenças. Perto de mim sentou-se uma rapariga de olhos verdes e sorriso largo, o rosto torpemente pintado, e com um chapéu que podia também ir para os Invalidos. Era uma refugiada belga. Andava por ali aos encontros, babujada de todos esses homens que desciam do acampamento após os violentos exercicios duma instrução intensiva, ebrios de uma hora de goso, devassando com os olhos lubricos os vestidos de todas as mulheres, rangendo os dentes á vista duma perna nua, como bestas ferozes uivando de cio.

Os pobres belgas! O que se diz dessa pobre gente que os canhões alemães arremessaram para a França como rebanhos tresmalhados á busca dum refugio onde pudessem repousar a cabeça aflita de expatriados! Em volta deles faz-se uma mefitica atmosfera de suspeição, e o epiteto de espiões envolve tanto os que salvaram a civilização pela resistencia ao invasor, como os que, acomodados sob as ordenanças de Bissing, encolhem os ombros e deixam correr os fados. Pobres refugiados belgas que eu encontrei por toda a parte, enxotados como animais imundos, recebidos por favor nos «ateliers» e nas «brasseries»!

Deslisavamos através da floresta. Corvos passeavam pelas aléas. Ao fundo duma ave-

nida, impunha-se a fachada, de linhas architectonicas, do *Grand Palais*, onde uma duqueza inglesa á sua custa instalara e sustentava um hospital de sangue. As «misses» passavam, com os seus vestidos brancos, as suas faces maceradas de freiras confundindo-se com a brancura do linho dos colarinhos ou das toucas. Um grupo de officiaes ingleses, com os cintos envernizados, de grévas e esporas, abatendo com os «steaks» os ramos mais baixos das arvores marginaes da estrada, caminhava em silencio.

Desembocámos na rua de Paris. Portugueses, ingleses, escoceses, australianos, canadianos, franceses, russos, belgas, cruzam as fardas e as continenciás, sorriem para as mulheres, param junto das montras e das vitrines, elevando-se no ar uma massa confusa de sons, feita de todas as vogais, de todas as consoantes, de todos os ditongos, como um cantico longinquo entoado por uma multidão cosmopolita.

— Oh! Granjo!

E uns braços amigos abrem-se desmesuradamente, salientando o peito forte dum meu comprovinciano. Conversamos, rimos. Uma «matelote», com a sua touca engomada abrindo em leque a meio da cabeça, o seu chale de ramagens brilhantes semelhante ao

das «chalras», com o seu ramo de flores na mão, passa por nós. Olha com certa surpresa para as minhas avantajadas proporções de carregador de alfandega e para os meus simples galões de alferes, e sorri. Na sua boca carnuda, esse sorriso toma um sabor peninsular, uma expressão viva e quente, e os seus olhos profundos, a sua testa branca, o seu cabelo preto, apartado ao meio, dão-nos a ilusão de que passa uma mulher portuguesa num costume de Carnaval.

Vamos até ao *Boulevard de la Mer*. Um biplano repousa no areal. Na fimbria do horizonte as velas dos barcos de pesca maream largos triangulos no ceu azul palido. É a baixamar. Cordas de agua suja escorrem pela praia. Ao fundo do «boulevard» o «Atlantie-Hotel», onde está instalado um hospital de convalescentes, dá uma forte impressão de magestade. Em face do mar quieto, cujas ondas veem morrer num doce murmurio na praia, a sua fachada monumental faz pensar num convento. Podiam pôr-lhe o nome de Hotel do Silencio.

O biplano levanta vôo, plana alguns minutos sobre a praia e indireita para o hangar duma escola de aviação proxima. A mesma refugiada belga que veio comigo no «tramway» encosta-se á grade do passeio e olha

indiferentemente a linha colorida das «vilas» e dos «chateaux».

Almoçamos no «Grand Hotel des Bains». Ao lado da sala de jantar, escoceses sapateiam uma dança regional. Da rua vem o rumor das vozes babelicas dos que vão e veem, á espera da hora em que tenham de encarar a morte. Fico com a impressão de que toda essa gente, todo esse muscu de fardas, pertence já á historia, pertence já ao Passado, e que todas aquelas vidas, já do dominio da campa, andam ali por favor e mercê das Parcas.

Depois do almoço, damos uma volta pela cidade. No portão de um «chateau» via-se o nosso escudo. Era uma republica de officiais nossos. Ao metermos da rua de Moscou para o *Boulevard Daloz*, agitam-se varios braços numa janela, e novamente chega aos meus ouvidos a saudação amiga:

— Oh! Granjo!

Subimos. Estala o «champagne». Abre-se uma garrafa de autentico e velhissimo Porto. Como devo partir para a frente dentro de poucos dias, com os abraços de despedida misturam-se os desejos de boa sorte. Já ia na rua, e ainda as vozes amigas repetiam:

— «Bonne chance»! «Bonne chance»!

Jantamos na pequena cidade que deu o nome ao acampamento. Ha, em França, em

frente de todas as estações um hotelsito. Tomamos uma mesa nesse *Hotel de la Gare*.

Defronte de nós jantavam, numa mesa redonda, oito oficiais ingleses. Dois deles eram coudecorados, um trazia o distintivo de ferimento em combate, e alguns mostravam no ombro, passando sob a platina e o braço, os cordões devidos a dois anos de guerra. Eram porventura veteranos do Yser e do Somme. Os seus olhos haviam presenciado as grandes hecatombes e os seus braços haviam-se erguido para apontarem aos soldados o caminho da vitória. E porventura voltariam amanhã para a frente, para essa predestinada Belgica, onde as grandes batalhas recomeçavam.

Neste intervalo de repouso, aqueles guerreiros modernos falavam alto, soltavam estrondosas gargalhadas, diziam equivocadas amabilidades ás criadas que serviam á mesa. Acudiram-me á lembrança as scenas das estalagens dos velhos romances de capa e espada, em que o tinir dos ferros se succedia sempre ao tilintar dos copos.

O que seriam aqueles homens antes da guerra? Dos oito, apenas um, o mais novo, um alferes, parecia uma criatura polida e educada, saída da alta burguezia ou dalgum velho ramo da fidalguia inglesa. O sorriso discreto e afavel, as mãos finas, os olhos se-

renos e pensativos, o nariz levemente aquilino, as palavras medidas e cortezes, o respeito com que o ouviam os camaradas, faziam pensar nalgum baronete que a tempestade houvesse atirado para aquela mesa modesta dum hotel barato. Os outros tinham a apparencia de antigos chefes de oficinas ou antigos caixeiros viajantes, que as necessidades da guerra haviam transformado em condutores de homens e que esperavam o momento da paz para regressarem ás suas habituais occupações.

Os guerreiros modernos! Sem duvida, a guerra moderna perdeu muito do seu pitoresco, porque deu lugar á destruição do militar profissional. Oh! como seria bem mais interessante, em vez de vêr desfilar um batalhão inglez, vêr desfilar um terço espanhol!

A guerra industrializou-se. Ameaça mesmo eternisar-se. E a não ser as saias riscadas dos *highlanders* tudo é banal.

Quem me diz a mim que estes homens, trajando uma farda que muito bem pode ser um fato de passeio, não estão comendo o seu jantar depois de ganharem o seu dia num escritorio ou numa fabrica?

Para a frente

Às 8 horas precisas estávamos na *New Siding*. Os ingleses, para servirem o acampamento, haviam prolongado a linha ferrea e feito essa nova estação. Mas só embarcaríamos às 10, porque era necessario fazer seguir primeiro uma brigada inglesa, e as 18 ou 20 vias estavam atravancadas de imensos comboios de viveres e munições.

Tinham ido despedir-se de nós os officiaes do batalhão. Alguns soldados da minha terra esperavam-me na passagem para me dizerem adeus. O meu batalhão! Desfeito em frangalhos, soldados para aqui, soldados para acolá, metidos à tóa dentro dos batalhões experimentados pelos combates e pelas doenças, mandados para os morteiros e para as metralhadoras, regressará da guerra sem sequer ter a sua historia. Alguns estão já por lá a apodrecer nessa terra estrangeira onde o destino os levou de armas na mão, outros foram já feridos, citados e condecorados, ou-

tros por lá andam com um numero de emprestino, penando as saudades dos seus montes e das suas chãs, como membros dispersos dum corpo esquartejado. Pobre do 19, o belo batalhão da minha terra! Queiu poderá contar um dia as façanhas dessa gente rude dos meus sitios e que andam ilustrando com o seu valor e com o seu sangue a historia dos outros batallhões?

Um comboio composto de 50 carruagens, literalmente acoguladas de soldados ingleses, põe-se em marcha. Num vagão, um soldado improvisou uma scena de circo com uma mascara de papel.

— Gaz!

E põe apressadamente a mascara. Depois tira-a, fingindo expulsar dos pulmões grandes ondas de ar envenenado. Os tregeitos da cara e dos olhos, as atitudes clownescas que o soldado toma, fazem rir os outros a bandeiras despregadas. Um coronel inglês que assiste ao embarque ri tambem desembaraçadamente. E' provavel que, finda a guerra, ainda todos possamos admirar este *clown* inglês numa soberba pantomima, no Coliseu dos Recreios.

As carruagens são excelentes. Escolho um canto onde me acomodo deliciosamente. O comboio começa a andar.

— Adeus!

— Felicidades!

— Até breve!

Emfim, vamos penetrar na região do misterio e da morte.

Todo o dia o comboio arfou através da mesma planície. Numa ou noutra estação, uma senhora vestida de branco ou de negro distribuia café aos soldados. De vez em quando, como grandes nuvens negras que houvessem pousado na terra, os bosques surgiam, ficando logo para traz como manchas palpitantes e fugitivas.

A paisagem é sempre a mesma. O sono é ainda o melhor inimigo do tempo. Dorme-se para vencer a monotonia das horas.

Lembro-me dum unico episodio de todo esse dia de viagem. Numa pequena estação estava uma mulher vestida de luto, com uma criança ao colo. Qualquer semelhança física acordou na mente da criança a lembrança do pai e estendeu para mim alegremente os braços. A mãe voltou-se, fazendo desviar os olhos à criança, que começou a espernear e a sacudir-se no colo até novamente voltar os braços para mim. Uma outra mulher que passava explicou:

— *Son père a tombé á Verdun! Il etait si gros comme vous. . .*

O comboio partiu e vi duas grandes lagrimas rolares pelas faces palidas da pobre mãe, enquanto a criança estendia sempre os braços para mim.

Em Rouen começou a sentir-se o sopro da guerra. Grandes fogueiras, aquecendo os caldeiros do rancho, iluminavam um largo espaço junto da estação, ao correr da via ferrea. Os projectores rasgavam na noite os caminhos do céu à procura dos aeroplanos inimigos. Subia do rio uma brisa fresca. Officiais e soldados passavam perdendo-se na escuridão. Ouviam-se vozes secas, de comando, batendo a treva como chicotadas.

O comboio continuou a galgar a planície infinita, toda a noite e toda a manhã do dia seguinte. Em Bethune encafuaram-nos para uma carruagem blindada. A estação e a cidade tinham sido bombardeadas na noite anterior. Uma esquadilha de observação voltava das linhas inimigas.

Só pelas 12 horas chegámos a Aire-sûr-la-Leys, base de desembarque do nosso sector. Passaremos a noite nessa pequena cidade, cheia de vestígios da dominação espanhola.

Recebemos a lição de gaz no dia seguinte, em *Mametz*, pequena aldeia das proximidades. Numa terra de trigo, cavou-se uma larga

chanfradura, onde se assentou uma grande tenda e se fizeram duas camaras de gazes, uma para os lacrimogeneos e outra para os asfixiantes. Um alferes de cavalaria faz primeiro um prelecção teórica, com certo ar catedrático, ao grupo de officiais, entre os quais alguns officiais superiores. A guerra subverteu de certo modo a hierarquia, e em todos os serviços muitas vezes são os inferiores que ministram instrução aos superiores. A necessidade da especialização e da divisão do trabalho, impondo novos métodos, obrigou a estas situações, com que todos se conformam de boa vontade, porque todos vêem que não poderia ser doutra maneira.

Fcita a prelecção, inspeccionados os aparelhos, entra-se na camara dos gazes lacrimogeneos. E' uma especie de segunda prova dos aparelhos anti-gazeos. Abre-se o deposito, e se através das junturas ou dos foles dos aparelhos passou algum gaz, e as glandulas lacrimais começaram com secreções copiosas, é porque os aparelhos não prestam e não podem já ser submetidos à prova dos gazes asfixiantes.

Entra-se em seguida na segunda camara. Há duas provas sérias. São, debaixo da acção dos gazes, tirar o respirador e pôr o capuz, e depois tirar o respirador e tornar a ajustá-lo,

à voz de comando. Houve já alguns casos fatais.

Tudo correu bem, e cada qual foi saber do seu boleto para no outro dia seguir ao seu destino.

Perto da povoação onde fui aboletado, Mametz, ha uma escola de aviação. As esquadrilhas iam e vinham, como bandos de grandes aves planando em vôos tranquilos sôbre os campos verdejantes. Um sol amelado doirava tudo, pegando-se às bermas das estradas, às folhas das arvores, aos tijolos das casas, às aguas correntes.

O canhão troava ao longe, sem cessar, e a sua grande voz, que acordava toda a terra e enchia todo o espaço, parecia que chamava à luta todos os povos.

Não faltavamos à chamada, nós, os portugueses.

Na catedral de Aire-sûr-la-Lys

Aire-sûr-la-Lys é a cidade franceza que mais anda na memoria dos portuguezes. Pelas suas ruas estreitas, pelos seus pequenos largos, onde um ou outro palacio dos tempos de Filipe II põe uma nota d'arte, curtiram-se tristes horas de saudade, dolorosas horas de revolta, febris horas de anciedade, pesadas horas de desalento.

Essas longas horas de França, quem as descreverá algum dia?...

...Os que marchavamos para a frente, nesse primeiro dia que passavamos em Aire, demorámo-nos a ver a cidade. Ao dobrar para a *Grande Place*, junto de uma casa renascença, encontrámos um conhecido—um capitão de artilharia que estacionava em Therouanne, com o seu grupo, à espera de ir para a frente, com a 2.^a divisão.

—Que ha por ahí que ver?

—V.V. ainda não foram ao quartel general?

Olhámos uns para os outros. Ninguem tinha conhecimento de que o quartel general se houvesse instalado em Aire-sûr-la-Lys.

O artilheiro endireitou para a *Grande Place*, e, parando em frente duma livraria:

— *Et voila!*

Os portuguezes haviam feito dessa livraria ponto de reunião e por isso lhe davam a designação de quartel general.

Alguns soldados compravam postaes illustrados. Uma rapariga loira, dos seus 14 ou 15 anos, trocava confidencias com um alferes. Dentro do balcão, uma senhora de luto dizia preços a uma outra rapariga, palida e elegante, de olhos escuros, desse escuro-castanho que é uma transição para o verde sujo.

O artilheiro fez a continencia à ingleza e apresentou solenemente:

— *Madame, le sous-lientenant Granjo, ancien député...*

Tive ocasião de constatar que não é apenas em Portugal que as instituições parlamentares estão em franca decadencia. A grande frase só despertou na madama um leve sorriso atencioso.

Era umas dessas familias que se encontravam por acaso na zona de guerra e exploravam a retaguarda. Quando a guerra se resumia à marcha e à manobra, os exercitos

levavam consigo as vivandeiras. Na atual guerra as vivandeiras foram substituídas por esta gente.

A senhora de luto ostenta umas ancas desmedidas e dá à boea pintada, quando fala, um geito pretencioso que lhe oculta as comisuras dos lábios. A rapariga loira, que tem o ar desagradável das precoces, é sua filha. A rapariga de olhos escuros, que parece estar sempre representando uma pequena comédia, é sua sobrinha.

A mãe perdeu o marido na guerra, a filha é uma pobre inocente que geme na orfandade as desgraças do destino inclemente, a sobrinha é uma refugiada vítima da brutalidade alemã, violentada por um monstro boche, numa das aldeias das regiões invadidas, entre o estrondo dos desabamentos e a crepitação dos incêndios.

A filha continua a confidenciar com o alferes. Nos seus olhos azuis, desmesuradamente grandes, os vidros, as estantes, os vultos pareciam refletir-se como sobre duas pequenas poças d'água choca. No rosto fláido, como num fruto pisado, parece começar a surgir essa sombra vaga, subcelular, que precede a corrupção. Em todo o seu corpo havia essas linhas dísformes das coisas feitas pelo artífice e pela força.

— *Au revoir, madame...*

— *Au revoir, monsieur...*

Vagabundeámos pela cidade, ezaminando as gargulas ou os frisos duma antiga casa espanhola, vendo os *souvenirs* de guerra que enchem as montras, ou ouvindo narrar casos das trincheiras, em que tem sempre a palavra a Morte, ou casos da retaguarda, em que tem sempre a palavra o Amor.

Depois do almoço, e antes que chegasse o caminhão que nos havia de conduzir ao Q. G. B., fomos visitar a cathedral. E' uma enorme mole de tijolo, obra ainda da dominação espanhola, dedicada a S. Pedro.

Quando entramos, viam-se filas de genuflectorios no transepto, alguns já ocupados por senhoras, envoltas em crêpes, com os rostos metidos em mantilhas pretas. Estatuas de Joana d'Arc, por todos os lados, interpretando-a como pastora, como guerreira ou como santa, e uma grande estatua, em marmore, de S. Pedro, faziam pensar vagamente num museu. No primeiro altar, do lado do Evangelho, havia uma imagem de Nossa Senhora, com um desses meninos-jesus, de faces rubicundas, côr de maçã camoeza, dos nossos santeiros.

Pendendo para o transepto, dependurada do côro, uma grande bandeira franceza, com

esta inscrição bordada a oiro: *Dieu sauve la France!*

Os genuflectorios povoaram-se de vultos negros. Dois officiaes inglezes acordaram os ecos das naves com os tacões ferrados. Alguns homens, velhos, de luto, olhando o altarmór, de joelhos e com as mãos postas, rezavam recolhidamente.

Sobe ao pulpito um padre. Persigna-se, murmura uma oração. Os dois officiaes iuglezes observam a tela dum retabulo. A voz do padre mal se ouve a principio. Em frente de nós, um vitral, representando um episodio biblico, refulge numa orgia de côr. Pouco a pouco a figura do padre anima-se e a sua voz vae-se elevando, lentamente, como uma nuvem que se vae erguendo. Canta um hino à Patria, à grande e eterna França, filha dileta da Igreja, que os peccados dos homeus puzeram em tamanho perigo e em tão escura turbação. A sua voz eleva-se mais e mais, sem exaltação, sem artificio, como um bronze tangido mais fórte; e, pondo os olhos nas sagradas côres da bandeira, apertando o coração com as mãos ambas, o padre conceita todos os francezes à defeza da Patria, num tom firme, imperativo, metalico, como uma voz de comando ou como um toque de clarim. Fez-se um sileneio. O padre descreve a inva-

são, a derrota, o milagre do Marne. A sua palavra acende-se como um faecho, quando se refere à retirada alemã, à corrida para o mar. Os seus labios tremem, as suas faces tornam-se extremamente palidas, quando se refere aos mortos. Mas a palavra continua a sahir-lhe lentamente da garganta, com um acento que penetra as almas como um estilete. Dirige-se às mães, para que tenham o orgulho dos seus filhos mortos nas linhas de fogo; dirige-se às irmãs, para que peçam a Deus que nunca faleça a coragem a seus irmãos; dirige-se às noivas, para que tragam sempre no seio, junto da imagem do filho da Virgem, o retrato dos que se batem com elas no coração. Os mortos sentar-se-hão à mão direita de Deus Padre, todo o poderoso, gosando da plenitude da gloria e da bema-venturança; os vivos verão os grandes dias da Vitoria, entre hinos e apoteoses.

Uma ou outra mulher soluça. Os olhos dos velhos que rezam prégam-se à bandeira com uma fixidez que tem alguma coisa de feroicidade. E na penumbra das naves as palavras do padre cahem como pingos ardentes, como centelhas de sangue, como gotas d'alma.

Os dois officiaes inglezes fizeram estremeer novamente o silencio com os seus sapatões. O padre desapareceu. As vozes dum orgão

resoaram pelas abobadas, como a refrigerar e consolar aquelas almas aflitas que a eloquencia do padre havia sobreexcitado.

Algumas senhoras tinham-se já levantado e as suas faces, onde havia ainda vestígios das lagrimas, brilhavam duma serena formosura. Mas duas continuavam soluçando, as cabeças enterradas no veludo do jenuflectorio.

Esperei que estas tambem se levantassem. Havia alguma coisa de extranho, de violento e de grande na dor dessas duas mulheres.

Quando descobriram o rosto, reconheci que eram as creaturas da livraria da *Grande Place*.

A noite de Santo Antonio

12 de Junho de 1917.—18 horas.—São do comando do batalhão, acompanhado do segundo comandante, que me vai conduzir ao abrigo da 2.^a companhia, onde fui colocado. Atravesso uma estrada, a que os ingleses deram o nome duma arteria de Londres e passo pelo Posto de Socorros para entrar na trincheira de comunicação. Ha ainda no chão alguns vestigios do sangue de dois granadeiros que foram mortos na vespera; e ainda, dentro dnm abrigo, dois homens atordoados pelas explosões dos morteiros esperam que as suas faculdades mentais e os seus nervos destrambelhados regressem à normalidade.

A trincheira desce. Os meus passos, batendo a passadeira, perdem-se molemente nos taludes, onde as papoilas e os malnequeres se debruçam galantemente. Um aeroplano inimigo plana alto. Uma ordenança passa em sentido contrario.

—Ha alguma novidade?—pergunta o comandante.

—Nada, meu comandante...—e a ordenação segue o seu destino.

Um «decauville» atravessa a trincheira, depois ha uma linha de água e desembocamos na segunda linha.

Sobre toda a superficie da terra reina uma paz absoluta. O sol agarra-se aos caules tenros das ervas como um oleo gorduroso. Uma cotovia ergue-se a toda a altura, e, depois descrever sobre as linhas alguns circulos concêntricos, começa cantando o seu hino da tarde. O canto como que faz vibrar a atmosfera luminosa, a que uma brisa leve dá a amenidade das nossas lindas tardes de outono. Uma fila de ameiros espregueita por cima do parapeto da segunda linha.

Os soldados repousam nos abrigos. A sentinela dum posto de metralhadora, para matar o tempo, faz um catavento, ao qual dá a semelhança dum aeroplano.

Dobramos à esquerda. A linha vai seguindo em zig-zag. Surgem dois soldados, detraz dum través, com um pequeno caldeiro suspenso dum pau que seguram aos ombros. E' o chá. Pousam o caldeiro em cima de uma banquetta e os soldados do pelotão vão-se chegando, com os copos e os cantis. Um deles

traz uma lata com algumas sopãs de pão no fundo; outro engrunha os ombros, olhando desdenhosamente o grupo.

— Se fôsse vinho . . . — e encosta-se ao travez, assobiando, e olhando melancolicamente a paisagem untada de sol, a qual se estende para a rectaguarda em notas bucolicas de arvoredos.

Mais uns passos, atravessamos uma estrada, por cuja berma corre uma linha de abrigos, e estamos no comando da companhia.

Fazem-se as apresentações e fico instalado. Não dormi nada na vespera. Estou a cair de sono.

20 horas. — Enfia-se para o abrigo por uma estreita abertura, em rampa, escavada no terreno. O abrigo é uma abobada canelada de ferro, protegida por sacos de terra. Ha uma pequena janela para receber a luz e o ar. De cada lado, dois leitos — quatro travessas de madeira, às quais se prendeu uma rêde de arame, e o sistema alteado meio palmo do chão por uns pés arrancados aos troncos das arvores visinhas. Por baixo da janela, uma mesa feita de madeira de caixotes.

Trocam-se algumas palavras. Contam-se

episodios. Detalha-se o serviço. E' a hora comovida da iuiciação. Mas os olhos cerram-se-me irresistivelmente, e a voz lenta do segundo comandante da companhia, que me está dando as instruções necessárias, e que já m'as repetiu duas ou três vezes, embala-me como uma velha cantiga.

Um dos meus camaradas acordou estentoricamente os ecos do abrigo perguntando, com as mãos em porta voz, para a boca da caverna, se o jantar estava prouto. Ouvi umas palavras confusas, que presumi serem a resposta, e deixei-me estupidamente adormecer.

21 horas menos 15 minutos. — Oioço um estampido enorme e sinto abalar o abrigo. Acordo. Estou só. Uma granada explode, faz oscilar o leito e um jacto de terra entra pela janela. Consulto maquinalmente o relógio. São 21 horas menos 15 minutos. Saio. Uma ordenança agacha-se atraz do abrigo.

Os ultimos raios de sol, horizontalmente, babam a terra de uma espécie de espuma doirada. Uma andorinha perpassa, como tomada de pânico. O bombardeamento rebenta sôbre as nossas cabeças com a maxima violência.

As granadas caem perto e vêem-se os «shrapnells» cobrirem toda a seguuda linha.

E' a barragem. As metralhadoras varrem as estradas e as detonações sucedem-se sôbre as trincheiras de comunicação. Um estilhaço revoluteia no ar e vem cair sôbre o paracostas, fumegando ainda.

O comandante e o segundo comandante foram para o abrigo do telefone. Estou um minuto com êles e vou assumir o comando do meu pelotão.

21 horas.—Os meus homens estão já a postos. Os morteiros pesados desabam, num estrondo de derrocada, à frente da linha e os estilhaços assobiam em roda, como enormes vespas. Um sargento que comanda as guarnições das metralhadoras, abrigou-se atraz dum travez. Mando-o para o seu posto. Um minuto depois um obuz destroi o travez. Um maqueiro vem-me avisar de que ha um homem ferido. Mando uma ordenança acompanhá-lo ao Posto de Socorros.

A noite vai crescendo. O céu mantém ainda alguns reflexos do dia, mas pela superfície da terra as trevas rolam já como novelos de tinta. Os clarões das explosões rasgam no crepusculo moribundo os seus caminhos de destruição e de morte. As estrelas principiam a aparecer, como pequenas lampadas palpitantes.

Percorro toda a segunda linha. De roldão um posto da primeira linha invade a trincheira.

— O que ha?

— A primeira linha foi já evacuada e ha já muitos mortos e feridos. . . — e o olhar do soldado, dilatado de espanto, parecia rebuscar ainda um refugio por onde se escapasse áquelle inferno.

Ordeno-os e ficam guarnecendo uma banqueta de combate que tem um bom campo de tiro.

Efectivamente, confirmando a informação do soldado, alguns foguetes luminosos sobem para a extrema direita, já da segunda linha.

22 horas.— Subo a uma banqueta e perscruto a noite. Na frente a rede de arame enaranha-se entre as hervas. Atrás de uma árvore parece-me ver um vulto. Desloco dois sacos de terra para abrigar a cabeça e fico uns instantes debruçado no parapeito. E' um galho mexendo-se debilmente ao sopro da brisa.

Começam a vir os reforços. O comandante da companhia de reserva passa, informa-se comigo da situação e segue para o comando da minha companhia. As granadas da nossa

artilharia passam baixas, batendo a primeira linha inimiga e a nossa primeira linha. Uma metralhadora pesada inglesa vem tomar posição junto do meu pelotão. Por cima do crepitar das metralhadoras e do assobiar dos «schrappnells», o fragor rouco e arripiante das explosões dos obuzes e dos morteiros apodeira-se da noite, que se cerra tragicamente em volta como a cortina dum abismo.

Chega a primeira companhia do batalhão de apoio. A trincheira povôa-se de sombras. Um soldado fuma um cigarro, resguardando a chama dentro do chapéu metálico.

Doem-me os musculos das pernas, de percorrer continuamente a linha. Encosto-me a um travez e olho uns minutos para a retaguarda. Línguas chamejantes, das posições da artilharia pezada, saem do horizonte. As trincheiras de comunicação enchem-se de murmurios, de choques de metais, de passos abafados. São as tropas de apoio, que continuam chegando.

Uma granada explode com um rumor surdo e sinto uma sufocação na garganta.

— Gaz alarme!

Ponho a mascara. Os chocalhos começam a badalar. Corre pela noite, como um grito de mau presagio, a voz das trombetas, e pela linha fóra as espingardas que se abandonam,

para se pôrem as mascaras, caem pesadamente nas passadeiras, produzindo o som cavo dum corpo moribundo que tomba.

Depois, os soldados imobilizam-se e a trincheira parece deserta.

23 horas.— Os oculos da mascara embaciam-se e a cada passo preciso de os limpar, esfregando com os polegares o fole de encontro à mica. Os foguetes iluminam toda a linha.

Os soldados, com as mascaras, acotovelam-se nos postos, como figuras satânicas de um círculo dantesco ou resvalam entre os taludes como fantasmas sinistros dum mundo subterraneo. Um maqueiro, às apalpadelas, procura um caminho. Largo o bocal da mascara.

— Que ha?

A minha voz sôa, aos meus proprios ouvidos, dentro da mascara, como vinda do fundo dum tumulto.

Ouve-se um susurro de palavras dentro da mascara do maqueiro. Consigo perceber que à direita, na companhia de reserva, uma granada incendiaria matou quatro homens.

A violencia do canhoneio começa a decrescer sensivelmente. Não ha a menor noticia dos alemães. Nem a segunda linha foi ata-

cada, nem qualquer posição de morteiro ou metralhadora foi assaltada.

O cabo do gaz vai avisando os postos:

— Tirem a mascara. Já não ha gaz!

Respira-se. Os pulmões, o coração, as veias dilatam-se. As estrelas parecem arder duma luz nova e a propria treva parece abrir-se em luz aos olhos ansiosos. Faz-se-me mais profunda a impressão de que a guerra descambou na mais aviltante miseria e de que é necessária uma sanção para tão horríveis crimes. O sangue referve num cachão de odio e de revolta contra aqueles que rebaixaram a existência humana até a fazerem descer à atmosfera mefítica dos canos de esgoto.

24 horas. — Cessou o fogo rolante. Algumas granadas rebentam ainda, como os ultimos rugidos da fera, mas não pode haver duvida de que passou esta primeira hora de prova. O que ha a fazer é preparar o espirito para as interminaveis e terríveis horas que se vão seguir.

Vou até ao comando da companhia. Ao chegar ao abrigo do telefone passa o comandante da minha companhia, o capitão Celestino Soares, acompanhado de uma ordenança.

— Onde vai, capitão?

— Ao Posto de Socorros. Estou «gazofilado»...

E o rosto lívido do pobre rapaz desaparece na volta da trincheira.

Um soldado atacado de gazes contorce-se na estrada. Agitam-se sombras na boca da trincheira de comunicação que serve a companhia da esquerda.

O segundo comandante, na sua voz lenta, diz-me que ha perto de 100 baixas, que um reconhecimento lançado sôbre a primeira linha não encontrou o inimigo, e que aos primeiros alvôres da madrugada se fará a reocupação pela primeira companhia, ficando o meu pelotão de apoio.

1 hora. — A' esquerda, o horizonte pontua-se de chamas e a noite vibra de novo sob o canhoneio. São os ingleses que, para desafogarem a nossa frente, fazem um «raid» em grande estilo.

2 horas. — O canhão calou-se. A treva é já menos espessa. Distingue-se já o fundo da trincheira. Começam a vir as noticias do que se passou na primeira linha. Um pelotão, comandado pelo alferes Vilhena, desligado da companhia, manteve-se até receber em forma a ordem de retirada; um posto de granadei-

ros foi inteiramente aniquilado; a guarnição duma metralhadora ficou soterrada sob os destroços e as ondas de terra levantadas pelos morteiros, mas conseguiu desenterrar a metralhadora e os tambores e ganhar a segunda linha; um homem tinha endoidecido e vagueava pelas trineheiras.

3 horas.— A noite ia-se fundindo ao bafo da madrugada. Desenhavam-se já os angulos das trineheiras e as filas das arvores começavam a delinear-se, além da rêde de arame. O naseente principiava a tingir-se de purpura, por traz do bosque, euja massa sombria tapava a rectaguarda inimiga como uma muralha misteriosa.

É para a direita, agora, que o canhão trôa, bruscamente, como se o horizonte se possuísse duma convulsão epilética. É, provavelmente, um «raid» simulado dos ingleses para nos facilitar a occupação da primeira linha.

4 horas.— O meu pelotão está pronto à primeira voz. Uma ordenança vem comunicar-me que a occupação se fez sem incidente e que é dispensada a cooperação do meu pelotão.

É dia claro. Meio disco do sol está já acima do horizonte. As azas das andorinhas traee-

jam de negro o azul ferrete do céu. Através da terra, por onde ainda parecem errar umas sombras indecisas que se vão precipitando nas ravinas ou fugindo pelas linhas de água, a luz esparge-se como um leite luminoso que os primeiros raios do sol pincelam ligeiramente de oiro. Uma nuvem, pela fôrma e pela côr, traz-me à lembrança o manto de Sant'Ana duma cópia de Murillo que vi em qualquer parte.

5 horas.—Distribue-se o café. Os soldados deixam-se adormecer nas banquetas. É ainda a hora do alerta, mas deixo repousar essas almas simples e heróicas. Um deles deitou-se ao comprido e pôs o capacete sôbre os olhos. Uma borboleta pousou-lhe um momento nos lábios, que se contrairam num instintivo movimento de repulsa, e seguiu a linha da trincheira.

Fui tambem andando. No sítio em que caíra a granada incendiária, o paracostas ficára esbarrondado e a passadeira partida. Longas pastas de sangue atestavam sôbre a banquetta e as grades de revestimento que ali tinham morrido alguns herois obscuros. Uma papoula vermelha, que irrompera entre as travessas da grade, parecia debruçar-se sôbre a banquetta para chupar o sangue.

A terra espreguiçava-se num imenso bocejo de mulher que acordou após uma noite inteira de deboche. As cabeleiras verdes das arvores, acariciadas pela brisa, ondulavam brandamente sôbre as terras abandonadas às ervas daninhas.

Um sargento contemplava fixamente as manchas de sangue. Tinha posto a espingarda a um canto e os labios grossos de ribatejano tremiam-lhe. Os nossos olhos encontraram-se.

— O' meu alferes!... Emquanto tantos aqui morreram, sem ao menos terem o consolo de enterrar a baioneta no corpo dum inimigo, em Portugal toda a noite se passou em danças e descantes...

Um aeroplano inglês passou, em reconhecimento, para as linhas inimigas.

Fitei o rapaz. Perguntei-lhe:

— V. deixou lá a namorada?

Uma lagrima apontou-lhe nos olhos negros, virou costas, pegou na espingarda e retirou-se para o abrigo.

6 horas.— Levantei o áleria. A lagrima do sargento como que borbulha dentro de mim. Uma onda de saudade me toma docemente o coração. Lembro-me da linda capela que os meus oito anos erigiram ao grande santo,

por baixo das janelas da minha casa, sob o sorriso indulgente e o olhar vigilante de minha mãe. A linda capela! Renques de buxo emolduravam o largo; na rampa de musgo todos os santos do calendario nacional; e no alto o Santo Antonio com a sua careca luzidia, o seu capuz de franciscano, os seus sagrados pés nus metidos nas humildes sandalias, e o Menino Jesus na palma da mão, tão pequenino como o meu coração de criança...

Cheguei ao abrigo, tomei umas goladas de café e deixei-me cair pesadamente, como um cepo, na cama.

O tenente Grilo

Tinha-me apresentado no comando do batalhão de infantaria 22, no dia 11, quasi á noite. Ao outro dia, de manhãzinha, o segundo comandante, capitão Godinho, fazia a sua visita ás linhas. Pedi-lhe para me deixar ir com ele.

Comandava a companhia da esquerda o tenente Grilo. Estou ainda a vê-lo. A sua cabeleira fulva ardia sob a negrura viscosa da abobada de ferro. A sua face branca, a que as sardas não tinham conseguido tirar uma grande expressão de beleza varonil, trazia á idéa o perfil dum archanjo.

— O dr. Granjo...

— Conheço-o de nome, e gosto de o vêr por cá...

A voz sahia-lhe dos labios com um timbre quasi infantil. Mas dava desde logo a impressão de estarmos em frente de um homem.

O olhar de noviço da guerra prendia-se-me ás coisas mais insignificantes. Inspeccionei o

abrigo. Cigarros, papclada, cartas de trincheira, mantas, respiradores, capuzes, granadas de mão, uma meza, um banco — o mobiliario da primeira linha. Como um luxo raro, qualquer coisa de refinadamente asiatico, sobre a leito de arame estendia-se um magnifico *couvre-pied*. Devagar, como quem conta uma historia, o tenente Grilo ia fazendo o relatorio dos acoutecimentos da vespera. Os alemães tinham assaltado o posto de granadeiros que defendia a trincheira de comunicação, a *Hun-Street*, depois de terem com um bombardeamento previo de morteiros desmantelado a linha. Haviam conseguido levar prisioneiro um soldado quasi moribundo

As palavras cahiam-lhe dos labios como leves pancadas metalicas. As mãos, duma delicadeza feminina, acompanhavam as palavras com gestos curtos e timidos; de vez em quando as suas pupilas ganhavam um brilho fosforescente.

Saimos, eu e o segundo comandante, demos volta á primeira linha e voltámos pelo abrigo do tenente Grilo, que escrevia o relatorio, a lapis, tranquilamente.

— V. quer alguma coisa? — perguntou-lhe o capitão Godinho.

— Não, comandante.

E ergueu a cabeça. Uma mécha de cabelos

mais ruivos, que lhe tombava sobre a nuca, assumiu á luz crepuscular do abrigo uns tons acobreados. Cá fóra as ordenanças conversavam.

Voltámos para a séde do batalhão. Uma *camouflage* escondia o caminho das vistas do inimigo. Atravez da malha fina da *camouflage*, onde se tinham fixado folhas de arvores para melhor enganar os observadores inimigos, via-se o bosque de Biez, o legendario bosque misterioso, no qual, ao que se dizia, haviam desaparecido duas brigadas inteiras, uma de canadianos e outra de indios, sem que voltasse um só homem a dar conta do que se passara. As imaginações provavam-no de redutos, de corredores minados, de sistemas de alta tenção, de eugenhos monstruosos inventados pelo genio guerreiro da Alemanha.

Uma maquina agricola, torcida e enferrujada, jazia no meio dum campo. Um balão cativo, por traz do bosque, vigiava o horizonte, onde passavam esquadrões de nuvens cinzentas.

Depois, á tarde, eu fui apresentar-me na minha companhia e nunca mais vi o pobre rapaz. Foi já no dia 13 que soube da sua morte gloriosa na noite de Santo Antonio.

O tenente Grilo sahiu do abrigo e veiu á barraca do telefone fazer a ligação. Tinha de

atravessar a estrada de Leus, enfiada pelas metralhadoras e onde as granadas e os obuzes continuamente rebentavam, revolvendo a terra, como um tufão revolve um bocado esfarrapado de pano.

Cabeleira fulva ao vento, a face branca resplandecendo, ao clarão das explosões, dir-se-hia o proprio Archanjo da Victoria, que avançava sobre a trincheira e vinha estender protetoramente sobre a nossa frente a sua espada flamejante. Algumas palavras trocadas á pressa, enquanto o telegrafista martelava uma comunicação, e o tenente Grilo voltou para o seu abrigo, a descoberto.

O alferes Pereira, que comandava a companhia, ainda o avisou:

— O' Grilo, tenha cautela!...

O tenente Grilo desapareceu sob a onda de metralha. Quem o viu disse-me que, nesse momento, lhe trouxe á imaginação um desses guerreiros lendarios que nas batalhas medievas apareciam no mais apertado do combate, dicidindo da vitoria com o prestigio deslumbrador do penacho do seu elmo.

Passaram alguns segundos, viram-se dois soldados correr, ouviu-se um rapido vozear, e deante da barraca do telefone, conduzido por duas ordenanças, seguia o tenente Grilo moribundo, com o sangue a sair-lhe aos bor-

botões da cabeça fulva. A mécha de cabelos mais ruivos pendia-lhe da nuca e dessa mécha escorriam grossas pingas rubras.

Um estilhaço de granada tinha-lhe perfurado o craneo e duas balas de metralhadora tinham-lhe varado o peito. Levára as mãos á cabeça, andara mais dois passos e cahira de borco, no meio da estrada, desamparadamente.

Pobre Archanjo da Vitoria! Uns segundos bastaram para fazer dessa linda figura, digna de immortalizar um grande pintor, um pobre trapo humano, que ia enfileirar-se entre os outros trapos humanos no pequeno largo saibroso, em frente do posto de socorros do batalhão, destinado á macabra formatura dos cadaveres.

Como se celebrou o funeral do tenente Grilo? Onde está enterrado o seu cadaver? Não sei ao certo. E' provavel que ninguem saiba.

Ouvi dizer que tinha sido sepultado num cemiterio inglez, na estrada conhecida pelo nome de *Rue de Bois*. Ao menos, a bandeira nacional teria coberto a maca rodada em que foram transportados os seus restos mortaes.

Nem discursos, nem flores, nem lagrimas. Nem um cantico religioso, nem uma palavra de despedida. Mãos indifferentes abriram o

coval e, enquanto o canhão continuamente troava, os braços de alguns soldados deixaram cair o cadaver embrulhado numa tira de lona, cobrindo-o depois daquela terra barrenta e pegajosa, apressadamente, atarefadamente, como quem se quer desembaraçar de um serviço incomodo. Na cabeceira do coval porão os ingleses uma cruz, com o nome, o posto, o numero do batalhão e a menção honorifica: *Killed in action*.

Esta miseravel e pequenina grande guerra tirou toda a grandeza epica ás lutas humanas.

Até que, finda a guerra, aqueles que tombaram no campo de batalha possam ser trasladados para a Patria, nem as honras officiais poderão ser-lhes prestadas. As descargas da ordenança revelariam ao inimigo a presença de tropas, e o boche não deixaria tambem de prestar as suas honras, desencadeando sobre o local uma tempestade de metralha.

Esta miseravel e pequenina grande guerra!

Este episodio foi publicado no *Diario de Noticias* de 30 de janeiro de 1918. No mesmo jornal, em 12 de fevereiro do mesmo ano, veiu publicada uma carta anonima, que dá alguns informes sobre o bombardeamento da noite de Santo Antonio e diz a forma por que se fez o enterro do tenente Grilo. Publicamol-a a seguir porque dá alguns detalhes para a historia da campanha da Flandres. Diz a carta:

«Ecoam ainda nos meus ouvidos os sons dos rebentamentos das granadas de todos os calibres, com que os alemães brindaram durante toda a noite de Santo Antonio de 1917 as posições de artilharia 2 e as trincheiras ocupadas por infantaria 22 e 7. No local onde me encontrava durante o bombardeamento, passaram-se horas aflitivas e as mais angustiosas da minha vida.

A officialidade passeia nervosa na casa onde tomava a refeição, que ficou em meio; o telefone a cada instante transmitia-nos o que se passava na frente: «Os alemães atacam violentamente a 1.^a linha! Pedimos auxilio á artilharia! Alguns soldados que conseguiram salvar-se da 1.^a linha estão na 2.^a! Acudam-nos! Os alemãos estão a atacar a nossa 2.^a linha! Pedimos auxilio á artilharia!»

A artilharia portuguesa estava calada! Nem um tiro! Os bravos soldados de artilharia 2, que horas antes tinham resistido ao violento bombardeamento, estavam de braços cruzados! Os valentes soldados de artilharia 7 estavam encostados ás peças sem que das mesmas saíssem as granadas que iriam animar e defender a infantaria, que nas trincheiras sofria o embate inimigo! Felizmente para esses soldados, aos seus ouvidos não chegavam os gritos que eu sentia! Não sabiam o que se passava lá no fundo das trincheiras, onde soldados portuguezes pediam auxilio aos camaradas. Os officiais estão como petrificados! Vêem morrer portuguezes e não lhes podem valer. O meu major chora como uma criança; desgrenhado atravessa a passos largos a sala; parece-me que vai cair. Só lhe oiço estas exclamações: «E não lhes podemos valer!» Vejo-o aproximar-se do telefono e dizer: «Dêem-me a minha demissão! Não posso ver morrer camaradas e soldados portuguezes sem lhes poder acudir!»

A resposta!... A resposta não a direi agora. Deixe-

mos terminar a guerra. Não se fala, não se troca uma palavra. São duas da manhã e nas trincheiras apenas se ouve de tempos a tempos o rebentar de algum morteiro.

São três horas. Pelas estradas ha um movimento enorme de *camions*, automoveis, carros de munições, tudo quanto sirva para transportar metralha. Avisinha-se a alvorada e eu corro para o commando do 22. Chego antes do nascer do sol, quando começavam a chegar os mortos e os feridos. A nossa artilharia rompera o fogo já eu seguia o meu destino. Tenho ouvido falar no belo horrível e eu creio que presenciei esse belo horrível. O silvo de milhares de granadas, cruzando-se com o troar do canhão, obrigava-me a curvar a cabeça, num movimento de defeza, pois me parecia que as mesmas cortavam o espaço a um ou dois metros do solo, que tremia obrigando-me a vacilar. Os alemães raro respondiam a esse tempo. Deviam estar a descansar.

Chegam agora os mortos que são colocados numa pequena trincheira de comunicação entre dois abrigos de officiais. Vou contemplá-los. Lá encontro um cabo cujo cadaver enregelado tinha a posição em que o surpreendeu a morte. Na tarde anterior esse cabo praticara um acto heroico. Uma patrulha alemã, chegando ás nossas linhas, roubara-lhe o chapéu de ferro, o cinturão e o cantil. Exasperado, esse cabo jurou vingarse. Mesmo de dia salta o parapeito das trincheiras e rastejando atinge as linhas alemãs. Penetra nas mesmas e encontra os objectos que lhe tinham roubado! Encóntra mais um cinturão alemão e umas granadas de mão e, radiante, alcança novamente as nossas linhas. E' recebido com abraços, prometendo nunca mais largar o cinto, usando-o por cinia do seu. Poucas horas o usou porque nessa noite, ao disparar a sua metralhadora, não

querendo abandonar o posto que lhe estava confiado, uma bala inimiga, atingindo-o na testa, deu-lhe morte instantanea. Rígido, conservando a sua posição de atirador, foi encontrado nas trincheiras. Parecia vivo, tal era a sua posição. Olhos abertos, perna direita um pouco curvada, braços como se estivessem ainda com a metralhadora, assim o retiraram do local onde morreu, assim o conduziram para a séde do comando e assim foi sepultado. A rigidez do cadaver não deixou que os membros tomassem outra posição. Fui eu que lhe tirei o cinto que encontrei a um official e fui tambem eu que pedi a um soldado que lhe desabotoasse a farda e tirasse qualquer documento. Tinha uma linda recordação na carteira: era o retrato duma filhinha que ele na vespera cobrira de beijos antes de ir ás linhas alemãs. Era de Castelo de Vide este cabo, se não me enganano.

Estão amontoados mais soldados mortos e entre eles vejo um official muito loiro, barbeado de fresco, com a cutis da cara tão branca, que se vêem as artérias esverdeadas. Está com a farda cheia de barro. Quem era? O tenente Grilo! Peço para lhe retirarem uma pequena allança de oiro do dedo e um botão de camisa. Nada mais trazia consigo. Estendo-lhe por cima um cobertor até que chegue a vez de ser conduzido à sepultura, distante uns dois quilometros.

Veem chegando homens atacados de gazes e é necessario activar o movimento de saída dos feridos. Corro ao posto de socorros inglês onde . . os nossos soldados aguardavam transporte para a ambulancia hoje n.º 3.

O que se passou neste posto não é para agora; deixemos terminar a guerra.

Eram duas da tarde quando mandei retirar de cima de dois cadaveres dos nossos soldados a bandeira

Inglesa que os cobria. Até esse dia os cadáveres dos soldados portugueses, foram cobertos com a bandeira da nossa aliada; depois dêsse dia os cadáveres dos soldados portuguces foram cobertos com a bandeira portuguesa, por pedido e para não dizer Imposição dos poucos capelães portugueses. O tenente Grilo deve ter sido coberto com a bandeira da nossa aliada. O seu cadaver foi aspergido, bem como o coval onde repousa, por um padre português, que, tendo-se inutilizado no *front*, regressou a Portugal não lhe dando o Estado nem a residencia, nem o registo paroquial de que se apossara quando êle partira como capelão e onde protestara contra o facto de os cadáveres dos soldados portugueses serem cobertos com uma bandelra estrangeira!

O cadaver do tenente Grilo está sepultado no cemiterio inglês, e hoje português, da «Rue du Bois», uma das estradas mais lindas de França.

Os encarregados do cemiterio teem-lhe a sepultura plantada de miosótis e rosas, e varias vczes lá encontrei ramos de flores, ofertados pelas mãos piedosas dos que visitam as sepulturas dos camaradas. Eu tambem lá deixei em todos os cemiterios o incenso das minhas orações e o orvalho das minhas lágrimas de saudade pelos que lá ficaram sepultados.

Nas linhas de apoio

Dormi hoje o melhor sôno da minha vida, nesta pequena cidade do norte da França, onde estou descansando da primeira semana de trincheira e de combate. Doze horas dormidas, sem um movimento, sem um sonho, embalado pelo troar do canhão, numa cama onde já dormiram alemães, sob um tecto esburacado pelas granadas, e onde chegava dum quintal um perfume forte de flôr de sabugueiro, constituem positivamente qualquer coisa de inedito e maravilhoso para quem passou seis dias dormindo alguns minutos, nos curtos intervalos do bombardeamento, entre dois montões de sacos de terra, a 50 metros do inimigo.

Não direi que valha a pena passar todas as provações apenas para gosar essas doze horas encantadoras, mas esse sôno profundo, em que o corpo repousa absolutamente imóvel, como uma estatua jacente, é um dos

maiores premios concedidos aos que se batem nesta terrivel guerra de esgotamento.

Alguns nunca mais conseguem dormir esse sôno bendito, em que as forças se refazem e todo o organismo reganha a elasticidade e a força indispensaveis para nova prova. Alguns nunca mais teem outro sôno que não seja o horrivel e continuo pezadelo da noite iluminada pelos *veryleits*, cortada pelos assobios das balas, abalada pelo estrondo formidavel dos obuzes, das granadas explosivas e incendiárias, dos morteiros ligeiros, medios e pezados, das granadas de espingarda, dos gritos dos feridos, — da noite tragica em que o ar e a terra se revolvem e se combatem, e em que os homens, perdida a figura humana pela aposição das mascaras, são criaturas irreconheciveis, produtos macabros de uma imaginação proteica, habitantes de um mundo plutonico, errando entre nuvens de gazes asfixiantes, numa fornalha de fogo, de ferro e de sangue. Alguns só num manicomio encontram algum socego. São os supremos desgraçados. Esses nem ao menos teem à beira dum caminho uma sepultura talhada por mãos piedosas, com uma cruz relembrando a acção em que morreram e algumas flôres sêcas metidas nuns cacos de granada ou nuns frascos de conserva.

No meu primeiro dia de trincheira, o oficial que me acompanhava mostrou-me um pobre soldado que se agachava a cada passo atrás dos abrigos, fazendo gestos descoordenados e acompanhado por outro soldado que carinhosamente o ia amparando. Era um ribatejano, alto, descompinado, com as maçãs do rosto salientes e as pernas musculosas. Se lhe puzessem uma carapuça na cabeça, ficaria uma linda figura de campino.

Aproximámo-nos dêle. Perguntámos-lhe como tinha sido aquilo. O pobre soldado estendeu os olhos vagamente para a primeira linha, desenhou com o braço comprido uma curva, agachou-se, juntou as mãos e alargou-as para significar o rebentamento do morteiro e continuou o caminho, arrastado pelo camarada. Foi o primeiro caso de loucura produzido pelos morteiros no exercito portugêz, mas os casos são frequentissimos nos outros exercitos.

De fórma que ter a felicidade de possuir um sistema nervoso que resista sem abalo a tão tremenda prova, e que permita o goso celestial de um sôno de doze horas seguidas — é, verdadeiramente, ser uma criatura privilegiada. Agradeço aos deuses esse sôno como um dos maiores bens que me tem sido dado disfrutar na terra.

A noite de Santo Antonio deu-me a certeza de que se pode contar com o nosso soldado. Os portuguezes marcarão o seu logar.

Pode desde já afirmar-se que o nosso soldado realisa prodigios. Possuindo qualidades de adaptação quase inverosimiveis, vai-se habituando aos métodos e aos processos da guerra de trincheira com uma facilidade admiravel. Violentando os seus naturais impulsos de offensiva, vai-se coadunando com a vida de toupeira e de sapo que a trincheira impõe; e dominando o natural receio diante do perigo desconhecido, resiste com uma paciencia perfeitamente inglesa ao bombardeamento, a pé firme, entre abrigos e trincheiras já desmanteladas, sob a mais abundante chuva de metralha que a mente humana pôde conceber.

Alguns inglezes chamam aos soldados portuguezes — os Antonios. Ou seja porque essa palavra é mais facil de pronunciar pelos nossos aliados, ou sejam porque estes saibam ser esse nome muito comum em Portugal, certo é que, a cada passo, se ouve um soldado inglêz dizer para um portuguez: «*Come on, Antonio!*». Pois tudo quanto se diga dos nossos Antonios é ponco.

Estou convencido que eles farão grandes coisas. Os erros acumular-se-ão porventura de cima, mas os de baixo salvarão tudo. A

honra nacional está nas mãos calosas e duras dessa gente miuda, e a Nação póde estar certa de que será erguida bem alto a bandeira das quinas.

A morte deles resgatará muitos erros; e a sua heroicidade será porventura o sóco sangrento em que se apoie a nossa futura catedral.

E' o nosso sonho destas horas de repouzo — a Patria, erguida tão alto, que Deus não precise de descer á terra para lhe tocar com os seus sagrados dedos.

A primeira patrulha

Marcaram-me as 24 horas para fazer a minha primeira patrulha. Tinha como objectivo patrulhar a Terra de Ninguem e inspecionar a rêde de arame inimiga. Alguns minutos antes da hora marcada os meus homens estavam prontos e reunidos no ponto de saída —na trincheira morta, entre um posto de granadeiros e um posto de fuzileiros. Faço cruzar dois foguetes sobre a linha do itinerario e um pouco depois salto o parapeito e desço até á nossa rêde de arame.

A nossa primeira linha formava neste ponto um angulo reintrante, e a massa irregular do parapeito fechava-se, para dentro desse angulo, num profundo poço de sombra. Pistola na mão, fico uns instantes deitado sobre os labios duma cratera, devassando a noite. Não se ouve o menor ruido. Por entre a herva crescida espontam as cabeças dos «longs-piquets» da nossa rêde. Um cavallo de frisa, atirado para o lado, com uma canto-

neira partida e o fio de ferro bambo, dá a ideia dum cadaver abandonado.

Faço sinal aos meus homens para que desçam. Primeiro vem o sargento, depois os outros, em fila, escorregando pela rampa suave do talude exterior do parapeito. Um foguete despedido da primeira linha inimiga abre a sua rosa de luz, que se vai desfolhando lentamente sobre os ramos despedaçados duma linha de arvores. Os homens ficam imoveis. Um deles deixou-se ficar, agachado, sobre o pequeno fosso que acompanha o talude, e faz-me lembrar uma fera preparando o salto. O ultimo foi surpreendido mesmo em cima do parapeito, e estaca, levemente curvado para a frente, com a espingarda na mão. O colete de granadeiro reveste-lhe o arcaboço como uma couraça, o capacete rebrilha um instante como uma escama. Passa-me pela imaginação a imagem dum guerreiro antigo, guardando uma barbacã e inclinando-se para a frente a ouvir na noite um rumor suspeito.

Todos os homens se alapardam nas crateras. Dos postos, algumas cabeças estendem-se para seguirem os nossos vultos. Da linha inimiga sobem agora mais frequentemente os foguetes. Como na nossa frente não se atiram «very-lights», o inimigo presume que lançamos uma patrulha e ilumina o campo.

Deixo passar alguns minutos, para os meus homens se familiarizarem com a situação e para não nos denunciarmos ao inimigo. Uma brisa fresca faz ondular as gramineas que espontaneamente nasceram nesta tira de terra fartamente adubada. Para o sector da esquerda rebentaram granadas e morteiros ligeiros. Uma rajada de metralhadoras passa alta. As estrelas parecem baixar do ceu.

A patrulha segue. Até ao meio da nossa rede caminhamos de gatas. Depois temos de ir de rastos. A mascara dificulta os movimentos. De vez em quando um arame solto prende-se-nos às pernas. Atravessamos o ultimo sistema da nossa rede e estamos na verdadeira Terra de Ninguem — a facha, dalguns dez metros, entre as duas redes de arame.

Deixaram de se ouvir as explosões das granadas e dos morteiros. Um silencio inquietante pesa sobre nós como uma barra de chumbo.

A nossa linha perde-se como uma vaga tinta na escuridão. O arame inimigo emaranha-se espesso e baixo, traiçoeiramente, entre as hervas. A linha inimiga, quasi enterrada na minha frente, eleva-se para a direita, onde se adivinham alguns cestões.

Ouvimos, na linha inimiga, o disparo de um

foguete. Os homens cingem-se à terra. O foguete ergue-se rapidamente no ar, fica suspenso um segundo e cai com uma lentidão desesperante. Num posto inimigo, viu-se uma cabeça erguer-se, inspecionar a Terra de Ninguém e baixar-se atrás do parapeito.

Deslizamos para a direita, seguindo o itinerario marcado. Deparamos com uma trincheira antiga, do tempo em que o campo esteve ocupado pelos alemães. Ficamos uns minutos à escuta. Um «very-light» despedido dum saliente da nossa linha vem cair no meio de nós. Consulto o relógio. Tenho ainda uma hora deante de mim. Uma ordenança veio-me dizer que atrás dum pequeno morro, em frente, assomou um inimigo. Arrasto-me um pouco para a frente, até dentro da rede inimiga. E' um tronco despedaçado. Continuamos. Mando o sargento com dois soldados explorar a trincheira até à nossa rede e permanecer aí até retirarmos.

Uma frescura matinal começa a acariciar a terra. Para a direita, no sector dos canadianos, ouve-se agora um fogo rolante; e para a esquerda, no sector dos ingleses, cinco ou seis projectores picam o ceu de feixes luminosos.

De repente, uma metralhadora inimiga rompe fogo contra nós. As balas cortam as

hervas cerces. Uma ou outra bala, resvalando pelos fios de arame, acende algumas faiscas, que brillam na noite latejante como pequeninas fitas de fogo. Estamos descobertos. Recuamos, de rastos, a cabeça metida nas hervas, a mascara bamboleando ao lado para o peito se apoiar firmemente na terra e assim facilitarmos a marcha.

Junto da nossa rede de arame paramos. As rajadas de metralhadora continuam. Os foguetes cruzam-se. Alguns tiros soltos asso-biam-nos aos ouvidos. Tomo as devidas medidas de segurança, instalo-me no funil duma granada e espero. As granadas de espingarda reventam bastante à direita. O inimigo perdeu-nos a pista.

A impressão de segurança é absoluta. Deixamo-nos ficar, de bruços, os onvidos applicados à terra, os olhos espreitando, entre as hastes teuras, a frente inimiga, penetrados do misterio da noite, moidos do imenso esforço daquela marcha de larvas. Um soldado vê reluzir qualquer coisa que lhe parece um capacete boche. Estende a mão e encontra um craneo com filamentos de carne podre.

A noite começa a adquirir a claridade leitosa da madrugada. Seguimos a nossa rede, procurando uma entrada. Numa volta, dou com o arame calcado e as estacas de ferro

derrubadas. E' certamente um dos pontos por onde as patrulhas inimigas conseguem acercar-se da nossa linha.

Sinto o ruido dum corpo caindo na agua. E' um soldado que caiu ao poço duma antiga «ferme», da qual nenhum outro vestígio existe. Dois soldados pegam nas mãos do camarada, para o ajudarem a subir. Mas dentro do poço entrelaçam-se os fios de arame farpado e o pobre rapaz grita, porque as farpas enterram-se-lhe na carne. Com a bengala liberto do arame as pernas do soldado e os dois camaradas içam-no. Espalha-se um cheiro fétido. Aos pés do soldado vem agarrado um montão de farrapos. A ponteira da bengala bate num osso. No poço apodrecia (ha quanto tempo?) tranquilamente um cadaver.

O pobre rapaz está horrivelmente palido, e o fétido da água choca e da carne pôdre revolvida é insuportavel.

Procuro uma rampa para trepar ao para-peito.

Uma voz, como um murmurio, pergunta-me:

— Quem vem lá?

— Oficial português.

— Senha?

— Almeida.

Fico de pé, na base do talude, até que o

ultimo dos meus homens entre. Depois, salto, e fico um minuto sentado na banquetta, descansando.

Pergunto ao sargento:

—Falta alguém?

—Não falta ninguém, meu alferes.

Uma parpalhaça, a meio da Terra de Ninguem, canta. As estrelas, como o cadaver do poço, parece que apodrecem. O ceu ganha livores cadavericos. Um pequeno nevoeiro começa a esconder as linhas inimigas. A brisa torna-se cada vez mais fresca.

O canto da parpalhaça eleva-se mais alto. Como nma voz de bom agoiro, esse canto acorda a atmosfera quieta, como um grito de vitória.

Sim, é necessario vencer!

O metralhador

Ao «a postos» da manhã recomendei novamente que a limpeza das duas metralhadoras se não fizesse à mesma hora. O inimigo podia surpreender-nos quando ambas as metralhadoras do pelotão estivessem desarmadas e não poderíamos oferecer a resistência indispensável para na segunda linha se tomarem as posições de combate e para terem tempo de acudir as forças de apoio. Levantado o «a postos», fui verificar se a ordem tinha sido cumprida.

Uma das guarnições ficára efectivamente em alerta. Ao periscópio, uma sentinela vigiava a campanha. A metralhadora, com um tambor carregado, estava encostada a um ângulo do parapeito. O cano, bojudo e negro, destacava-se dos sacos de terra, como uma enorme lesma. Disse ao cabo que a dissimulasse e fui vêr a outra guarnição.

Sôbre uma manta, junto do abrigo, os sol-

dados tinham estendido as peças da metralhadora desarmada. Ao sol daquela manhã de princípios de agosto, os aços reverberavam. Sentado sobre um lençol impermeável, um soldado ia carregando os tambores que se haviam esvasiado nas ultimas horas da noite. O cabo escolhia os cartuchos de dentro dum cunhete e ia-os entregando ao carregador. O tic-tac dos cartuchos, entrando nos cavados, e adaptando-se entre as cavilhas, fazia cabecear de sono um outro soldado que limpava o cano.

As metralhadoras não fazem em regra fogo dos postos de combate. Ha posições à direita e à esquerda, donde, de vez em quando, para manter espertas as sentinelas, conservar os homens confiados e perturbar alguma patrulha inimiga que ronde a Terra de Ninguem, se fazem rajadas.

Chamei o cabo e fui ver essas posições. Por virtude da disposição da trincheira, os dois postos das metralhadoras eram muito próximos. Havia um ponto na linha inimiga onde, nos dias anteriores, se tinha notado algum barulho nos arames, supondo-se que os alemães andassem reparando ou reforçando as suas defesas acessórias. Esse ponto ficava um pouco afastado das posições de combate das metralhadoras. Dei ordem para se faze-

rem naquela noite, duma posição fonteira, algumas rajadas baixas.

Reparei que o cabo se mostrou um pouco enleado e se lhe crispavam levemente os músculos da face.

—Que é?

—O' meu alferes, esta posição é batida toda a noite por morteiros ligeiros...

—Homem, se vamos a pensar nisso...

Eu fui para o outro lado da linha e o cabo fez a continência e foi ganhar a sua guaranição.

O dia decorreu no socego já habitual. Raras, as granadas, passavam altas, para a retaguarda; e apenas ao meio dia um combate sem resultado de dois aeroplanos, que se metralhavam a 200 ou 300 metros de altura, quebrou a tranquilidade do sector.

A' noite, entrei de ronda às 22 horas. A lua estava no quarto minguante. Uma claridade mortuária, com uns laivos azulados que erravam sôbre os arvoredos, amortalhava a terra. O céu parecia mais profundo e as estrelas pareciam chegar-se, tiritantes, umas às outras. A estrada de Santiago estendia de lez a lez o seu imenso rasto fosforescente. Estrelas cadentes precipitavam-se de quando em quando no vácuo. Um «very-light» subiu rapidamente no ar untuoso, descreveu a sua

curva luminosa, e foi cair, ainda aceso, dentro da trincheira inimiga. No céu, enquanto o foguete ardeu, projectou-se um fugaz clarão vermelho. Para a rectaguarda, o reverbero das fabricas de canhões e munições de Yzeberg fazia sonhar num incendio enorme que devorasse uma cidade longínqua.

Lembrei-me de ir ao posto da metralhadora verificar se a minha ordem tinha sido cumprida. O cabo informou-me, numa voz grave, que, justamente, iam fazer naquele momento uma rajada da posição indicada. Um soldado pôs a metralhadora ao ombro e outro, com um balde de tambores, seguiu-o sem dizer palavra.

Acompanhei-os. Enquanto assentavam a metralhadora, debrucei-me no parapeito e inspeccionei a Terra de Ninguém. Uma vala, paralela ao parapeito, corria em baixo, antes da nossa rede de arame, como um fôssco estreito, no fundo do qual a água dormia. Adiante, a nossa rêde de arame emaranhava-se meia escondida entre as hastes tenras das gramíneas bravas e das flôres silvestres. Viam-se as cabeças dos «long-pickets», como grandes olhos de insectos pousados. Na frente, por sôbre a planície sem fim, rolava o mistério. Dentro do bosque misterioso sentia-se o rodar surdo das vagonetas. Em duas crate-

ras produzidas por morteiros pesados, e que alargavam para o luar os labios irregulares e sujos, agitavam-se as sombras. Daquela facha de terra de alguns metros de largura, e que os maiores exercitos que ainda se tinham reunido sôbre a terra disputavam ha três anos, ascendia uma fermentação de coisas putridas que turbava a alma.

O metralhador premiu o gatilho e o som da rajada prolongou-se na noite calma como o rebentamento duma vaga na praia deserta.

— Está bem, rapazes. Daqui a uma hora, outra rajada...

E um com a metralhadora, outro com o balde, os dois soldados voltaram para a posição de combate.

Junto dum abrigo próximo, tinham colocado um bocado de passadeira sôbre dois cunhetes vasion. Sentei-me. Procurei matar o tempo. O tempo é o grande inimigo. O segredo desta guerra está em fazer à roda do espírito uma atmosfera em que não haja côr, nem som, nem movimento e em que se vejam correr as horas como os ramos pendentes das margens vêem correr as águas do rio. O essencial é ganhar a soma de incousciencia necessária à vida animal em que se transformou a existência de toda esta gente que se mata e que range os dentes.



Sôbre Bethune as granadas anti-aereas fosforejam como graudes pirilampos. Os jactos luminosos dos projectores cruzam-se. Alguns morteiros pesados cacim no sector à esquerda. A passadeira toma uma trepidação violenta como se a terra fôsse sacudida por uma convulsão.

O tempo vai-se passando. Um maqueiro dormita com os braços apoiados num través e com a cabeça eucostada às mãos cruzadas. A boca fica-lhe livre, respirando brandamente o ar fresco. Disse às ordenanças que fôsem a mecio da trincheira morta lançar um «very-light» e fiquei contemplando, sósinho, a noite sereníssima.

O luar adelgaçára-se, tornára-se mais transparente, mais diafauo, como um imenso véu de tule coando a luz dos astros. Os labios grossos do maqueiro, sôbre os quais o luar caía em cheio, mechiam-se, parecendo alongarem-se para sorverem alguma coisa distante. Talvez o pobre rapaz sonhasse com a boca da namorada...

Ouviu-se uma descarga de morteiros ligeiros. Uma ordenança volton.

— Meu alferes, está um homem morto na triucheira...

Acordei o maqueiro e passámos sob os estilhaços. Atravessade de lado a lado, dobrado

sôbre si mesmo, estava um soldado de borco no chão. O maqueiro foi buscar a maca. Uma das ordenanças voltou o cadáver e compôs-lhe piedosamente as mãos sôbre o peito. A cabeça descaiu-lhe sôbre a valeta e os olhos do morto pregaram-se nos meus. Era o metralhador, que tinha vindo à trincheira morta fazer outra rajada, em obediência às minhas ordens, e que tinha sido varado alguns passos antes da posição.

Carta a uma mãe

Os comandantes dos pelotões são quem censura as cartas dos seus soldados. E' uma tarefa aborrecida e ingrata, cumprida por desfastio nos intervalos dos bombardeamentos, entre o almoço e a ronda, á luz duvidosa do abrigo.

Em regra, são cartas pequenas, noticiando o estado de saude, mandando recados aos vizinhos, lembrando festas de familia ou pedindo novas das moças da terra. Mas, ás vezes, a nostalgia aperta mais os ingenuos corações dos magalas, os olhos cerram-se-lhes, e as suas almas simples, como grandes borboletas de asas impalpaveis, deixam-se ir, para além dos horizontes, até qualquer cantinho risonho e florido das nossas provincias, onde porventura, áquela mesma hora, numa correspondencia misteriosa de affectos, numa telepatia obscura de sentimentos, vozes aflitas rezam por eles, mãos trementes se cruzam sobre os peitos confrangidos e olhos tur-

vos de lagrimas se erguem para alguma Nossa Senhora, com o filho morto nos braços, entre as flores de papel do velho oratorio. O magala chama então o eabo ou o camarada mais letrado, e vai espremendo o eoração sobre o bocado de papel.

Algumas dessas eartas, feitas nos momentos de maior emoção, são squemas admiraveis da sentimentalidade nacional. Verdadeiramente, constituem o nosso «folk-lore» da guerra. As imagens cáem dos bieos da pena com a mesma simplicidade luminosa com que o dia eai sobre os campos e com a mesma brandura e graça com que a naseente corre da serra. O eoração salta para a palma da mão, as lagrimas saltam para os eantos dos olhos e as palavras escorrem dos labios, doees como fios de melaço, aealentadoras como o lume da lareira, tranquilas como um seio de irmã.

As eartas passam do eomando da eompanhia para o comando de batalhão, daqui para a brigada, daqui para a estação postal, e daqui para a terra longinqua, como asas de andorinhas que buscam um beiral amigo, onde, emfim, possam soltar os seus gorgeios.

A earta que vai a seguir é talvez uma dessas. Apenas lhe puz algumas virgulas, emendei alguns erros de ortografia e introduzi um

ou outro periodo para lhe dar tal ou qual feição literária. Ela aí vai, como uma andorinha, em procura dos regaços carinhosos das mães dos soldados portuguezes:

«Minha santa mãe:

«Estimo que ao receber desta esteja de perfeita saude. Eu continuo bom, graças a Deus.

Escrevo-lhe numa hora de grande saudade. Tenho-me lembrado todo o dia das nossas coisas — da nossa horta, do nosso eirado, da nossa casinha. Véem-me á memoria, sem querer, os tempos da infancia, e parece-me que chego a sentir as caricias da sua mão adoçarem a febre que me queima esta pobre cabeça, sobre a qual, a cada hora, como pios lugubres de corujas, passam os grasnidos das granadas.

Ha bocadinho deixei-me adormecer. A gente não deve abaudonar-se ao cançasso, nem póde entregar-se ao sono. O descuido de um minuto, o desfalecimento de um instante pagam-se com a vida. E' preciso olhar para todos os lados, quase adivinhar as intenções das balas, ter todos os sentidos bem espertos, para a gente se poder defender da

morte. Mas o corpo é fraco, e muitas vezes deixamo-nos cair numa especie de amolecimento da carne, de quebrantamento do sangue, que nos faz bem. Que se lhe ha de fazer? O que tem de ser tem muita força.

Como lhe ía dizendo, ha bocadinho deixei-me adormecer. E entre a roseta vermelha que o sol fazia dançar deante dos meus tristes olhos fechados, o seu rosto appareceu-me como que vindo do céu, com o mesmo sorriso que tinha no dia em que eu levei para casa o primeiro dinheiro que ganhei. As saudades matam-nos, minha mãe.

Num outro dia, numa tarde de chuva, estava eu dentro do abrigo comendo o rancho, e descansando um pouco, porque todo o dia tinha andando a compôr uma trincheira arrombada pelos morteiros do inimigo, e ouvi distintamente, junto de mim, a sua voz. Já o rancho me não prestou e para ali fiquei, agachado, vendo pela boca do abrigo cair a chuva na passadeira, tomado de uma melancolia que me fazia arrefecer as veias. Resistiremos facilmente ao inimigo, mas não sei se resistiremos a isto.

Temos o coração maior que os outros. E' talvez a nossa desgraça.

Os francezes teem na frente da batalha todos os seus homens validos. Passa-se pelas

vilas e pelas aldeias e não se encontram senão mulheres e crianças cobertas de luto. Mas as crianças riem e brincam como se nada fosse, e as mulheres divertem-se com ingleses e portugueses.

Não entendo esta gente. Não, não é lá por falarmos linguas diferentes. Quase todos falamos já um pouco de francês e não nos é difficil comprehendermos os proprios ingleses. Não é por isso. Os corações é que não se entendem.

O beijo é para as nossas mulheres um peccado. Pois aqui é um cumprimento. Uma mulher casada que aí fosse vista a beijar um homem que não fosse o seu marido ou o seu irmão, estava perdida. A mim, ainda ha dias uma mulher casada me beijou na presença do marido, que sorria com indifferença. E preparava-se para se me sentar nos joelhos, se eu não tivesse mais vergonha do que ela e não tivesse fugido, com as mãos apertadas na cabeça.

As raparigas d'aí teem medo de que nos deixemos ficar por cá, enamorados das «demoiselles». Que não tenham receio!

As longas horas de namoro, ao luar duma desfolhada, sob as ramos duma arvore, junto do peitoril duma janela, tocando-se, não as faces, mas as almas, beijando-se, não as bo-

cas, mas os olhos, e isto por muitos anos, até que se assente o dia das bodas e se vá pedir a Deus que abençõe aquele longo e manso amor, enquanto os sinos repicam alegres, e as raparigas esperam cá fóra, no adro, com os açafates cheios de flores, a saída dos noivos, — toda essa graça, toda essa luz, toda essa pureza da nossa terra são coisas inteiramente desconhecidas desta gente.

Ai! minha Mãe! se me vejo em Portugal, bebendo a nossa agua fresca, comendo o nosso pão amargo, dormindo nas nossas duas tabuas, e se tiver a felicidade de, á volta, encontrar uma mulher saudavel e bonita que me queira e que me dê tantos filhos quantos forem os anos que vivamos, como eu serei feliz!

Mas quando será isso? Quando acabará esta maldita guerra? Quando é que os homens deixarão de se matar como bestas feras e por cima destas trincheiras as mãos se estenderão aos inimigos no gesto irresistivel de irmãos que se reconhecem e que se perguntam a si mesmos porque ha tanto tempo se estão matando?

Eu sei lá, minha santa Mãe! se as suas orações, e as de tantas mães que ha pelo mundo e tem aqui os seus filhos, não fizerem nada, estou a ver que os dias e os anos se passarão sem que se veja o fim.

Como quer que seja, minha Mãe, o seu filho ha de saber cumprir o seu dever de portugûês. Já fui louvado duas vezes, e os meus superiores falam de mim aos camaradas como um exemplo a seguir. Considero, no entanto, que pouco fiz. Uma vez, no aceso do combate, sozinho, porque os meus camaradas tinham sido feridos, salvei o meu morteiro, levando-o ás costas, sob o desabar da metralha, para uma nova posição. Outra vez, tendo um obuz reventado no meio da posição e tendo fugido os meus camaradas, eu não me deixei tomar do medo e despejei sobre o inimigo todas as munições. No fim de contas, como vê, pouco fiz. Outros teem feito mais, e ou porque foram vilimas da propria heroicidade e cá ficaram estrumando esta terra estranha, ou porque as suas façanhas não foram do conhecimento dos seus superiores, ficaram no mais ingrato esquecimento.

E não sou só eu. Todos são portugueses. Todos sentem que é com o seu sacrificio que a Patria, a nossa outra e grande Mãe, conta para se salvar e engrandecer. Se era necessario para cá vir, não temos remedio senão olhar para a frente. Os olhos devem abrir-se bem para o largo, a alma deve desagarrar-se das raizes da vida até tocar o céu, e os braços, visto que sômos poucos, devem

animar-se de dobrada força e triplicada vontade.

Quando o Pae morreu, da doença que contraiu na Africa numa expedição, havia nos seus olhos uma luz interior que parecia iluminar tudo. Eu era ainda pequeno, mas essa luz arde dentro de mim, como se fosse a minha propria vida.

Entendo que a vida só é boa quando dela possa resultar uma lição, e Deus me livre de ter o coração tão pequenino que não me encha bem o peito, e não bata tão forte que todos lhe sintam as pulsações.

Eu sei, minha boa Mãe, que ao lêr esta carta hade chorar muito. Hade chorar de tristeza, por ter o seu filho tão longe, exposto aos maiores perigos, passando os mais arduos trabalhos, refugiado numa tóca como um lobo, com os pés sempre agarrados á lama e a mão procurando sempre a espingarda. Mas sei que tambem hade chorar d'alegria por vêr que o leite que eu bebi dos seus seios bemditos não se corrompeu dentro das minhas veias e que as lições de honra que eu hauri da boca moribunda de meu Pae, indicando-me o sentido da vida e o caminho da gloria, se insuflaram dentro da minha carne como celulas vivas que fazem parte do meu ser.

Peço-lhe que, se tem de chorar, o faça enquanto eu estou ausente. Porque, quando eu fôr — e hei-de ir, que tenho fé na minha estrela e sinto que Deus me tem sob a sua guarda — quero vêr-lhe os olhos bem enxutos, brilhando de toda a sua luz e penetrando-me de toda a sua doçura e de todo o seu calôr.

Vou terminar. Com esta longa carta, soceguei um pouco a alma e a saudade é menos viva. E' quasi a hora do álerta, em que todos temos de ir para o nosso posto.

Deite-me a sua benção e até um dia. —
Antonio ».

Esta carta, publicada no *Diario de Noticias*, mereceu a uma senhora franceza, M.^{me} Blanche Froment, que imaginou ser nossa intenção visar depreciativamente as suas compatriotas, uma outra carta, que veio tambem publicada no *Diario de Noticias*, e em que justamente se exalta o papel da mulher franceza durante a guerra.

Essa carta vae a seguir publicada, bem como a resposta. Quando respondemos a M.^{me} Blanche Froment sinceramente julgámos que se tratava dum pseudonimo. Viemos depois a saber que não, e antes se tratava de uma senhora distintissima, que casou com um illustre artista portuguez, e que da nossa terra fez a sua segunda e egualmente querida Patria.

Entendemos que não é fora de proposito dar aqui á estampa essas cartas, taes quaes foram publicadas.

Eis a carta de M.^{me} Blanche Froment :

« Lisbonne, le 27 fevrier 1918.

Monsiur le Directeur.

Je vous serais très reconnaissante si vous vouliez insérer ces quelques lignes dans votre journal si impartial et estimable.

Vous avez publié hier un article sous forme de lettre « Carta a uma mãe » qui blesse mes justes susceptibilités de femme française, et je viens protester hautement contre la littérature prétentieuse de Monsiur Antonio Granjo. Afin de faire ressortir les beautés de l'âme féminine portugaise, à laquelle je rends hommage de tout coeur, il ne craint pas de fouler sous le talon de sa botte le caractère et la dignité des femmes de mon pays. Il écrit que ces femmes en deuil s'amuse et rient avec les soldats portugais et anglais et que celles qui sont mariées n'hésitent pas à embrasser aussi les soldats et à s'asseoir sur leurs genoux même en présence de leur mari! . . .

D'un fait auquel il a « peut être » présidé, il fait une généralité, mais ce qu'il démontre surtout, c'est qu'il est totalement dépourvu de l'usage et du savoir-vivre nécessaires à lui faire discerner la différence existante entre la « femme à soldat », dont le type est connu ici comme là-bas, et la femme française, quelle que soit sa position sociale; et ce n'est vraiment pas en ce moment où elle donne et continue à donner l'exemple des vertus familiales, du dévouement et du courage, qu'il convient de venir la dénigrer sous prétexte de littérature.

J'ajoute que la « Carta a uma mãe » n'est même pas

un artície patriótico et qu'il est loin d'apporter au coeur des pauvres mères portugaises le courage, la résignation et l'espérance qui leur seraient si nécessaires! Cette lettre ne peut servir qu'à les faire souffrir davantage (si cela est possible) et personne ne devrait chercher à ébranler leur foi dans l'avenir et leur espoir d'un jour prochain où elles pourront serrer sur leur coeur ceux qui là-has vivent du même rêve.

Personne plus que moi ne partage les angoisses de ces mères douloureuses, et — j'ai de la peine à retenir des larmes de pitié quand je vois partir ces beaux jeunes hommes emportant dans leurs bagages les «saudades» de tous et les miennes aussi.

Nous savons tous que la vie est dure pour eux là-has... La guerre veut cela, et les pauvres mères tremblent des dangers qu'elles entrevoient pour leurs enfants; mais alors? Est-il nécessaire de leur noircir encore la tableau?

Veuillez croire, Monsieur le Directeur, à mes sentiments de haute considération.

Blanche Froment.

E eis a resposta:

Snr. Director.

Agradeço a v. as palavras henevolas que encaheçam a carta, assinada Blanche Froment, que vem publicada no *Diario de Noticias*, de 28 de fevereiro, e que só hoje, 2 de março, ás 23 horas, pude ler. Tenho a minha vida, que me obriga a estar fora de casa alguns dias, e eis aqui está porque só hoje posso responder á dita carta. Aproveito a ocasião, já agora, para me des-

culpar perante v. e os leitores do seu jornal, da forma irregular por que vou redigindo e wandando as minhas impressões de «turiste» das trincheiras.

Creio, sr. diretor, que o nome que subserve a carta é um pseudonimo.

Uma senhora, mesmo franceza, dirigir-se-ia a um cavalheiro, quem quer que fosse, de um modo bem diferente. E quando faço esta restrição — mesmo franceza — não quero de maneira alguma discutir, ao menos por agora, a mulher franceza.

Atribuo ás praticas malthusianas e ás velas de Erbon, e similares, em grande parte, a situação em que se debate a França, mas esse tema servir-me-á porventura para um artigo que escreverei quando tiver vagar e oportunidade, e não está nas minhas intenções antecipar o estudo dessa materia.

A mulher franceza tem, sem duvida, uma moralidade e uma sentimentalidade diversas da mulher portuguesa, e, sem averiguar por ora de que lado está a inferioridade, não me parece que a qualquer senhora franceza seja legitimo julgar-se ofendida, ou sentir-se susceptibilizada, por eu fazer uma tal afirmação.

Os costumes portugueses não permitem que uma mulher beije outro homem que não seja o seu marido ou um seu proximo parente. E' a verdade. Os costumes francezes fizeram do beijo um cumprimento. E' tambem a verdade. Não ha ninguem que conheça Portugal e que conheça a França e que não saiba isto. Não é a «femme à soldat» quem usa o beijo como um cumprimento — essa criatura usa o beijo como um triste modo de vida.

E' esse costume francês de uma moralidade superior ou inferior ao costume portuguez? Eu não discuti esse ponto, que aliás é perfeitamente digno de discus-

são, sem que a dignidade da mulher francesa possa sequer ao de leve ser atingida ou molestada.

Assim, uma senhora francesa jámais se podia sentir ofendida com essas minhas palavras. Desde que o beijo é um cumprimento, não ha na troca desse beijo a porção de impureza que nós, os portuguezes, lhe poderíamos attribuir. Isso será até a manifestação, por uma fórmula bem gentil, duma civilização refinada e superior, que nós ainda não alcançámos, e eu desejava que jámais alcançassemos. Por isso eu creio que se trata de um pseudonimo.

A carta insurge-se contra o eu dizer que as mulheres francesas, embora tenham os seus maridos e irmãos na frente, se divertem com os ingleses e os portuguezes. Não quiz fazer apenas pretenciosismo literario --registei um facto. Muitas mulheres francesas chorarão, no silencio recolhido do seu lar enlutado a morte dos seus seres queridos, sem que se lembrem, de certo, de vir á imprensa fazer alarde da sua dôr. Efectivamente, a dôr tem os seus direitos em toda a parte; e não é porque os costumes são mais livres que as lagrimas sentidas de uma mãe, de uma esposa ou de uma irmã são menos a expressão de uma alma aflita. Mas essas pobres almas mal podem com a sua cruz, e a essas me não poderia referir eu.

Não precisam, essas mulheres heroicas, que em Portugal, ou noutras quaisquer paragens, venha quem quer que seja em sua defesa. Essas, conheço-as eu bem. Vi-as, nas humildes «fermes» onde acantonei, rezando e chorando, como as mulheres portuguezas. Mas a par dessas, e sem ser preciso recorrer ás lobas dos acampamentos, quantas mulheres fizeram desta hora de combate a hora alegre e despreocupada duma vida de criaturas faceis, mais perniciosas á França do que a metralha inimiga?

Quanto a ver-se uma mulher casada sentar-se nos joelhos d'um soldado, na presença do marido, será, e creio bem que é, facto singular — mas vi coisas piores em França. Vi, com infinita repugnância, em quase todas as eidades da reetaguada, mulheres venderem, na presença dos maridos, aos soldados, colecções de postais obscenos. E essas scenas despertavam em todas as almas bem formadas, e que, como eu, amavam e amam a França, a tentação de correr tudo isso a chieote, porque a França não é, e jámais será, um balcão de imundieies. Ha, porventura, alguma senhora franceesa que não siuta a necessidade de purificar a França de todo esse vil commercio?

E' «isso» a França? E' «isso» a mulher franceesa? Quem é que o disse aqui? Eu, ao menos, não.

De resto, dizer que os corações portuguezes não sentem como os corações francezes; que nós, os portuguezes, encontramos mais poesia, mais graça e mais pureza nos eostumes do nosso povo do que em qualquer outro, incluindo o francês; que as moças de Portugal escusam de recear pelos seus namorados, porque os encantos das «demoiselles» não serão bastantes para os desviar do bom eaminho do lar natal — dizer isto será porventura um crime? Pôr algumas palavras, simples e honestas, ungidas de amor patrio, na bôca dum soldado português, será defeso, a nós os portuguezes?

Não creio, repito, que a carta em questão fosse escrita por uma senhora franceesa. Mas se o foi, essa senhora deve compreender que deveres de cortezia me impedem de ir mais além. Faço justiça ás suas intenções, mas onde não houve proposito algum, nem palavra alguma que denegrisse a verdadeira mulher, franceesa ou portuguesa, eu não merecia as suas recriminações. E se ha injustiça que nos fira, a nós, os

homens, é justamente a que nos vem duma mão donde supomos que só pode cair . . . um ramo de flôres ou um livro de orações.

Essa senhora não me compreendeu, como talvez me não compreenda ainda. Eu quiz, com a minha carta, despertar o patriotismo das mães portuguesas, e procurei fazê-lo duma forma que tocasse os corações. Algumas senhoras portuguesas teem-me falado da carta com as lagrimas nos olhos—lagrimas quase de agradecimento, porque as minhas palavras foram de algum modo consoladoras. Mas essa senhora não compreendeu. A razão está em que nós, os portuguceses, sentimos e compreendemos de maneira diferente. E' a confirmação de tudo quanto tenho dito.

Espero não me enganar, dizendo quo se trata de um nome suposto. Se, na verdade, contra o quo é de esperar, se trata de uma senhora, reconheço que é a mim que me compete pedir desculpa, e como procuro sempre cumprir o meu dever, para ressalvar essa hipótese absurda, aqui apresento, por fim, as minhas homenagens á mulher francesa, e em especial á senhora que me deu pretexto para lhas apresentar.

Chaves, 2—3—18.

Antonio Granjo.

Acantonamento de Penin-Mariage

Os inglezes puzeram a esta herdade o nome elegante de Skipton-Castle. E' o tipo comum da «ferme». Um terreiro com uma depressão quadrada ao meio, revestida de tijolo, para a nitreira; a casa da residencia do «fermier» ao fundo, em frente da entrada; as dependencias á roda.

A herdade foi abandonada nos primeiros dias da invasão, e como o refluxo da enorme vaga alemã parasse á distancia de alguns dois kilometros, os donos ou os rendeiros preferiram deixar-se ficar para o interior, ganhando a vida tranquilamente, a arriscarem-se á existencia de inferno que levam os poucos civis que por aqui continuam agarrados ao seu torrão.

A casa da residencia foi aproveitada para a messe e instalação de alguns officiais, e por cima, num largo sobrado destinado á arrumação dos utensilios de lavoura, acomodou-se um pelotão. Numa das dependencias,

aquela que corre sobre a estrada, funcionava, quando estavam aqui os ingleses, um cinematografo. Meteu-se aí outro pelotão.

A' entrada vê-se ainda uma taboleta, tendo a letras vermelhas: «Grenad's School». Nas terras de sementeira, que se estendem para além do pomar, e onde se vêem ainda bocados de trincheira, exercitaram-se os melhores granadeiros ingleses. Os ingleses teem ainda nesse campo de instrução um posto de telegrafia sem fios e um posto de observação aerea.

Os telhados da herdade são de colmo, em pendente vertical, dando ao conjunto o aspecto amaneirado e pretencioso dum «chalet».

As cozinhas rodadas, onde se está fazendo o rancho dos soldados, fumegam sob as copas do pomar. As peras e as maçãs, cujas peliculas verdes reluzem ao sol, entre as folhas, como dorsos de reptis, aguçam já a gula dos soldados. Um soldado nu, com uma esponja que mergulha num balde, delicia-se com a frescura da agua e sorri para cima, para o sol.

Durmo, num pequeno quarto, com mais dois officiais. As camas são as mesmas da primeira linha. Sómente a rede de arame está menos esticada, mais bamba, porque, havendo mais tempo para dormir, desferram-

-se nestes dias de apoio as longas horas, os infindáveis dias de vigília em frente do inimigo.

A minha companhia está hoje de prevenção, e por isso, depois de almoçar umas lascas de presunto e umas fatias de queijo, deitei-me e consegui dormir regaladamente.

Acordei tarde, janteci, e dei um passeio pela estrada, a que os ingleses deram o nome duma das suas rainhas. Uma criança que encontrei junto duma casa meia arruinada, fazendo um ramo, enquanto uma bateria anti-aerea cercava um aeroplano alemão de «schrapnells», fez-me parar um pouco e lembrar-me dessas coisas tenras, as crianças e as flores, que havia alguns dias tinham desaparecido da minha vista. O que será esta geração, criada sob o fragor do canhão, presenciando continuamente o horror, vendo espadagnar por todos os lados o sangue, e vendo cair do ceu, em vez das bênçãos de Deus, os torpedos e as granadas incendiarias?

Seriam 10 horas quando entrei no acantonamento. Os foguetes subiam de extremo a extremo do horizonte; e de vez em quando, dos lados da Belgica, chegava aos ouvidos o trovão rolante.

Os meus dois camaradas estavam já deitados. Como a minha companhia estava de prevenção, tirei apenas as botas, pus o equipamento no chão, á cabeceira, e deitei-me de costas por cima das mantas.

Os meus camaradas dormem, inteiramente entregues ao sono, como as sombras se entregam inteiramente á noite. Pela janela, donde as vidraças e os caixilhos desapareceram, entra, por entre as cortinas de lona, o luar. No compartimento onde está o Posto de Socorros um maqueiro ressona. Ouve-se um leve murmurio de vozes no pequeno quarto onde dormem os medicos do batalhão, o dr. Fradique e o dr. Ruivo. Um feixe de raios luminosos brinca nas colunas de madeira do fogão, sobre cujo abaco luzem ainda os restos duma «garniture». Um dos officiaes é um alferes miliciano do Porto, estudante de direito, e que leva a guerra um pouco como leva o seu curso—sorrindo. E' o alferes Araujo. Pequenino, palido, olhos de azeitona, dilatando as narinas sensuais á aproximação de uma mulher, e repregando energicamente os musculos da face á aproximação duma granada, foi o meu companheiro ideal dessas longas horas de prova. O outro official é um meu patricio, do quadro permanente, o alferes Videira, eternamente

indignado contra a falta de disciplina e organização dos nossos e patrioticamente clamando pela adopção dos ferreos metodos da Germania.

Ambos dormem um sôno bem merecido.

O alferes Araujo meteu a cabeça debaixo das mantas e engrunhou-se como uma criança cheia de frio. O alferes Videira dorme com os labios abertos e uma respiração quase imperceptivel. De cima, do sobrado, onde está instalado um pelotão, vem de vez em quando o rumor de corpos que se mexem sobre a palha.

Quanta gente já passou por aqui? Parece-me ver no tecto, onde algumas teias de aranha, aos cantos, me dão a impressão de cabeleiras dependuradas, as sombras dos herois de Vieille Chapelle e Neuve Chapelle, cujos corpos juncam por aí fóra esses campos e que tambem dormiram sobre estas mesmas camas um sôno bem merecido.

Pela meia noite um rouxinol começou a cantar. Levanto-me e chego á janela. Debruço-me sobre as duas tabuas que a tapam até meio. Uma linha de agua corre paralelamente á parede. Num sitio em que a agua empoça, a lua retrata-se vaidosamente. Um bocadinho á direita vêem-se as cruzes dum pequeno cemiterio. Os galhos dum amieiro

pendem sobre as cruzes. E' neste amieiro que o rouxinol canta.

Na noite silente não passa um rumor. Apenas a grande voz murmurante da terra adormecida nos chega aos ouvidos da alma, e um ou outro foguete sobe silenciosamente, denunciando a primeira linha. Uma estrela mais brilhante parece deslocar-se no ceu, como o farol dum aeroplano.

O rouxinol canta. Ponho-me a escutá-lo. Uma briza fresca, quase molhada, acaricia a face e produz na folhagem dos amieiros um sussurro de pequeninos labios que falam baixo para não acordarem os herois que dormem.

As notas elevam-se na atmosfera luminosa, graves e solenes, como uma prece. Dir-se-ia um padre resando um salmo pelos mortos. O luar parece iluminar melhor o pequeno cemiterio. Quase distingo as inscrições funebres. Os amieiros parecem acompanhar, pianissimo, a oração do rouxinol.

Uma bateria pesada rompeu bruscamente fogo, fazendo um teste. Os clarões das quatro peças rasgaram através do luar violaceo rastos sanguineos, e a sua voz portentosa fez estremecer a terra. Depois, tudo recaiu no mesmo silencio religioso.

O rouxinol soltou, neste silencio religioso,

algumas notas baixas, como os ecos dum canticco perdendo-se numa nave. Em seguida houve uma pausa. O côro dos amieiros subiu um pouco mais forte.

O rouxinol continuou a cantar, noutra tom. Já não era a elegia, era qualquer coisa de uma narração heroica, em que as notas metálicas vibravam entre estrofes sonoras. Ora o canticco era uma vaga frase bemolada, como o passo duma patrulha distante ou como o bater opresso do coração duma sentinela sentindo na sombra o bafo do inimigo; ora, de repente, parecia o choque de duas baionetas que se disputam. Uma pequena pausa parecia o minuto eterno que separa um encontro decisivo; e uma onda de notas mais altas, enchendo todo o espaço, parecia a voz heroica de toda uma fila que avança ao assalto.

Por fim, o canticco gradou-se num gemido debil, qualquer coisa como um fio que se parte ou como uma bala que se espeta na terra. Dir-se-ia a voz flebil dum coração moribundo que se extingue na noite como o suspiro duma folha ou como a palpebra duma estrela.

E toda a noite o rouxinol cantou, desfolhando as suas notas, como petalas sonoras, sobre as cruzeas brancas do pequeno cemite-

rio, ora como um responso piedoso, ora como um hino de gloria.

Merecerei eu, se inorrer nesta terra estranha, ao menos, os canticos de algum desses rouxinois, a quem a natureza deu uma voz mais formosa que a voz humana e que são os sumos sacerdotes da noite e do misterio?

Um S. O. S.

A guerra moderna obrigou os exercitos á adopção de metodos e processos que, sem serem inteiramente novos, jámais tiveram applicação a operações militares. Sabe-se que os navios quando vão ao fundo teem um sinal convencional para pedir socorro. E' o S. O. S. Estas três letras são as iniciais das palavras «Save our saults», cuja traducção corrente é: Salvai as nossas almas! As mari-nhas de todo o mundo seguiram essa boa pratica inglesa, e o S. O. S. generalisou-se, sendo o ultimo recurso, o grito desesperado, a supplica derradeira e anciosa dos que naufragam no alto mar ou dos que se vêem perdidos nalguma costa deserta.

Como tambem se sabe, na guerra actual, por via de regra, os combates são nocturnos. Os sistemas de trincheiras atrás das quaes os exercitos se defendem, não consentem os ataques frontais, á luz do dia, e apenas por surpresa, e sob a protecção das sombras da

noite, se pode actuar. E' verdadeiramente uma guerra de salteadores, em que os costumes da antiga cavalaria foram substituidos pelos mais ferozes metodos de exterminio, e em que não ha outras convenções além das que são impostas pelos elementos, pela extrema fadiga ou pelo mutuo aniquilamento. No inverno, as offensivas paralizam, porque a neve, o frio e as tempestades não permitem á fraca compleição humana maior esforço do que é necessario para se defender do ambiente. Nos sectores de repouso e de instrução, que se estendem talvez por dois terços de toda a frente, as divisões destroçadas, que se recompuzeram na rectaguarda, ou as novas formações, fazem apenas a chamada pequena guerra. A frente do Somme, que foi teatro das mais horriveis hecatombes, deixou de dar que falar de si, porque os exercitos que se defrontavam foram, como se diz na nova terminologia belica, ceifados.

A palavra «retaliação», simbolo das velhas epochas de barbaria, entrou nos documentos officiais e anda em todas as bocas como a mais perfeita expressão desta guerra modernissima. Os mamelukos e os berbéres, com os seus habitos hospitaleiros e a sua lealdade em combate, devem sentir-se infinitamente superiores a estes europeus ultracivilizados,

que se assemelham bem mais aos bandidos da Floresta Negra do que aos cavaleiros da Tavola Redonda.

Em ambos os campos se adoptou o S. O. S. E' o sinal dado á artilharia do avanço da infantaria inimiga ou da nuvem de gaz que se adeanta. Nos abrigos dos comandantes dos pelotões da primeira linha, nos comandos das companhias, nos comandos dos batalhões, vêem-se sempre as longas varetas dos foguetões do S. O. S., com as cabeças envoltas em coberturas de latão e tudo oculto das vistas dos aviadores por tiras de lona.

Esta organização obrigou as baterias a terem uma sentinela do S. O. S., encarregada de olhar sempre a frente inimiga e fazer avisar o oficial de serviço logo que no ar subam os três foguetões vermelhos do estilo.

Aquela tarde, eu estava em apoio, e tinha ido, depois de jantar, com alguns camaradas, pela estrada junto da qual estava a posição da bateria do capitão Beleza, dissimulada sob as ramas do pateo duma «ferme». O oficial de serviço comandava um «teste». Por dentro dos vidros da janela da casa via-se uma linda rapariga loira que conversava e ria com dois soldados ingleses.

Era já quase noite. Um grande cemi-circulo de côr de ouro esbatido, com algumas

nodoas de purpura, desenhava-se no poente. A estrela Venus suspendia-se, no ceu baixo, como o farol de um aeroplano. As ruínas duma povoação destruída amontoavam-se como os escombros de um grande incendio; e como se elevava dos drenos da estrada uma leve neblina, parecia que esses escombros fumegavam ainda.

Um dos meus camaradas conhecia o official de serviço e ficámos conversando um pouco. A conversa recaiu inevitavelmente sobre a guerra e as coisas de Portugal e ali nos deixámos ficar até á hora do recolher.

Os «very-lights» começaram a ascender na noite suave de verão, por toda a extensa linha da frente, como repuxos intermitentes duma imensa fonte luminosa. Um soldado sentou-se com uma guitarra sobre os joelhos e começou dedilhando o fado do «Ganga». Um automovel carregado de munições passou de luzes apagadas, fazendo tremer o leito saibroso da estrada. Cruzando com o automovel, um grande cavalo normando puxava um carrito de lavoura e desenhava na noite o seu enorme vulto. Sentado no dorso do cavalo um «gavroche» assobiava.

Nisto ouviu-se a voz da sentinela:

— S. O. S.!

Todos nos voltámos para a frente. O ul-

timo foguetão vermelho palpitava ainda, como uma grande palpebra oftálmica, no ar dormente.

O oficial de serviço correu ao telefone. Passado um minuto, chegava a confirmação do S. O. S. pelo telefone do batalhão.

— Aos seus logares! Bateria, fogo pela direita! — e a voz estentórica do oficial de serviço dominou a noite.

As peças estavam apontadas e os apontadores tinham já repartido entre si o objectivo e feito as correcções. A primeira granada partiu. A chama iluminou o abrigo. Sobre o assento do eixo, o apontador verificou se a peça continuava apontada, o municionador introduziu outra granada no regulador de espoletas e o graduador volteou febrilmente a manivela do fundo da caixa. No abrigo da segunda peça, um cartuxo feriu sonoramente o chão. A essa nova chama, viu-se o carregador da primeira peça erguer-se um pouco sobre o joelho para introduzir outra granada na culatra e viu-se o apontador fazer o disparo. As granadas sucederam-se, cortando o ar flamejante, tisonando as ramarias, fazendo tamborilar as janelas da «ferme» e enchendo a treva de estrondos e clamores.

O cheiro da pólvora irritava as narinas e as caras dos artilheiros, vistas entre os re-

brilhantes dos bronzes dos reguladores e dos reforços das peças e entre os clarões dos disparos, faziam pensar em personagens mitológicas arrancadas ás forjas de Plutão ou á imaginação de Dante.

Corremos ao acantonamento. Já devia ter chegado a ordem de marcha e provavelmente a companhia de prevenção tinha já partido. Chegámos, e não tive mais que colocar-me à frente do meu pelotão:

—Quatro á direita volver! Ordinario marche!

Seguimos por um caminho de pé posto, a marche-marche. Ao passarmos defronte da bateria, os cartuchos dansavam no ar. Uma granada pesada inimiga uivou por cima das cabeças e foi rebentar para traz do acantonamento. Conforme nos íamos avisinando da primeira linha, tornavam-se mais distintas as explosões dos obuzes e dos morteiros. As balas das metralhadoras pesadas batiam os caminhos e sibilavam entre os ramos das arvores.

Ouviu-se o tinir da campainha duma bicicleta. O soldado apeou-se e entregou-me um papel.

—Alto!

O pelotão estacou. O comandante do batalhão dava-me ordem para ocupar a posição

de reserva. Os outros pelotões foram chegando, destacando-se como massas alvacentas na escuridão.

Os foguetes cruzavam-se em todos os sentidos. O urro cavo dos morteiros pesados abalava a noite, as granadas procuravam na treva os objectivos e as rajadas das metralhadoras pesadas enfiavam as estradas e as trincheiras de comunicação. No misterio da noite, o drama ia-se desenrolando, conforme todas as regras, sobre aquele scenario apocalitico de ruina e assolação. Parecia chegar ás almas o bafo putrido do cavalo da Morte, a qual serenamente ia manejando a fouce implacavel por entre os taludes das trincheiras.

O bombardeamento abrandou com os primeiros alvares da madrugada. O inimigo não tinha conseguido entrar na nossa primeira linha.

Um ou outro soldado dormitava. Veio a ordem de regressar ao acantonamento. Voltámos pelo mesmo caminho de pé posto. Os soldados, de armas em bandoleira, as mãos metidas nos bolsos, marchavam depressa para sacudirem o torpôr da madrugada.

Onde o caminho se encontrava com uma estrada vicinal, havia um calvario. Um renque de ciprestes espontados, em fórmula semi-

circular, formava uma capela de ramos entrelaçados. Projectada sobre o fundo verde-negro a imagem de Christo parecia mais triste e abandonada, a cabeça mais pendida sobre o hombro lacerado, as chagas mais abertas, as mãos a despegarem-se mais dos cravos ensanguentados. Especialmente a chaga dum joelho tinha adquirido o livôr sujo da carne corrupta, e no peito, onde o escultor havia posto certo cuidado anatomico, a podridão alastrava sob a pele de opala.

Na bateria, agora, dormia-se. Alguns ramos despedaçados pendiam dos troncos, presos pela casca, e varriam a erva chamuscada.

Os soldados desequiparam-se e estiraram-se nos leitos de palha, entre as mantas. Eu tinha deixado sobre um caixote que me servia de meza de cabeceira os «Contos fantasticos», de Edgar Poe. Li algumas paginas e o sono veio lentamente. Adormeci sob a impressão de que tudo quanto se passara era tambem um conto fantastico, em que as figuras e a propria paisagem eram movimentadas pela mão poderosa dum romancista portentoso.

Flores da Terra de Ninguem

Minha boa amiga :

A Terra de Ninguem está cheia de bem-mequeres e de papoilas. Quando a neblina, como nesta manhã, oculta a linha inimiga, saltamos a trincheira e escolhemos nesse jardim da morte um ramo de flores, que, metido num copo de granada, nos alegre um pouco a meza de jantar, só guarnecida por garrafas vasiaas de cerveja, latas furadas de *confitures*, granadas de mão e pentes de balas.

Acudiu-me hoje o pensamento gentil, minha boa amiga, de ir buscar a essa tira de terra, que é uma tira viva e sangrenta do corpo esquartejado da pobre humanidade, um ramo de flores para lh'o oferecer e mandar. Não sei se chegará às suas pequeninas mãos, se ficará pelo caminho, entre dois fardos de coelhos da Australia ou entre as lombadas de dois presuntos de York. Que importa ?

Pensarei sempre que chegaram ao seu destino e que os seus lindos olhos as contemplarão como uma prova da minha amizade. Lembrar-se-há mais algumas vezes de mim: a certeza de que a não esqueço avivará na sua memória a lembrança deste homem que anda para aqui, ou arrastado como uma folha sêca de canto em canto, ou metido como uma toupeira debaixo da terra — joguete da ventania e irmão da lama.

Sei bem que nunca compreenderá o que há de sangue e horror nessas flores, adubadas com cadáveres humanos, coloridas pelo sol doentio destas terras da Flandres, regadas pela água podre dos drenos. Que importa? Fico com a idéa de que às suas mãos chegou, pela única forma graciosa que me é permitida, um grito destas paragens em que o anjo exterminador continuamente faz sibilar a sua espada ardente.

Acabada a guerra, quando nós voltarmos, ouvirá contar coisas que nunca fôram imaginadas e que serão inacreditaveis para aqueles que se deixaram ficar na doce paz da sua casa. E reconhecerá então que só um coração muito amigo podia render-se, nestes momentos em que a vida anda sôbre a baba duma aranha, ao pensamento de lhe oferecer meia dúzia destas petalas que brotam do meio da

sangureira desta hecatombe, como a virtude poderia brotar do inferno.

As papoulas colhi-as junto duma trincheira de sapa, donde ainda ontem os alemães, mascarados de negro, deslizando como fantasmas, quizeram assaltar um posto de granadeiros. Corri, numa patrulha, certa noite, parte dessa trincheira. Os corredores dessas cavernas onde viviam os lobishomens, de que falam os velhos creados, à lareira, nas longas noites de inverno, não podem ser diferentes dêste valado tenebroso, aberto através a Terra de Ninguem por mãos desconhecidas, donde sobem vozes misteriosas e onde erram sombras disformes. Nas bordas seguem filas de troncos renegridos e despedaçados pelos projecteis de todos os calibres, sem uma folha, sem um galho, com lascas da casca pendentes, como braços decepados erguendo para o alto os côtos sangrentos com esfarpas de carne dependuradas.

A nevoa envolvia os ultimos troncos, além dos quais começava a rêde de arame inimiga. Através a primeira cortina transparente da nevoa, onde o sol punha irisações fugazes, via-se um cadáver feito em pedaços. A historia dêste cadáver corre pelas trincheiras. Vou-lh'a contar.

Os mortos são baldeados por êste furacão

de ferro e fogo como os vivos. Logo nas primeiras linhas há algumas sepulturas, sôbre as quais a piedade dos combatentes colocou, como última homenagem, a espingarda e o equipamento que serviram ao morto e algumas ervas caíram, à falta de flôres, das mãos comovidas de um camarada. De vez em quando, o bombardeamento arraza as trincheiras, revolve essas sepulturas e deixa à mostra os cadáveres. A's vezes, as explosões dos morteiros pesados levantam-os ao ar; outras vezes, ficam meios enterrados, meios descobertos, com os rostos, já descarnados, adquirindo contorsões as mais sinistras, visua-lidades desconhecidas de todos os cultores do horror, atitudes que escaparam a todos os romancistas da agonia. Como a trincheira fica aberta, para se passar sem ser visto pelos *snipers*, que, do seu buraco blindado, com a espingarda de alça telescópica, atiram sôbre a primeira cabeça que se descuide, é preciso ir de rastos, sôbre os restos fedo-mentos, cosendo a cara aos farrapos apodre-cidos da farda ou à terra impregnada dos humores cadavéricos. O sabor desta terra putrida, a impressão horrível dêstes trapos desfeitos que a saliva da morte humedeceu, ficam nos lábios, ficam nos olhos, ficam na alma, como nodoas deixadas por larvas.

Os cemiterios são em geral entre os postos de reserva da primeira linha e as segundas linhas, aí até 5 quilómetros à rearguarda. Por via de regra, são situados junto dos acantonamentos, dos postos de socorros, das *fermes* aproveitadas para posições das metralhadoras pesadas, dos obuzes ou da artilharia. Um dia, uma noite, repentinamente, quando qualquer dessas posições foi descoberta por um aeroplano ou por um observatorio, ou denunciada pela negligência dos soldados, desaba sôbre o cemitério a tempestade de fogo, e as cruzes partidas sirandam no ar e os cadáveres saltam das sepulturas, numa dança macabra de membros despedaçados e de caveiras partidas entre o fragor das explosões.

A história dêsse cadáver, que adubou a terra onde nasceram as humildes flores que lhe mando, é uma das mais trágicas. E' o cadáver dum oficial inglês. Comandava um *raid*, quando foi morto à frente da primeira vaga de assalto. Abandonado na Terra de Ninguem, depois de repellido o ataque, os ingleses batiam de dia e noite o sitio em que ficára o cadáver, para que o inimigo se não apoderasse de quaisquer papeis que o oficial trouxesse no bolso e que podiam fornecer-lhe indicações preciosas. Por sua vez os alemães,

sempre que sentiam para aquele lado o mais leve ruído nos arames, atiravam sôbre o cadáver uma chuva de metralha, para que os ingleses o não podessem arrastar para as suas linhas. E dias se passaram, num terrível duelo em volta dos troços desconjuntados dêsse corpo humano, que amigos e inimigos retalhavam a canhão numa sanha de bestas feras.

Veja, minlia boa amiga, a que extremos de crueldade chegou o homem — êsse mesmo homem que por aí amaneira a terra com a solicitude com que ageita um filho no berço, que tira o chapéu humildemente quando os sinos, às primeiras sombras da noite, tocam às trindades e que trata os próprios cães como próximos parentes.

Alguns bemmequeres colhi-os já numa trincheira de comunicação, quasi toda destruida, a Plum Street, perto de uma posição de metralhadoras pesadas, e quási no ponto da sua interseção com a trincheira de combate. Sôbre aquela trincheira tinham-se sôbreposto alguns sacos de terra, e pelo canto esbarrondado dum dos sacos saíam os bemmequeres. Como na frente ficava o abrigo betonado das metralhadoras, os tiros inimigos haviam-nas poupado.

Esses bemmequeres representam as longas

horas em que, nos intervalos dos bombardeamentos, nas horas quietas dos dias ensoalhados, nos é dado pensar na vida e destino dos homens, nas razões e conseqüências da guerra, e nas pessoas que vivem dentro de nós, como um raio vive dentro do sol ou como uma gota de água vive dentro de um lago. E' nestas horas que fazemos a escolha das nossas recordações e das nossas saudades, deixando esbater nos últimos planos da memória as tenues simpatias e as vagas amizades, os encontros dum dia e os contactos furtuitos, e trazendo à flôr dos olhos, trazendo à flôr da alma, as imagens que se nos apoderaram do coração e lá fizeram a sua eterna morada. E' nestas horas, porisso, que mais me lembro de si.

As pobres flores são dignas de serem tocadas pelos seus brancos dedos, porque são o que há de pureza e de graça nestas torvas regiões em que a morte dispõe de todos os elementos de acção e a vida teve de se refugiar no seio da terra, como precita da luz e como escrava do crime.

Diz-se que algumas vezes o amor provém do ódio. Será possível que dêste imenso pôço de ódios e de amarguras venha a sair a claridade e a alegria? Será possível que desta guerra saia a paz universal?

Se assim fôsse, as pobres flores que lhe mando mereciam ser guardadas religiosamente, num relicario precioso, como se guardam as reliquias sagradas.

Tenho medo de a maguar, pedindo-lhe que me não esqueça nas suas orações.

A fuga à Morte

Logo que foi declarada a guerra, o tenente X., de um dos regimentos do norte, pensou em pedir a dimissão. Escolheu a carreira das armas, como poderia ter escolhido qualquer outra. Era um modo de vida. Seu pae e seu avô tinham sido oficiais do exército e levaram-no desde pequeno a inclinar-se àquella profissão, para continuar essa nobre tradição na família. Fôra colocado logo depois da promoção a aspirante no regimento aquartelado na sua terra, onde casára e a vida lhe corria tranqüila e docemente, como o rio de claras águas corria entre as amigas sombras do vale. Os dois filhos que Deus lhe déra só vieram turbar essa dôce tranqüilidade para o obrigarem a pensar no futuro, sonhando a cada hora com a maneira mais azada de lhes garantir o pão e a felicidade.

Mas, como apesar das manifestações populares às nações aliadas, apesar da campanha a favor da nossa intervenção na guerra, a

ordem de mobilisação se ia demorando, e a vitória poderia decidir-se dum momento para o outro a favor de qualquer dos partidos, o tenente X. foi-se deixando ficar.

Um dia soube-se que o ministro da guerra resolvera indeferir qualquer pedido de dimissão. O tenente X. entendeu que devia expôr a situação à mulher. A mobilisação estava, pois, por dias. O seu regimento devia ser um dos primeiros a mobilisar. Se partisse, a morte era quási certa. Com os meios materiais de que dispunha o inimigo, com a sua admirável preparação para a ofensiva, com a fé que mostrava ter na vitória, ir para a França era ir para o matadouro, de cabeça baixa, como uma rez. Talvez fosse melhor desertar, fugir. Ganhava-se a vida em toda a parte. No Brasil, na Argentina, em qualquer canto, haviam de encontrar um bocado de pão. Fariam porventura fortuna. Mais tarde viria a anistia. Se os aliados triunfassem, a anistia coroaria a obra da vitória; se triunfassem os centraes, a anistia demorar-se-ia um pouco mais, mas havia de chegar a sua hora. Eram pobres, o soldo era pequeno, estavam para ali metidos naquele poço. Os filhos teriam de ir também para as fileiras, porque era necessário aproveitar as vantagens do Colégio Militar e da Escola de Guerra. A família seria assim eter-

namente uma dinastia de forçados do quartel, de condenados à farda.

A mulher, ante a perspectiva da viuvez e da miséria, a princípio concordou. Iria para onde êle quizesse. Tanto fazia estar ali como no cabo do mundo, desde que não perdesse o amparo do seu braço. Para levar aquela existência modesta, quási de indigência, em que o soldo mal chegava para as compras da praça, mais valia a pena tentar a vida por outro lado. Pois sim... Ela era sua mulher e seguiria por isso o seu destino.

Passaram alguns dias e a mulher entrou a pensar que ali ao menos sempre tinham parentes e conhecidos capazes de lhes acudir numa aflição. Sabia lá para onde a sorte os atiraria... O soldo era pequeno, mas era certo. Deitavam-se com um e amanheciam com dois. E lançarem-se a correr mundo, irem para o Brasil ou para a Argentina, com nomes supostos, com passaportes falsos, como criminosos da peor espécie, o coração sempre num punho até perderem de vista as costas de Portugal, sem poderem contar com o dia de amanhã, sem um braço amigo que os amparasse, era sujeitarem-se, além da vergonha, às mais apertadas privações e às mais cruéis desgraças. Tinha de ir para a guerra?... Mas, nem todos haviam de lá ficar. Deus não

quereria que aqueles inocentes ficassem sem pai, entregues à sua sorte como as nuvens entregues ao vento ou como as sombras entregues à escuridão.

Quando chegou a ordem de marchar, o tenente X. deu parte de doente. Não, não iria para a matança, sem primeiro empregar todos os meios para escapar à choupa. Era o seu direito. Não podia ter menos direitos do que um bezêrro, que só de rastos se deixava conduzir ao matadouro. — Depois, tinha o govêrno consultado a nação? O exército era da nação, não era dum govêrno ou dum partido. Já lá ia o tempo em que se dispunha dos homens como de bestas. Sem lhe mostrarem as vantagens da entrada na guerra, não se prestaria a embarcar, como um fardo inutil ou como um animal votado ao sacrifício, para a Flandres. Que fossem os que andavam por Lisboa aos vivas à guerra. . .

O batalhão partiu. A mulher sentia sôbre si, como fléchas de fogo, os olhos dos filhos, das irmãs e das mulheres dos que tinham marchado. Quando ia para o hospital vêr o marido, nem sequer olhava para os lados, para não surpreender nos transeuntes um gesto de censura ou uma palavra de condenação. Uma vez viu à porta de casa um velho acariciar uma das crianças e dizer alto — que

Deus lhe dêsse um coração mais valoroso do que o do pai. A mulher do oficial que fôra chamado a substituir o seu marido andava grávida e no dia da partida abortára. Passava as noites a chorar. Apesar do amor que lhe tinha, sentia que o marido lhe pezava sôbre a alma como um blóco de granito.

Até que um dia, olhando-o de frente, lhe disse que era preciso partir. Acusavam-no de cobardia. O seu nome andava nas bôca dos garotos, como um osso na bôca dos cães. Os que viram partir os outros, referiam-se a êle como a um ente desprezível. Ela bem sabia que fôra o amor dos filhos que o levava a baixar ao hospital. Bem lhe custava a ela, a pobre, ficar sósinha e triste, entre as saudades das horas tranqüilas que tinham passado e a visão trágica das terriveis horas que se iam passar. Mas que lhe havia de fazer? Não queria que sôbre a cabeça dos filhos pezasse, como uma maldição, uma falta do pai. Era preciso partir. . .

O tenente X. pediu para lhe darem alta e embarcou comigo no transporte A.

Foi a bordo que o conheci. Pálido, magro, com os olhos quási sem brilho, com os labios quási sem sangue, não largava o cinto de salvação. Deparei com êle, uma noite, à prôa, debruçado sôbre as ondas, que referviam em

baixo, rasgadas pela quilha, remexidas pela hélice, açuladas pelo vento. Mal lhe dirigi as primeiras palavras, logo fez menção de se afastar. Persegui-o até à pôpa. Encostado ao pequeno canhão, enquanto os olhos se embebiavam na noite, como a água se embebe numa esponja, foi-me contando a sua vida.

A mulher ficára na terra com os filhos, quási desamparada. Com a carestia da vida, o soldo mal lhe chegaria para o govêrno da casa. Êle seguia o seu destino, caminhando verticalmente para a morte, como uma pedra solta do alto duma torre caminha para o chão. Marchava como um boneco articulado, sem vontade, sem confiança, sem fé. Obedecia ás ordens, à voz de comando, como um sonambulo obedece à mão misteriosa que o guia. Tinha a certeza de que não voltaria. Considerava-se já vivendo por favor, disfrutando uma espécie de vida postuma, como um raio pode viver fora do sol, como uma onda pode viver fôra do mar. A Morte ferrara-lhe as unhas na garganta e não o largaria mais até o estrangular e o arremessar inanimado para o chão. Sentia a alma despegar-se-lhe do corpo, como um torrão se despega duma ladeira molhada ou como uma trave se despega dum edificio em ruínas. No coração tinha só cinzas — as saudades da mulher e dos filhos.

— E apesar de tudo, pessiua-o um medo horrroso de morrer, esse medo insuperavel e invencível que dizem que faz os grandes criminosos. Compreendia o que se passara na alma daquêle pobre soldado que, para não morrer na guerra, se deixara esmagar pela máquina do combóio que o transportava. — Não sabia se morreria de doença, se de ferimentos. Que lhe importava isso? Não sabia mesmo se morreria antes de desembarcar nessas terras de França, pela qual iamós combater, pagando-lhe com tamanha generosidade as crueldades de que fomos vítimas quando das invasões napoleonicas. Um torpedeamento, um acidente de bordo, qualquer coisa o poderia matar, visto que estava condenado e não podia escapar.

As palavras saiam-lhe mansas e trémulas, como gôtas d'água pingando duma abóbada. Os braços pendentes ao longo do corpo traziam-me à idêa ramos esgalhados, presos ao tronco por um fio.

Encontrámo-nos depois no acampamento de Etaples. Estava quási sempre metido na tenda. Só um dia o vi errar pelo acampamento, quando uma medonha trovoadá desabou sôbre a colina, revolvendo as areias, arrancando as espias, e fazendo entrar para dentro das barracas baldes d'água.

Eu segui para a frente, e só bastante tarde tive notícias d'êlê, na ocasião em que o meu batalhão se reconstituia à retaguarda, depois do bombardeamento da noite de Santo António. Procurei-o. Estava cada vez mais magro. Os olhos tinham ganho um certo brilho de febre, e os braços pendulavam-lhe aos lados, em movimentos cada vez mais automáticos.

Resignara-se à idêa da morte. Dizia-se ansioso por que chegasse o dia de marchar para a primeira linha. Quanto mais depressa viesse um morteiro que o esquartejasse menos duraria a sua via dolorosa. Assim como assim, ninguém podia fugir ao seu destino e resolvera afrontal-o cara a cara.

Parecia cheio de decisão e de audácia. Reparei que os seus olhos espreitavam para o lado, como se estivessem à espera duma surpresa, ou me fitavam desconfiados, como se eu lhe tivesse saído ao caminho para lhe evitar a passagem. Outras vezes dançava-lhe um sorriso equívoco nos lábios, mas que logo se desfazia como se desfaz uma ruga à superfície da água dum charco.

O batalhão a que êle pertencia entrou nas primeiras linhas, à minha direita, guarnecendo o outro subsector da Ferme du Bois. O meu pelotão era o que fazia a ligação com esse subsector e fui portanto ajustar a colocação

do último posto com o comandante do pelotão que alinhava com o meu.

Perguntei a este oficial:

— E o tenente X.?

O meu camarada informou-me entre dentes que tinha dado parte de doente, no proprio dia em que devia marchar para as trincheiras, e baixara à ambulância de Marthes. E enquanto nos lábios lhe aparecia um riso escarninho, continuava a falar do serviço, como se lhe fosse defezo ocupar-se de semelhante criatura.

Quando regresssei ao apoio, fui à ambulância. O tenente X. tivera alta e recolhera ao batalhão. Passei pelo sitio onde êste acantonava e logo dei com êle, em frente da *ferme* onde estava instalada a sua companhia, sentado numa das bermas da estrada que conduzia a Bethune, com as pernas metidas na valeta, à sombra dum olmo.

Nem se mexeu quando me viu. Sentei-me junto dêle. Como a sombra que caía do olmo, a sua voz caindo sôbre a valeta, parecia fazer uma nódoa no chão. Confessou que se possuira duma cobardia que lhe tolhia todos os movimentos, que lhe obscurecia a alma, que lhe fazia parar o coração. Sentia sôbre si os olhos dos camaradas, dos próprios soldados, acusando-o, vergastando-o, esmagando-o.

do-o. Quando saíra da ambulância e se apresentara no comando do batalhão ouvira um corneteiro nas suas costas, dizer para outra ordenança:

— Olha o gajo!...

Mas não podia libertar-se da imensa miséria em que se deixara cair, como um corpo morto se deixa cair numa estruneira. Podiam chamar-lhe cobarde à vontade. Perdera toda a espécie de vergonha e de pudor. Que o prendessem. Que o fusilassem, se quisessem. Tinha vinte e seis anos. Tinha mulher e filhos. Queria viver. Não se havia de entregar à morte, tão estupidamente como uma tábua se entrega à corrente. Tinha obrigação de resistir. Resistiria até à última extremidade. Tinham desprezo por êle? Que lhe importava? A Pátria estava longe. Se voltasse, as flôres cairiam sôbre a sua cabeça como sôbre as cabeças dos outros. E poderia erguer a toda a altura dos seus braços os corpos tenros dos filhos, porque fôra por eles que a tudo se sujeitara, mesmo a ser um miseravel.

As primeiras palavras que ensaiei procurando chama-lo ao caminho da honra e ao cumprimento do dever, despertaram nêle uma reacção tão violenta que os olhos se lhe raiaram de sangue e se lhe encheram os cantos da bôca de espuma.

Passados alguns dias, à hora do jantar, enquanto para os lados de Lens o canhão troava, um oficial do 34, que nos tinha vindo visitar, entre uma golada de cerveja e uma garfada de arrôes de coelho congelado, contava-nos o seguinte:

O tenente X baixara segunda vez à ambulancia de Marthes. Depois de umas horas de observação, o diretor da ambulancia mettera-lhe a guia nas unhas, com a rubrica *doença simulada*. Apresentado no comando, mandaram-lhe levantar o respetivo auto e fizeram-no seguir imediatamente para a primeira linha. Fôra num desses dias atraz, em que reinara em todo o sector uma perfeita calma, tendo-se limitado o inimigo a atirar algumas granadas sobre o observatorio da *Factory*, para fazer o zero. Chegado à primeira linha, meteu-se no abrigo, sem dar palavra, e ahi se ficou, olhando o chão, abrindo e fechando maquinalmente a culatra de uma pistola de *very-lights*. Quando veio a hora da ronda, voltou-se para o camarada, e, tirando da carteira, pediu-lhe que a fizesse chegar às mãos da mulher. Continha 500 francos, alguns retratos e uma larga carta com instruções sobre a educação a dar aos filhos. E, já na boca do abrigo, com uma serenidade impressionante, com um olhar que

parecia atravessar as caneluras da pequena abobada de ferro, disse para dentro:

— Não se esqueça do meu pedido. Tenho a certeza de que vou morrer. . .

Fez sinal às ordenanças e enfiou pela trincheira. Momentos depois ouviu-se a explosão dum morteiro pesado. Uma ordenança voltou ofegante ao abrigo, com a farda cheia de terra, e uma mão sangrando dum pequeno ferimento.

— Meu alferes, um morteiro matou o nosso tenente. . .

O alferes acudiu. O projétil dum morteiro pezado tinha caído sobre a passadeira, destruindo um travez e esburacando a parte superior do parapeito. O corpo do tenente X estava meio soterrado na onda de lama que o rebentamento do morteiro tinha levantado. Era uma massa informe de sangue e de troços de carne. Um enorme estilhaço, que se via ainda ensanguentado e com as arestas segurando uns pequenos bocados da farda, agarrara-o pelo ventre e quasi o cortara em dois. Os intestinos descaíam-lhe para o dreno, sob a passadeira partida. Um outro estilhaço partira-lhe o craneo e retalhara-lhe a face.

Em todo esse dia não se ouviu mais um unico tiro. Parecia que a Morte estava à espera dele e que o seu apetecido cadaver bastara para lhe saciar a fome nesse dia,

Dois heroes

Havia na 1.^a companhia do meu batalhão dois granadeiros, que eram como irmãos. Nascidos na mesma terra, tinham crescido juntos, curtindo a pele ao sol da mesma charneca e fortalecendo os braços e a alma no amanho da mesma leziria. Nos rostos quasi bronzeados os olhos luziam-lhes como carvões, e sobre as espaduas d'atletas a cabeça parecia atarraxar-se-lhes como uma bola de ferro entre duas barras metalicas. Nas marchas, seguravam a espingarda pelo fuste, como quem segura uma vara de marmeleiro. Quando vestiam o colete de granadeiros tomavam um estranho aspeto de guerreiros de lenda, respirando força e violencia.

Dos seus labios grossos de beduinos da charneca nunca tinha sahido um murmurio contra a guerra, prestando-se humildemente a tudo quanto deles exigiam os superiores. Só uma vez, quando um deles, por qualquer conveniencia de serviço, foi transferido do

pelotão, os dois perguntaram de modo menos respeitoso ao sargento porque é que eram separados, e foram a seguir suplicar com as lagrimas nos olhos ao comandante da companhia para que os deixasse ficar a ambos no mesmo pelotão. Pouco mais sendo do que dois numeros, resvalavam pelas trinheiras ou pelos acantonamentos, sem ninguem se preocupar com eles, merecendo menos cuidado do que os cavalos que conduziam a cosinha rodada, dando menos que falar do que as mulas alentejanas que puxavam aos carros de companhia.

O meu pelotão, dessa vez, guarnecia a *Garden Trench*. A noite ia decorrendo com uma tranquilidade que fazia desconfiar das intenções do inimigo. No silencio absoluto que dominava a terra apenas se ouvia de vez em quando uma rajada ou outra de metralhadora, cortando o ar como uma lamina e prolongando-se ao longe como uma pequena vaga que morre na areia. Para a rectaguarda mal se distinguiam os primeiros zigue-zagues da trincheira de comunicação. Adivinhava-se, num novelo mais negro de sombras, por traz da segunda linha, a *Factory*, com o seu esqueleto desconjuntado de engrenagens.

O momento critico, a meia-noite, tinha passado. Seriam 2 horas da manhã, quando já

a treva começava a adelgaçar-se e o céu começava já a adquirir um vago tom violáceo, que o bombardeamento rebentou com extrema violencia sobre a direita do batalhão. Os soldados evacuaram de roldão a primeira linha; e, como as trincheiras de comunicação eram batidas com pontarias certeiras, alguns fugiram a campo descoberto, esgaçando as pernas pelos arames, cahindo nas covas dos morteiros, rastejando pelos drenos para não serem apanhados pelas metralhadoras. Uma dessas trincheiras, a *Junction-Street*, tinha sido arrombada e obstruída, e os que haviam escolhido esse refugio viram-se obrigados a voltar para o talude e a esconder-se atraz duma antiga trincheira abandonada, onde existia a carcassa dum avião inglez que ali tinha tombado e ali apodrecia, como uma grande ave morta, de ventre para o ar.

O bombardeamento era a preparação para um *raid*. Tomaram-se as devidas precauções para o caso de os alemães quererem atacar a segunda linha e esperou-se pela madrugada para fazer o reconhecimento e a reocupação.

Um sargento deu pela falta dos dois granadeiros. Ou tinham sido mortos ou feitos prisioneiros.

— Os pobre rapazes!--comentou o sargento. Aos primeiros alvares da madrugada reo-

cupou-se a primeira linha. Acompanhei o oficial que comandava o pelotão. Foram-se guarnecendo os postos. Foi aclarando o dia. Verificámos que nos abrigos não faltava nada. Nem os lençoes impermeáveis abandonados, nem depositos de granadas, tinham atraído a cubiça do inimigo. Quando passámos pelo abrigo do comandante do pelotão notámos que o S. O. S. estava intacto.

O meu camarada observou:

— O inimigo desta vez foi gentil...

Uma ordenança chamou a nossa atenção para dois vultos que se entremostravam para a direita, meios escondidos entre os destroços dum travez. Avançámos de pistola na mão. E ao precipitar-se a ordenança, de baioneta calada, sobre os dois vultos, reconhecemos os dois granadeiros, surpresos do ataque, e sorrindo um para o outro.

— Como é que vocês estão aqui? Como foi isso?

Um deles vae contando, numa voz descansada, como se estivesse contando na praça da terra algum episodio duma ferra de touros:

— Ó meu alferes, os meninos sem braços cahiam ahi como as nozes maduras duma nogueira varejada por boa mão. O chão tremia como um terramoto. Tanto se podia mor-

rer ficando como fugindo. Alapardamo-nos aqui entre os travezes. Se o morteiro reben-tava dum lado, escapavamo-nos para o outro. Os estilhaços voavam por cima como vespas. Parecia o fim do mundo. De repente o bom-bardeamento abrandou. Deixaram de cair os morteiros na primeira linha. Calculamos que o boche viria ao cheiro da carniça. Arrastamos para aqui dois cunhetes de granadas e puzemo-nos à cóca. Vimos uma cabeça erguer-se sobre o parapeito. O boche julgou que aquele tronco d'arvore que está ali defronte era algum dos nossos e atirou para lá uma granada. Lá se vê o ponto onde a granada bateu. Atraz d'aquela, outras cabeças apareceram, como uma fila de diabos. Um deles trepou ao parapeito e ficou de pé espionando a trincheira. Não estivemos com meias medidas. Joguei uma granada ao que tinha trepado para o parapeito. Caiu logo para traz, soltando um urro, que parecia duma fera. E as granadas seguiram umas atraz das outras. As cabeças desapareceram e nós saltámos para cima da banquetta e atirámos sobre eles as ultimas ameixas. No taludê o meu alferes pode ver ainda manchas de sangue até abaixo, à Terra de Ninguem. . .

Nas caras bronzeadas dos dois granadeiros a madrugada punha uns reflexos metalicos.

Os seus olhos pareciam abrir-se inais, como a penetrarem ainda a treva. O braço direito dum deles guardava ainda o movimento semi-circular do lançamento das granadas. Alguns soldados fizeram cerco, contemplando-os a certa distancia, como se estivessem deante de animaes ferozes.

Subimos à banquetta. Viam-se ainda no talude as hervas esmagadas por um corpo que fôra arrastado até à base e levado depois às costas atravez a Terra de Ninguem. Tinham sido arrancados alguns *long-picquets* e as hastes das gramineas procuravam endireitar-se às primeiras caricias do sol.

Quando voltavamos, os dois granadeiros dormiam a sono solto, metidos num abrigo, com as pernas estendidas para a passadeira.

Os seus nomes? Que importa conhecer os seus nomes? Ninguem tem nome nesta guerra.

Sei apenas que, enquanto os que ficaram pela retaguarda, batendo-se junto duma mulher ou duma garrafa de champagne, trazem no peito a cruz de guerra, esses dois soldados, esses dois heroes, que repeliram sosinhos um *raid* inimigo, foram simplesmente louvados em ordem do batalhão, como deve constar do arquivo do 22.

Os dois prisioneiros

A noticia correu veloz pela primeira linha. Um maqueiro tinha aprisionado dois alemães.

Acabado o meu quarto, enfiei pela primeira trincheira de comunicação e corri ao abrigo do comandante, a saber do caso.

A' porta do abrigo, no meio dum pequeno grupo, estavam os dois alemães.

Era prohibido interrogar os prisioneiros. Tinham de ser remetidos immediatamente para o comando do batalhão e daqui para o quartel general, onde sofreriam o necessario interrogatório.

Mas os dois homens estavam visivelmente a morrer de fome, e por minha conta e risco, valendo-me da consideração que por mim tinha o comandante da companhia, dei-lhes do que havia — pão, queijo, marmelada e café.

Um deles falava bem o francês. Tinha sido caixeiro viajante duma casa alemã, em Paris. Disse-me que era brigadas. O outro era um soldado, sua ordenança.

Comiam avidamente, pegando no pão com

as mãos ambas, engolindo os bocados quasi inteiros, com os olhos dilatados e uma expressão de quasi ferocidade no rosto. Enquanto comiam, o maqueiro ia-me contando como tinha dado com eles, metidos num abrigo abandonado, atraz da *Garden Trench*. Quando desembocava da *Juntion Street* tinha sentido um rumor abafado de palavras. Espreitára e vira dois vultos acorados ao canto, com as cabeças voltadas para a parede. Puxára da pistola e intimára-os a saír. Um deles desenhou ainda um gesto de resistencia, mas logo se converteram á realidade e marcharam, de cabeça baixa, deante dele, pela *Garden Trench*, até ao abrigo, onde os entregara ao comandante.

Só então reparei que os dois prisioneiros traziam dois chapéos de lona, a que tinham dado uma forma semelhante aos nossos chapéos metalicos, segurando as copas, por dentro, com duas tiras de lata. Teriam fugido dalgum campo de concentração de prisioneiros, á nossa rectaguarda, e procurariam alcançar os primeiros postos alemães ou teriam vindo fazer o reconhecimento do nosso sector?

O brigadas tinha acabado de tomar o café e sorria, agradecendo. Perguntei-lhe o que tinham vindo fazer.

Andavam ha seis dias pelo nosso sector.

Estavam cheios de fome, de sôno e de sêde. Tinham conseguido fugir dum campo de concentração, perto de Calais, e depois de se livrarem vinte vezes da morte tinham podido, ha uns oito dias, ganhar um posto alemão, em frente das nossas trincheiras. Deram-lhes dois dias para descançar e mandaram-nos logo fazer o reconhecimento do sector.

Parecia despreocupado. Cofiava o bigode loiro e inspeccionava a farda cheia de lama. Vendo que lhe tinha caído um botão do dolman, tapou a casa com o braço, como quem esconde uma falta vergonhosa. Erecto, firme, sorridente, parecia encarar o destino com absoluta confiança.

A ordenança estendera a cabeça, num movimento que fazia lembrar o duma ave de rapina pousada, perscrutando hostilmente o espaço, e olhava a linha de abrigos das guarnições dos morteiros. Quando o brigadas acabou de falar voltou-se e fez-lhe qualquer pergunta, levantando de repente a cabeça. O brigadas respondeu secamente:

— *Nein!*

E dirigindo-se para mim, creio que no receio de que eu tivesse percebido a pergunta da ordenança:

— *Nous sommes prisonniers. Nous sommes certains de la loyauté portugaise...*

E enterrou os olhos nos meus, interrogativamente.

Eu tinha ouvido falar, havia uns dias, do fuzilamento de dois espiões alemães que, tendo fugido dum campo de concentração, haviam voltado ás linhas alemãs e se tinham prestado a fazer o reconhecimento dum sector inglês. Mas não quiz deixar a esses homens, que falavam da lealdade portuguesa, uma falsa ideia sobre a sua situação. Disse-lhes que, conforme as instruções recebidas, seriam mandados ao quartel general, e aí entregues aos ingleses.

Os olhos do brigadas tornaram-se primeiro côm de einza. Nas corneas passou depois uma sombra, enquanto as iris assumiam um fulgor estranho, como dois traços fuforeseentes emergindo de duas ondas de treva. Feehou os olhos e desvion a cara. Vi-o troear um olhar de intelligencia com a ordenança. Este encolheu os hombros resignadamente.

Só me lembro de ter sentido uma impressão semelhante á que me produziram os olhos desse homem, uma vez que vi morrer dum tetano um meu visinho.

Arrependi-me da minha brutalidade. Um soldado entregou-me os jornais. Perguntei ao brigadas se queria ler.

— *Mais, oui...*

Os seus olhos tinham readquirido o verde metalico e todo o seu ser aparentava uma esplendida e impressionante serenidade.

Pegou no *Matin* e correu os titulos que encabeçavam os telegramas da guerra. Os franceses e ingleses tinham desencadeado uma ofensiva fulminante no Yzer. Eram enormes as cifras dos prisioneiros e do material apreendido.

— *Oh! vous serez vaincus!*

O brigadas pareceu estranhar o tom de sinceridade das minhas palavras. Fitou-me um instante em silencio e entregou-me o jornal sorrindo desdenhosamente. Esse sorriso era alguma coisa de formidavel. Afrontava como uma bofetada, vexava como um escarro, indignava como a cinica apologia duma iniquidade. O sorriso desse homem era uma verdadeira arma ofensiva. Revelava um tal orgulho da raça, uma tal certeza do triunfo final, que acendia de raiva o sangue do adversario.

Veiu a ordem do comando do batalhão para os dois prisioneiros seguirem imediatamente.

Percebendo do que se tratava, perfilaram-se e esperaram o sinal de marcha.

— *Si vous voulez, du café encore...*

Agradeceram, emborcaram as ultimas goladas e perfilaram-se novamente.

Os olhos do brigadas tornaram a fazer-se da côr da cinza. Pareciam dois carvões apagando-sc. A ordenança olhava agora indifferentemente para tudo, repetindo automaticamente os movimentos do brigadas.

Partiram, entre dois soldados. Atravessaram a passadeira lançada á guiza de ponte sobre a linha de agua que corria em frente do abrigo e sumiram-se na *Lansdowne Street*, a trincheira que ia ter ao comando do batalhão.

Seriam fuzilados provavelmente no dia seguinte, encostados ao muro de um cemiterio ou aos troncos de duas arvores, depois de verificada a identidade e de se averiguar que tinham fugido dum campo de concentração e fornecido indicações das nossas posições ao inimigo.

Eramos nós, os portuguezes, que os entregavamos á morte, visto que os nossos costumes não nos permitiam fuzilal-os com a serena firmeza com que o faziam os pelotões ingleses.

E mais do que o sorriso desdenhoso daquela boca boche, vexou-me a condição de inferioridade em que estavamos em relação ao comando geral. Aqueles prisioneiros eram nossos. Aquelas vidas pertenciam-nos. Nós é que deviamos dispôr delas. Sujava-me a alma

a ideia de que, não tendo a coragem de os eliminar, tomados de cobardia perante a responsabilidade de matar inimigos inermes, fazíamos o papel de os mandar para o açougue, desviando os olhos.

Porque não os fuzilávamos nós? Não mereciam eles a morte?

Se porventura esses dois ignobeis espiões tivessem escapado ás vistas dos nossos e conseguissem voltar para as suas trincheiras, com as nossas posições referenciadas, com os nossos abrigos marcados, não seríamos nós todos assassinados friamente pela artilharia alemã? Não era justo que esses homens pagassem essa tentativa de assassinio em massa?

Os ingleses tinham razão. A guerra tinha de ser conduzida em obediencia á necessidade de vencer. Os espiões não mereciam quartel. Era preciso defender-nos — e essa defeza exigia o sangue desses inimigos que se haviam aproveitado da circuntancia de lhes haverem poupado uma primeira vez a vida para promoverem a nossa morte e o nosso aniquilamento.

A guerra não podia compadecer-se com sentimentalismos de meninas romanticas ou com doutrinas doentias de filosofos faceis. Era preciso vencer e todos os obstaculos ti-

nham de ser eliminados implacavelmente. —
Pois não era isto?

.....
Sentei-me no banco de sacos de terra que se tinha feito junto da boca do abrigo, encostado á parede. Uma esquadilha de caça fugia das linhas inimigas perseguida por outra esquadilha de caça alemã. Um dos nossos aviões foi cercado pelos aviões inimigos, e, para se salvar, fez o *loop the looping* verticalmente sobre a segunda linha, escapando-se depois rente ás arvores.

Todos esses pensamentos de morte e de vingança não seriam, dentro de mim, o residuo da raiva que me fizera acender nas veias o sorriso desdenhoso do prisioneiro alemão?

.....
Os aviões boches, ao avistarem no horizonte outra esquadilha inglesa, retiraram sobre as suas linhas e descreviam agora grandes circulos a enormes alturas, como aves de rapina que haviam deixado fugir a presa e desafogavam a colera indireitando para o céo, numa ameaça, as meninges agressivas.

A rendição

O batalhão estava nas trincheiras havia perto de quatro mezes. Logo no fim do primeiro mez se começou a falar na rendição. Mas os mezes iam passando, e aquella vida gasta do apoio para a primeira linha, da primeira linha para o apoio, entre tectos esburacados e entre sacos de terra, ia-se prolongando indefinidamente. Os batalhões inglezes tinham sido rendidos. Já, na nossa frente, os inimigos tinham sido rendidos duas ou trez vezes. Nós continuavamos, como forçados da guerra, amontoados dentro dos abrigos e das trincheiras — carne pôdre atirada para o guano.

O general dispuzera que as penas correcionaes se cumprissem na primeira linha. Daqui resultava que um soldado a quem faltava um botão era condenado à morte, da qual só escapava pela misericordia das balas ou pelo perdão dos morteiros. Entretanto, aquelles que tinham de responder em con-

selho de guerra por cobardia ou por traição, vinham para a retaguarda até serem julgados, com as vidinhas garantidas até ao julgamento. Esta sábia disposição do comando déra já logar ás coisas mais espantosas.

Estaria porventura todo o batalhão conde-nado a pena correccional e a ficar nas trincheiras até desaparecer o ultimo homem?

Ia-se fazendo nas almas essa impressão que produz um crepusculo continuo. Abandonavam-se os soldados á sorte, como aquele sol doente se abandonava à terra. Para os manter vigilantes nos postos, era preciso rondal-os a todo o instante. Um posto de fuzileiros tinha-se deixado surprender e una patrulha inimiga levara-lhe dois homens, depois de ter matado o cabo.

Era no dia seguinte, conforme a nota do comando, que se fazia a rendição. O batalhão, segundo se dizia, iria para Mametz. A marcha far-se-hia a pé até Paradis, onde esperaríamos os caminhões que nos levariam a Mametz, para além de Ayre-sûr-la-Lys.

Nessa ultima semana de trincheiras pertenencia-me ficar na reserva. Mas como um official de outra companhia fôra chamado não sei para que serviço, eu, que era o official mais moderno, fôra nomeado para o substituir.

A minha ultima ronda era á meia noite. Segui com as ordenanças para a primeira linha.

Na escuridão as aguas dos drenos escorriam como tranças de sombra. Na Garden Trench um troço de pioneiros compunha um travez destruido na vespera por uma granada pezada. Dois soldados enchiam os sacos de terra, enquanto outros dois, de pé sobre a banquetta, os ajustavam e batiam. Nos postos da segunda linha uma das sentinelas vigiava a campanha, com a cabeça enterrada sobre os sacos, enquanto a outra, sentada, dormitava com a espingarda entre os joelhos. Sucediã-se os foguetes. Para Armentières o canhão troava ininterruptamente, incendiando o horisonte. Um foguete de suspensão ficou pairando no ar, como uma pomba luminosa, e foi descendo lentamente, deixando uma claridade de neve sobre as trincheiras.

No primeiro posto de granadeiros, os soldados cochichavam. Viam-se os cunhetes de granadas acumulados a um canto. Os soldados não resistiam à tentação de mandarem uma salva ao inimigo neste ultimo dia de trincheiras, na hora que precedesse a rendição. Chamei os sargentos e tornei-os responsaveis pela boa disciplina da linha. Eles bem sabiam que a retaliação não se faria

esperar, desabando as descargas de morteiros sobre o batalhão que nos rendesse. Denunciava-se a rendição e porventura as estradas e as trincheiras de comunicação seriam batidas, apanhando-nos na marcha para o acantonamento. Fazia-se um dispendio inútil e criminoso de munições e praticava-se um acto de cobardia, visto que não seríamos nós a sentir a paga da agressão. Dei instruções rigorosas aos cabos que comandavam os postos para fazerem remover para os depósitos os respectivos cunhetes e fui percorrendo a linha. Num posto de fuzileiros, onde a Terra de Ninguem começava a estreitar até a trincheira inimiga ficar a pouco mais de vinte metros defronte do *Lansdown Post*, debrucei-me sobre o parapeito e enterrei os olhos na noite.

O bosque de Biez tapava o horisonte como uma cortina de ferro. Como uma aranha colossal, a rêde d'arame emaranhava-se ao longo da linha. Apontei ao alto a pistola e o foguete partiu, abrindo-se quasi perpendicularmente á nossa trincheira. Em baixo a agua corria pelo fosso, como uma babugem da treva, como um dejecto da noite. Alvejaram para a direita os cestões que revestiam um pequeno troço da linha inimiga. Brillhou alguma coisa, para alem da rêde

d'arame. Fiquei alguns minutos bebendo o misterioso fluido que, errando pelos funis das granadas e pelas covas dos morteiros, ascendia pelo talude e se metia dentro de nós como um veneno que nos fazia parar, como que apodrecer, o sangue das veias. Sentiu-se um leve rumor logo em baixo, nas primeiras fiadas de arame. Lancei outro foguete. Era um gato, que, ao ver desdobrar-se o docel luminoso, deu um salto, desaparecendo entre as hervas. Porventura teria havido ali alguma *ferme*, que fôra arrasada pelos sucessivos bombardeamentos, e o gato vinha, em busca do velho lar, aproveitando aquela hora de tregua.

Acabou o meu ultimo quarto. Recolho ao abrigo. — Porque marchou com os olhos no chão? Não cumpri eu o meu dever?

Quando cheguei ao abrigo, e abri a cortina de lona, que impedia a projeção da véla no campo, um official novo dormia, com o capote vestido, sobre a minha cama. Tinha vindo substituir o official de morteiros que morrera ha dias, com o pescoço decepado por um estilhaço.

Sentei-me à porta. As ordenanças tinham-se desviado para traz do abrigo e conversavam baixinho. Levantara-se um vento forte, que fazia ramalhar as arvores que ladeavam

a linha d'agua que corria defronte. As estrelas fechavam continuamente as palpebras, como se o vento lhes atirasse aos olhos as poeiras imundas do imenso campo de batalha. — Não tinha eu cumprido o meu dever?

Sim, tinha-me arriscado a morrer, como todos os outros. Estava ainda arriscado a morrer, como todos os outros. A retaguarda não era um escudo contra a morte. Um sargento inglez, que havia escapado às matanças do Yzer e do Some, que fizera sem um ferimento a guerra desde o primeiro dia e a quem tinham dado, como um premio dos seus serviços, um logar qualquer junto do nosso quartel general, havia sido morto ha dias por um torpedo largado dum aeroplano. Morria-se em toda a parte.

O vento parecia levantar sombras da terra e projetal-as sobre o horisonte, ensanguentado pelo reberbero das fornalhas da fabrica de munições de Yzeberg. As esquadrilhas de bombardeamento não se aventurariam na noite, afrontando a ventania, e na fabrica trabalhava-se confiadamente. — Teria eu cumprido todo o meu dever?

Pelo céo começaram a appareccr as primeiras manchas violaceas da madrugada. As estrelas iam-se afastando cada vez mais da terra, seguindo os caminhos remotos da am-

plidão misteriosa e infinda. Distinguia mais nitidamente os ramos das arvores. Uma passadeira alvejava como um ossuário.

Faltava uma hora para a rendição. Os primeiros pelotões deviam ter chagado à Croix Rouge.

Na primeira linha as granadas de mão estoiram com tal violencia que do comando perguntam se o sector está sendo atacado pelo inimigo. Os soldados despejam os cunhetes sobre a Terra de Ninguem, à tóa, rindo, como acometidos de loucura. Vão sahir por um mez deste inferno, desta lama, desta inundicie de sangue, de dôr, de raiva, de heroismo. Durante um mez só saberão da existencia do inimigo pela presença d'algum aeroplano, voando tão alto, para se poder escapar à perseguição dos nossos aviões de caça, que nem sequer se sentirá, acima das nuvens, o barulho do motor.

Escorrem já pelo chão uns vagos clarões lacteos, que se precipitam com as sombras, perseguindo-as, nos drenos e nas trincheiras. No céo palido, por caminhos ignotos, as estrelas desaparecem da vista da terra.

O primeiro pelotão a ser rendido é o meu. As ordenanças calaram-se e procuram enxergar as primeiras cabeças por cima do paracostas da *Lansdown Street*.

Uma granada rebenta na passadeira e levanta do dreno um montão d'agua e lama que esperrinha para dentro do abrigo. As ordenanças agacham-se. Uma delas comenta:

— Diabo! Por tão pouco não merecia a pena incomodarem-se...

Outra granada rebenta adiante do abrigo, junto da *Lansdowne*. Uma granada pezada passa na direcção do comando do batalhão. O inimigo percebeu que se tratava da rendição e bate os caminhos, as trincheiras e os comandos.

A artilharia inimiga pontúa de explosões o nosso abrigo. Parece dizer-nos:

— Bem sabemos que estais ahi, mas ainda não chegou a hora...

Quando a hora chegar estaremos longe. Sobe do fundo da minha consciencia novamente a pergunta:— Terei eu cumprido o meu dever?

O bombardeamento atraza a rendição. O dia espreme-se, como uma esponja luminosa, sobre o ventre da terra. No nascente forma-se uma nuvem roxa, de bordos irregulares, como uma chaga que se abrisse na face do céu.

As granadas continuam a passar, espaçadamente, para a rétuaguarda. O sol começa

a esportar como um disco vermelho, como uma grande carranca sangrenta.

Chega o primeiro pelotão. Seguimos para a primeira linha fazer a rendição. Tudo está já equipado e pronto. Conforme são rendidos, as guarnições dos postos vão seguindo aos seus destinos, em direcção ao acantonamento.

Rendido o ultimo posto, lanço um ultimo olhar para o bosque e tomo pela *Hun-Street*. Quando passo pelo abrigo dum morteiro pezado, um soldado envieza para mim um olhar de rancor. Ainda não sabem, os pobres, quando serão rendidos. . .

Quero passar pela estrada de Lens, justamente por onde entrei no sector. A mesma *camouflage* esconde a estrada das vistas do inimigo. Dois soldados inglezes conduzem às costas o tronco duma árvore. A mesma máquina agricola jaz inerte e abandonada no campo, corroida da ferrugem, torcida, destrocada. Um official de artilharia atravessa a estrada, direito a um observatório.

Quando me vejo na estrada, levo a cabeça inteiramente vasia e apresso a marcha sem saber porquê, como uma besta de carga, acostumada às grandes caminhadas.

Encontro os primeiros soldados na *Rue de Bois*. Caminhavam aos dois, aos tres, aos bandos, derreados sob o fardo feito com o

lençol impermeavel e o capote, com as mascararas e os respiradores deslaçados, com a espingarda às costas, as mãos segurando as extremidades, como quem leva um lodão. Alguns deixam-se ficar sentados nas bermas da estrada, os dolmans desabotodos, os peitos peludos à mostra, gosando a frescura duma sombra ou vendo correr aos pés um fio de água.

O sol cobre de glória e esplendor êstes farrapos, êstes fantasmas, estas larvas humanas — êstes heroes.

Por Portugal

Tendo passado à reserva, por ter mais de 35 anos, fui colocado como advogado officioso no Tribunal de Guerra que funciona na frente e que está instalado em Saint-Quentin, uma pequena localidade dos arredores de Aire-sûr-la-Lys.

Aboletaram-me numa *ferme*, onde me deram um pequeno quarto, cuja única janela deita para a linha de batalha. A esta hora em que me disponho a escrever ao povo português, terminada a minha acção militar, dando-lhe conta do que vi e do que aprendi, como é minha obrigação de patriota, o canhão trôa para os lados da Belgica. Há três dias que, sem um minuto de intervalo, se ouve para êsses lados o fogo rolante.

Sôbre o modesto fogão do meu quarto, entre duas imagens de santos, metidas em rodomas de vidro, há um relógio. Além do trovão rolante, só a voz desta língua do tempo chega aos meus ouvidos.

Rascanho da alma toda a espécie de sentimento impuro que a injustiça dos homens ou a adversidade dos factos haja gerado dentro de mim. Liberto-me de toda a espécie de prejuízo que me prenda a sistemas. Desfaço-me de toda a espécie de compromissos que me ligue a partidos ou a pessoas. E procuro conseguir que as palavras e os juízos me corram da pena, tão natural e verdadeiramente como a luz corre duma chama.

Desejarei que as minhas palavras toquem o coração do povo, porque desejo medir a realidade, como aquella pêndula vai medindo o presente, como o canhão, ao longe, vai medindo o futuro.

Eis o que tenho a dizer:

Emquanto os sistemas entre os povos não passarem do dominio do comércio, das letras e da diplomacia, e os sistemas de ordenação das sociedades se concretisarem em formulas políticas mais ou menos amplas, a guerra será sempre a condição do mundo. A victoria é que sancionará o direito. O canhão será a voz que se fará ouvir mais alto.

Creio num destino melhor para a humanidade, mas convenço-me de que uma era de definitiva paz e perene abundância será por muito tempo, porventura por seculos de se-

culos, uma generosa concepção de poetas e filósofos.

Creio na victoria do povo. Creio que o rebanho imenso, que pastores cúpidos têm conduzido através as idades à morte, tomará conta dos seus destinos. Os caminhos da vida social vão-se alargando e com os tempos a existência sôbre êste pobre planeta devastado será um pouco mais fecunda e mais feliz.

Mas está ainda por descobrir o estado social da perfeição e por mais que se devesse o horizonte não se vê o braço heróico que sustenha o facho que há de guiar as nações à pleniventura. A Revolução Russa é ainda, e sempre, a guerra. Lenine é um estadista tartaro que conhece Karl Marx.

Por cada guerra, é certo, o povo, ao mesmo tempo que vai juncando a estrada de cadáveres, vai dando mais um passo para a sua libertação. Por cada revolução, é certo, vai-se criando uma nova ordem de idéas, que se reflecte e fixa nas leis como mais uma conquista de liberdade e de justiça. Mas enquanto o direito derivar da fôrça, quer esta seja detida pelas antigas classes privilegiadas, por meio de regimes pessoais ou parlamentares, quer seja detida pelo operariado, por meio de ditaduras ou pelo govêrno das clas-

ses, o povo será sempre a fácil presa da tirania.

Os exércitos são necessários, porque a guerra perdurará. Só pela fôrça os povos poderão defender aquele conjunto de liberdades e direitos que à custa de torrentes de sangue, e de eras de sofrimentos, ganharam e houveram, constituindo hoje o principal património da civilização.

Passou o tempo dos exércitos permanentes. Já não basta a cada nação um certo número de milhares de homens encarregados de velar pela sua independência e segurança. Para uma nação se defender das tentativas de agressão e de rapina dos povos visinhos, não bastam os velhos organismos militares, constituídos por profissionais. Esta guerra diz-nos que se torna absolutamente indispensável, para a vida livre dum povo, organizar as indústrias, de modo a produzir-se um material de guerra inexgotavel, e igualmente indispensável se torna o alistamento nas fileiras de todos os homens válidos, de modo a conseguir-se, nos dois sentidos da extensão e da intensidade, o maior esfôrço útil no menor prazo de tempo. Donde resulta que a soma de sacrifícios em vidas e em dinheiro será cada vez maior, e que, em vez de chegarmos

ao desarmamento, caminhamos para o armamento geral.

Não é adequada à nossa situação a palavra — militarismo. Esta palavra subintende uma instituição fechada, um collegio de servidores da violência, em que os seus membros teem direitos e deveres especiais e sôbre os quaes recai a responsabilidade do triunfo ou da derrota — uma espécie de casta destinada a intervir nas grandes ocasiões, quebrando ou fundindo o ataque ou a resistência do inimigo com o prestígio da sua espada e a tradição da sua heroicidade.

E' às massas que hoje se pede a victoria, e é às fabricas que hoje se exige a sua preparação.

Cada povo deve bastar-se a si próprio. O povo que se não bastar a si próprio, ou arrastará uma existência de condenado, vivendo da humilhação e da miseria, ou gravitará num sistema de alianças, que não será mais do que uma escravidão simulada. O seu commercio, a sua indústria, a sua sciência, a sua litteratura, passarão para as mãos do povo que dominar êsse sistema, e a palavra independência soará a ôco, perdendo-se nos corações a fé no futuro e o culto do passado.

Esta guerra deu aos povos pequenos os

sens grandes meios de defeza — a trincheira e o submarino. Mais do que todos os discursos dos estadistas que prégam a sociedade das nações e afirmam o direito de cada povo se desenvolver livremente, conforme a sua idiosincracia, a sua civilização e a sua história — o inorteiro de trincheira e o submarino de alto mar outorgaram às pequenas nacionalidades a sua carta de alforria.

Não sei o que o futuro reserva à minha Pátria. Se creio que os povos encontrarão um dia uma fórmula que os apróxima directamente e dispense uma diplomacia secreta, por uma internacionalização cada vez maior do pensamento, por um estreitamento cada vez mais íntimo das relações entre os trabalhadores, creio também que as Patrias viverão eternamente, elementos necessários como são do progresso e do equilíbrio sociais. No presente estado de coisas, as Pátrias são a própria condição da vida social. Por isso todos os cidadãos devem ser implacavelmente adstritos ao serviço da sua defeza e ao serviço do seu ideal.

Eu amo a minha Pátria, e sou intolerante — confesso-o altivamente — para com todas as teorias e todos os actos das quais possa resultar a sua fraqueza e o seu desprestígio.

A grandeza do seu passado enche de orgulho e de confiança todo o meu ser.

A teoria das nações moribundas fez o seu tempo. As próprias nações mortas, como a Polónia, erguem-se dos seus túmulos.

Portugueses, é preciso erêr! A erva num outro mundo é só própria do que são incapazes de rasgar neste um caminho luminoso e largo por onde os olhos se estendam sem medo a Deus, onde os pés se firmem sem medo ao inferno. Mas qual é o homem, digno de viver, que não tem a realizar na vida uma missão? E qual é o povo, digno de si próprio, que não tem o seu destino a cumprir?

Eu tenho fé na minha Pátria, e quero, por isso, que a minha Pátria tenha à sua disposição a força indispensável ao inteiro cumprimento da sua missão civilizadora. Quero um exército e uma armada, que sejam as chaves da sua defesa e os instrumentos convenientes e eficazes para a realização completa dos seus destinos no mar e na terra.

Um país banhado pelo Oceano tem as portas abertas para o mundo, para a glória e para a riqueza — e já demonstrámos que conhecemos os caminhos do mar.

Todos os povos, como todos os indivíduos,

devem estar preparados para defender os seus direitos e as suas liberdades: nenhum povo, como nenhum indivíduo, deve hesitar em sair à arena sempre que os seus direitos sejam portergados ou que as suas liberdades sejam ameaçadas.

A lição eterna, que fulgura através as idades, é a de que os povos que amoleçam numa paz, que não seja o fruto opimo dos seus esforços de cada hora e das suas energias aproveitadas ao máximo em cada minuto, e seja o rezultado duma existência de humilhações e de pavores, de uma política de hesitações e de fraquezas, deixarão embotar as suas virtudes no mais torpe comodismo e deixarão que os appetites mais grosseiros tomem o logar aos sentimentos de abnegação e de sacrificio.

Nas nações, como nos cidadãos, tem de haver uma consciência recta. Os cidadãos não devem limitar-se a formar juízos, embora cheios de imparcialidade e de justiça: devem descer à praça publica a afirmar o seu protesto contra a violação da lei e o esmagamento da inocência. Só tem direito a ser possuidor de idéas quem tenha uma boca para as prégar e um pulso para as defender. Do mesmo modo as nações não devem limitar-se a conceder a um povo espesinhado sob a pata do opressor

algumas palavras de simpatia: teem o dever de lutar, de batalhar pelo restabelecimento do direito.

As nações, como os indivíduos, devem ter uma alma alevantada que não desanime perante as dificuldades nem recue perante os obstáculos.

Contestamos que a guerra seja a grande escola de sacrificio, porque nunca foi uma fonte de energia. A guerra declara-se quando o sentimento ofensivo dum povo atingiu o seu momento explosivo. E' na paz que a consciência patriótica encontra os seus motivos e os seus impulsos; é na paz que as energias nacionais se ordenam no sentido de condicionar a victoria. Porisso, os povos que não se prepararam na paz não podem sentir a guerra. A guerra é o entusiasmo dos corações acesos pela paixão da pátria; a guerra é o último período de uma época de alta cultura nacional, em que se infiltra nas massas o sentimento da superioridade da raça. As nações que não se exaltaram no amor da Pátria durante a paz, não podem marchar para a guerra, com êsse ranger de dentes que é a vontade de vencer, com êsse sereno passo que dá a certeza de se cumprir um alto dever.

Esta é a razão por que Portugal não sentiu a guerra. Para uns a ida à França foi um expediente dum partido, que queria salvar-se da perda iminente; para outros foi quasi uma blague. Muitos anos duma paz podre deixaram-nos apagados numa vida vegetativa, propícia ao desenvolvimento das facções políticas e obliteradora dos sentimentos fortes. O interesse de dinastia prevaleceu sobre o interesse geral, no tempo da monarquia; o espírito de seita prevaleceu sôbre o espírito nacional, no tempo da República. As questões cuja resolução era necessária ao bem do Estado fôram postas de parte a favor das estereis disputas de palavras entre os intellectuais ou a favor dos instintos criminosos das harpias do poder. As narrativas heroicas das descobertas e conquistas fôram esquecidas pelas façanhas dos galopins eleitorais ou pelos crimes impunes das chafaricas secretas. O culto dos grandes homens foi substituído pela adoração extactica dos messias da governança.

E' preciso que volte a nós a alma heroica dos descobridores e navegantes, dos fronteiros e dos conquistadores, que levavam no peito, como um sol, a Pátria, e levavam ao alto, como uma espada, a cruz.

A proclamação da Republica foi um supremo instante da lucidez popular e a ida para a guerra foi o supremo instante, o unico instante, em que os nossos homens publicos tiveram a compreensão do interesse e do dever nacionaes. Sem a Republica, a nação teria cahido embrulhada no manto regio, ou aos pés de Affonso XIII, ou nos corredores do Foreing-Office. Sem a participação na guerra, perderiamos as colonias, e passaríamos a levar uma vida de mendigos, tateando na escuridão uma parede para guiar os passos incertos, buscando em vão na caminhada lugubre um tecto sob que descançar a cabeça.

A guerra não foi, em parte alguma do mundo, obra de um homem ou dum partido. A guerra foi a inevitavel consequencia dum estado social precario e de um sistema politico instavel.

O que fica são os factos.

O facto que fica é que Portugal justificou a sua existencia marchando para os campos de batalha em defeza do direito e em cumprimento dos seus tratados.

Antes de os Estados Unidos entrarem na guerra em prol da liberdade dos povos, pondo na balança todo o peso do seu oiro e todo o valor dos seus admiraveis soldados, houve

um pequeno povo, de minguados recursos em dinheiro, em material e em homens, que nem perante a ruina certa, a ameaça de perder o seu imperio colonial e o risco da propria independencia, deixou de cumprir o seu dever. Esse pequeno povo foi Portugal. A atual geração não podia legar aos vindouros nem maior titulo de gloria nem mais justo motivo de orgulho.

Quando os anos da guerra se projetarem nitidamente no horisonte do passado, a Historia, na visão panoramica dos factos, nem sequer atentará nas discussões que se tem travado sobre a necessidade ou desnecessidade, sobre a conveniencia ou inconveniencia da nossa participação armada na Flandres. Tudo isso que se tem escrito não é mais do que um alarido feito por politicos, entregues às suas paixões, ou por jornalistas que escrevem por officio ou por vicio. Esse alarido nunca chegará aos ouvidos da Historia.

Conta-se de um official francez que, tendo ficado feridos ou mortos sob um bombardeamento quasi todos os seus homens, e tendo os poucos ilesos procurado na fuga um refugio ao furacão, ao ver a primeira vaga inimiga lançar-se ao assalto, trepára ao para-

peito, e, na transfiguração epica que dão as grandes horas, comandara:

— Mortos, a pé!

E os feridos levantaram-se, as metralhadoras começaram a crepitar e o assalto foi repellido.

Parece haver muitos portuguezes que trazem dentro de si os corações mortos. A nossa vida parece estar só nos nossos olhos para nos odiarmos, e nos nossos labios para nos caluniarmos.

Aos homens que na Africa e na Flandres afrontaram a morte compete saltar para o parapeito e gritar a esses corações:

— Mortos, a pé!

FIM

INDICE

Ao 1.º batalhão de infantaria 19.....	5
Ao 1.º batalhão de infantaria 22.....	9
A grande aventura	13
De Lisboa a Brest	21
De Brest a Etaples.....	31
Um dia fóra do acampamento	37
Para a frente	45
Na catedral de Aire-sûr-la-Lys	51
A noite de Santo Antonio	59
O tenente Grilo.....	73
Nas linhas de apoio	83
A primeira patrulha.....	89
O metralhador.....	97
Carta a uma mãe	105
Acantonamento de Penin-Mariage	122
Um S. O. S.....	129
Flores da terra de ninguem.....	137
A fuga á morte.....	145
Dois herois	157
Os dois prisioneiros	163
A rendição.....	171
Por Portugal	181

INDICE

161	Por Portugal
157	A realda
153	Os dois prisioneiros
149	Uma noite
145	A casa da morte
141	Plano de terra de ninguém
137	Um S. G. S.
133	Arrebatamento de Santo Matias
129	Carta a uma mãe
125	O matriculado
121	A primeira guerra
117	Um homem de guerra
113	O mundo visto
109	A colheita de Santo Antonio
105	Um animal de cinco olhos
101	Para a terra
97	Um dia fora do tempo
93	De terra e fogueira
89	A grande escopeta
85	As duas batalhas de Indaiatuba
81	As duas batalhas de Indaiatuba
77	
73	
69	
65	
61	
57	
53	
49	
45	
41	
37	
33	
29	
25	
21	
17	
13	
9	
5	

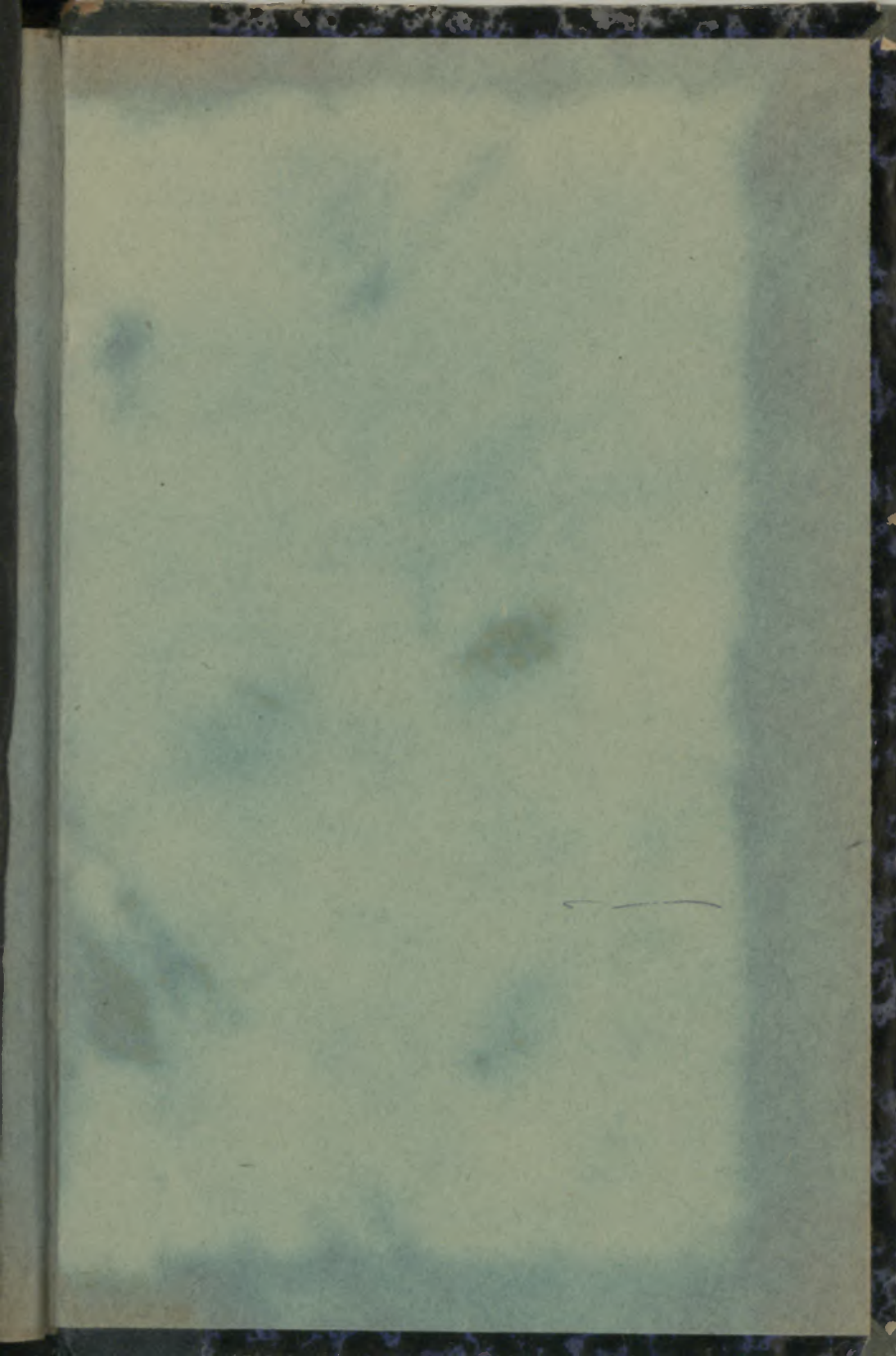
1/2 In
azul

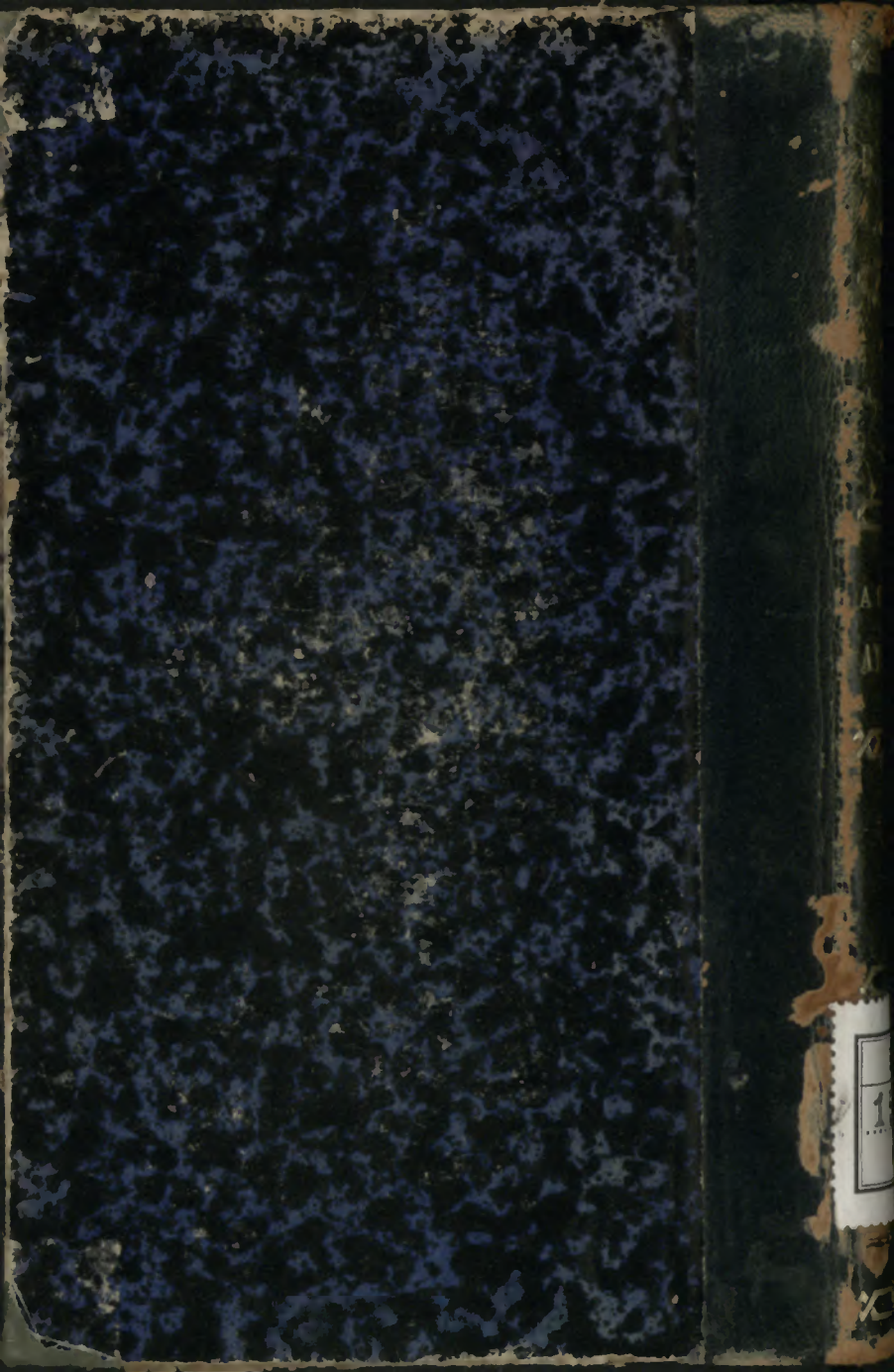
PORTUGAL-BRASIL L.^{DA}

SOCIEDADE EDITORA

38, Rua Garrett, 60—LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA <i>Na Outra Banda de Portugal</i>	1\$50	MANUEL DA SILVA GAIO <i>De Roma e suas conquistas</i>	1\$00
ALBERTO TELLES <i>Camilo na Cadeia da Relação do Porto</i>	1\$20	MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO <i>Paginas escolhidas</i>	1\$50
ANTONIO GRANJO <i>A Grande Aventura</i>	1\$50	MAYER GARÇÃO <i>Os Cem Sonetos</i> (prefacio)	2\$00
AUGUSTO DE CASTRO <i>Conversar...</i> (Sobre Amores, Ironias, Viagens)..	1\$20	OSCAR LOPES <i>Seres e sombras</i>	1\$50
CARLOS MALHEIRO DIAS <i>A verdade Nua</i> , (2. ^a ed.)	2\$00	PAULO DE GARDENIA <i>Lecticia</i>	1\$00
<i>A Esperança e a Morte</i>	1\$00	SAMUEL MAIA <i>Sexo Forte</i>	1\$50
CELSE VIEIRA <i>O Semeador</i>	1\$00	SOUSA COSTA <i>Paginas de Sangue</i>	1\$20
COELHO DE CARVALHO <i>A Eneida de Virgilio</i>	2\$00	<i>Fructo Prohibido</i>	2\$00
CONDE DE SABUGOSA <i>Gente de Algo</i>	3\$00	STUART TORRIE <i>Secretario Commercial da Lingua Inglesa</i> , cart....	2\$00
<i>Embrechados</i> , cart.	1\$50	URBANO RODRIGUES <i>A Duqueza da Baeta</i> ...	1\$50
EDUARDO DE AGUILAR <i>Tragedias de Roma</i>	1\$50	<i>Coração</i>	\$70
EDUARDO SCHWALBACH <i>A Historia da Carochinha</i>	\$60	Theatro:	
EGAS MONIZ <i>A Vida Sexual</i> , enc.....	5\$00	H. LOPES DE MENDONÇA <i>Nó Cego</i> , 3 actos.....	\$80
<i>Um ano de politica</i>	2\$00	JULIO DANTAS <i>D. João Tenorio</i> , 6 actos	2\$00
EMMANUEL LASSERRE <i>Os Delinquentes Passioaes e o Criminalista Impallomeni</i>	1\$20	<i>Rosas de todo o ano</i>	\$40
H. LOPES DE MENDONÇA <i>Sangue Português</i> (2. ^a ed.).....	2\$00	<i>1023</i> , episodio em verso .	\$40
IRACEMA <i>Cartas de mulher</i>	1\$00	<i>Carlota Joaquina</i> , 1 acto .	\$60
JOÃO DE CASTRO <i>Jornadas pelo Minho</i>	1\$00	<i>Um serdo nas Lorangeiras</i>	2\$00
<i>A Comedia de Lisboa</i> ...	2\$00	MARCELINO MESQUITA <i>Almas doentes</i> , 2 actos..	\$60
JOÃO DO RIO <i>A Mulher e os Espelhos</i> , (2. ^a edição).....	1\$50	URBANO RODRIGUES <i>A Posse — Ultima Aventura — Maria da Graça</i>	\$80
<i>Correspondencia de uma estação de cura</i> (2. ^a ed.)	1\$50	VASCO MENDONÇA ALVES <i>Promessa</i> , 4 actos.....	\$60
JULIO DANTAS <i>Como elas amam</i> (2. ^a ed.)	2\$00	VICENTE ARNOSO <i>O Ultimo Senhor de S. Geão</i>	1\$00
<i>Espadas e Rosas</i> , (3. ^a ed.)	2\$00	No Prélo:	
<i>Mulheres</i> , (4. ^a ed.)....	2\$00	ALFREDO APELL <i>Cantos Populares Russos. — Tradições do povo portuguez e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.</i>	
<i>Sonetos</i> (3. ^a ed.).....	\$80	ANTONIO CABRAL <i>Fça de Queirós.</i>	
JULIO DE CASTILHO <i>Fastos Portuguezes</i>	1\$00	JOÃO DO RIO <i>Rosario da Ilusão.</i>	
L. XAVIER BARBOSA <i>Cem Cartas de Camillo.</i>	2\$50		





AL
M
V

1
...

X